

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

MOBILIDADE
RESIDENCIAL

EM ANÁLISE

*Uma Análise
Introdutória*

VITOR RIBEIRO FILHO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

MOBILIDADE RESIDENCIAL EM MANAUS:
Uma Análise Introdutória

Vitor Ribeiro Filho

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS.

APROVADA:

Prof.: Roberto Lobato Corrêa
(Presidente da Banca)

Prof.: Maurício de A. Abreu

Prof.: Marcelo José Lopes de Souza

Rio de Janeiro, RJ - Brasil

junho de 1997

RIBEIRO FILHO, Vitor.

**Mobilidade Residencial Em Manaus: Uma Análise
Introdutória/Vitor Ribeiro Filho.** - Rio de Janeiro, 1997.
xii, 158 f. : il.

Orientador: Roberto Lobato Corrêa.

Dissertação (Mestrado) -

Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Instituto de Geociências.

Bibliografia: f. 126-130.

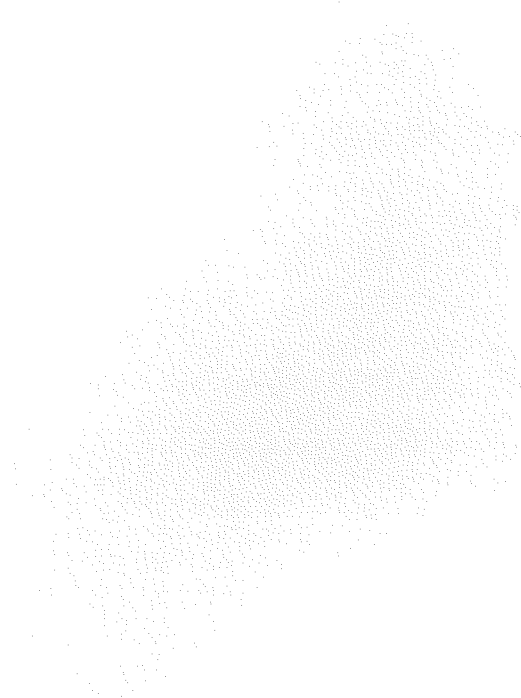
1. Geografia urbana - Teses. 2. Manaus - geografia -
Teses. 3. Mobilidade residencial - Teses. I. Universidade
Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação
em Geografia. Instituto de Geociências. II Título.

CDU: 911.375 (811.31)

*Para meus pais:
Vitor Ribeiro Machado (in memoriam) e
Zulmira Ribeiro Machado, pelo zelo para
com minha educação.*

*Meus professores:
Falcão Vasconcellos, responsável pela
minha inserção na geografia urbana.*

*Roberto Lobato Corrêa, grande mestre e
estudioso da cidade, que me proporcionou
o refazer de minha vida acadêmica.*



Este estudo foi para mim como se acompanhasse o crescimento de uma planta. A semente germinou, cresceu e deu fruto. Não seria possível citar aqui todas as pessoas que participaram deste processo. No entanto, não poderia deixar de ressaltar a participação e o cuidado especial demonstrados por meu orientador, professor Roberto Lobato Corrêa, desde o início até o momento final deste estudo. Vai para ele o meu agradecimento especial.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS, QUADROS E GRÁFICOS.....	v
LISTA DE MAPAS E FIGURAS.....	viii
LISTA DE FOTOS.....	ix
LISTA DOS ANEXOS.....	x
INTRODUÇÃO.....	1
I. DISCUTINDO A TEMÁTICA.....	3
1. Mobilidade Residencial: Quem? Por quê? Para Onde?.....	3
2. Mobilidade Residencial e a Dinâmica Urbana.....	8
3. Mobilidade Residencial e os Imigrantes: Os Padrões Espaciais.....	13
II. MANAUS: A ÁREA DE ESTUDO.....	25
1. Crescimento Demográfico e Reestruturação Urbana.....	25
2. A Definição das Áreas de Estudo.....	34
2.1. Os critérios de seleção.....	34
2.2. As características das áreas selecionadas.....	38
(a) o bairro de Aparecida.....	38
(b) o conjunto D. Pedro.....	45
(c) a ocupação Nova Luz.....	51
(d) o loteamento popular Cidade de Deus.....	58
III. O PROCESSO DE PESQUISA.....	67
1. Os Temas da Pesquisa.....	67
2. Os Questionamentos.....	68
3. Os Procedimentos Operacionais.....	69
3.1. O questionário.....	70
3.2. As dificuldades da pesquisa de campo.....	73
3.3. A elaboração dos dados.....	74
3.4. Os limites dos dados obtidos.....	76
IV. A MOBILIDADE RESIDENCIAL EM MANAUS.....	79
1. Características Gerais.....	79
1.1. Segundo as áreas.....	79
1.2. Segundo naturais e migrantes.....	82

2. Mobilidade Residencial entre os Naturais.....	86
2.1. As razões da mobilidade.....	86
2.2. Os padrões espaciais.....	93
3. Mobilidade Residencial entre os Migrantes.....	98
3.1. A procedência dos migrantes	98
3.2. A localização e trabalho inicial.....	102
3.3. Os laços de parentesco.....	104
3.4. As razões da mobilidade.....	105
3.5. Múltiplas mudanças e características dos migrantes.....	108
3.6. Os padrões espaciais.....	110
4. A Comparação entre Naturais e Migrantes quanto à Mobilidade.....	114
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 121
 BIBLIOGRAFIA.....	 126
 ANEXOS.....	 131

LISTAS DE TABELAS, QUADROS E GRÁFICOS

TABELA 1: Taxa Média Aritmética do Incremento Anual da População do Estado do Amazonas e do Município de Manaus - 1872/1991.....	29
TABELA 2: Evolução da População do Estado do Amazonas e Manaus - 1960/1991.....	29
TABELA 3: Densidades de População na Cidade de Manaus - 1970/1995	30
TABELA 4: Manaus: População, Segundo a Estrutura Etária por Área de Estudo	41
TABELA 5: Renda Familiar das Áreas de Estudo	41
TABELA 6: Situação da Infra-estrutura das Áreas de Estudo	42
TABELA 7: Nível de Escolaridade das Áreas de Estudo	43
TABELA 8: Manaus: Mudanças por Áreas de Estudo	80
TABELA 9: Manaus: População, segundo a Estrutura Etária entre os Naturais e os Migrantes	82
TABELA 10: Manaus: Condição de Ocupação Atual entre os Naturais e os Migrantes	83
TABELA 11: Manaus: Renda Familiar entre os Naturais e os Migrantes	84
TABELA 12: Manaus: Nível de Escolaridade entre os Naturais e os Migrantes.....	85
TABELA 13: Manaus: Motivos de Mudanças entre os Naturais	87
TABELA 14: Manaus: Motivos de Mudanças entre os Naturais segundo o número de vezes em que se mudaram	90
TABELA 15: Condição de Ocupação entre os Naturais segundo o número de vezes em que se mudaram	91
TABELA 16: Manaus: Renda Familiar entre os Naturais segundo o número de vezes em que se mudaram	91
TABELA 17: Manaus: Estrutura Etária entre os Naturais segundo o número de vezes em que se mudaram	92

TABELA 18: Manaus Escolaridade entre os Naturais segundo o número de vezes em que se mudaram	92
TABELA 19: Manaus: Padrões Espaciais da Mobilidade entre os Naturais que se mudaram uma ou mais vezes	94
TABELA 20: Manaus: Origem dos Migrantes por Município segundo, os Estados do Amazonas e Pará	99
TABELA 21: Manaus: Procedência dos Migrantes Amazonenses segundo as Microrregiões Geográficas	100
TABELA 22: Motivos da Migração para Manaus	101
TABELA 23: Moradia Inicial dos Migrantes em Manaus	105
TABELA 24: Manaus: Motivos de Mudanças entre os Migrantes	106
TABELA 25: Manaus: Motivos de Mudanças entre os Migrantes segundo o número de vezes em que se mudaram	108
TABELA 26: Manaus: Condição de Ocupação entre os Migrantes segundo o número de vezes em que se mudaram	109
TABELA 27: Manaus: Renda entre os Migrantes segundo o número de vezes em que se mudaram	109
TABELA 28: Manaus: Estrutura Etária entre os Migrantes segundo o número de vezes em que se mudaram	110
TABELA 29: Manaus: Escolaridade entre os Migrantes segundo o número de vezes em que se mudaram	110
TABELA 30: Manaus Padrões Espaciais da Mobilidade entre os Migrantes que se mudaram uma ou mais vezes	111
TABELA 31: Manaus: Naturais e Migrantes - Estrutura Etária entre aqueles que se mudaram uma ou mais vezes	114
TABELA 32: Manaus: Naturais e Migrantes - Renda Familiar entre aqueles que se mudaram uma ou mais vezes	115
TABELA 33: Manaus: Naturais e Migrantes - Escolaridade entre aqueles que se mudaram uma ou mais vezes	116

TABELA 34: Manaus: Principais Motivos de Mudanças entre os Naturais e Migrantes	117
QUADRO 1: Áreas Seleccionadas - Critérios	35
QUADRO 2: Manaus: Motivos das Mudanças para as Áreas de Estudo	81
GRÁFICO 1: Evolução da População do Município de Manaus	26
GRÁFICO 2: Chegada dos Migrantes a Manaus por Décadas	102
GRÁFICO 3: Localização Inicial do Migrante em Manaus	103

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

MAPA 1: Manaus: Expansão do Espaço Urbano -1896/1986	32
MAPA 2: Manaus: Localização das Áreas de Estudo	36
MAPA 3: Bairro de Aparecida	39
MAPA 4: Conjunto D. Pedro	47
MAPA 5: Ocupação Nova Luz	52
MAPA 6: Loteamento Popular Cidade de Deus	59
MAPA 7: Zoneamento da Cidade de Manaus: Área Central e Periferia Urbana.....	95
MAPA 8: Núcleo Central e Zona Periférica do Centro de Manaus	96
FIGURA 1: Mobilidade Residencial do Imigrante	15
FIGURA 2: Manaus: Esquema da Mobilidade Residencial dos Naturais	97
FIGURA 3: Manaus: Esquema da Mobilidade Residencial dos Migrantes ...	113

LISTA DE FOTOS

FOTO 1: Antiga Igreja de N. S. Aparecida	43
FOTO 2: Casa Dias - antigo estabelecimento comercial no bairro de Aparecida.....	44
FOTO 3: Rua Beco da Indústria - bairro de Aparecida	44
FOTO 4: Modelo original de uma residência do conjunto D. Pedro	49
FOTO 5: Residência transformada no conjunto D. Pedro	49
FOTO 6: Esgoto doméstico - conjunto D. Pedro	50
FOTO 7: Casas de madeira construídas no fundo de vale - ocupação Nova Luz	56
FOTO 8: Casa de alvenaria na rua dos Lagos - ocupação Nova Luz	56
FOTO 9: Ocupação das margens do igarapé Nova Luz	57
FOTO 10 - Avenida N. S. da Conceição - Cidade de Deus	62
FOTO 11: Estrutura de uma casa de madeira - Cidade de Deus	63
FOTO 12: Ocupação das encostas e fundo de vale - Cidade de Deus	63

LISTA DOS ANEXOS

ANEXO 1: Densidade Demográfica por Zona Geográfica da Cidade de Manaus.....	132
ANEXO 2: Documento da cessão de um lote na Ocupação de Nova Luz - Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia.....	133
ANEXO 3: Contrato de Assentamento Provisório no Loteamento Popular Cidade de Deus - Secretaria Municipal de Organização Social - Fundiária ...	134
ANEXO 4: Questionário Aplicado nas Áreas de Estudo	137
ANEXO 5: Matriz Analítica das Áreas de Estudo	141
ANEXO 6: Organização Espacial da Área Central e da Periferia Urbana de Manaus	149
ANEXO 7: Manaus: Número de Mudanças, segundo os Motivos por Áreas de Estudo	158

RESUMO

O estudo teve como objetivo principal investigar os motivos que levaram as pessoas a mudarem de residência no âmbito do espaço urbano de Manaus e a identificação de seus movimentos. A operacionalização da pesquisa consistiu basicamente na aplicação de 220 questionários entre os moradores das áreas de estudo, um bairro antigo, um conjunto habitacional de classe média, uma ocupação e um loteamento popular ilegal.

Os resultados revelaram que os naturais possuem uma melhor condição sócio-econômica e que realizaram um menor número de mudanças em relação aos migrantes. A primeira moradia dos naturais ocorreu majoritariamente na periferia urbana, sobretudo na periferia imediata. Nos deslocamentos posteriores, verificou-se uma espacialização por toda a periferia. Os migrantes também tiveram a sua localização inicial na periferia urbana, porém concentraram-se na periferia intermediária. Nas mudanças subseqüentes, observa-se a periferização do migrante com predominância para a periferia distante.

Em relação aos motivos das mudanças dos migrantes, predominaram aqueles associados aos fatores como o acesso à casa própria e a fuga do aluguel. Entre os naturais o acesso à casa própria também foi a principal causa de mudança. Por outro lado, o casamento e a mudança em função da família, motivos relacionados ao ciclo de vida, também tiveram uma relativa importância em seus deslocamentos.

ABSTRACT

It is the main goal to this study to investigate the reasons which conducted people to move around urban space in Manaus, Brazil, and identifying their movements. Research procedures consisted fundamentally in carrying out a survey among 220 inhabitants from the study area: an old sector, a medium-class group of houses, an occupation, and an squatter settlement.

Results have revealed that naturals live in a better socioeconomic condition, and have moved less times than migrants. Other differences found are that naturals first residence were, in the majority, in urban suburbs, specifically in the immediate one. Migrants had also their first location in urban peripheral, but overwhelmingly in intermediate one. Concerning to naturals posterior shifts, there were an spatial distribution across the whole periphery while on migrants posterior moves it is noticed a process of moving more and more to the periphery, specially to the distant suburbs.

Concerning to the reasons why migrants move, survey's results pointed out that, to migrants, they are predominantly related to agents as home ownership, and escaping from rental expenses. Among naturals, housing access was also the main cause of moving. In addition, marriage, and moves due to family-related affairs - reasons concerned to life-cycle - were also relatively important on their moves.

INTRODUÇÃO

O motivo principal que nos despertou a atenção para esta temática é a possibilidade de compreensão da dinâmica urbana de Manaus e, conseqüentemente, dos processos espaciais e da organização interna da cidade.

Por outro lado, Manaus, como uma grande cidade da Amazônia Ocidental, propicia as melhores condições para um estudo desta natureza, seja por seu crescimento demográfico, seja através da expansão de seu espaço urbano, sobretudo nas duas últimas décadas.

O estudo da mobilidade residencial intra-urbana no Brasil não tem merecido a mesma importância que outras temáticas da geografia. Isto deve-se, em grande parte, ao privilégio de alguns temas em evidência e, de certa forma, ao abandono de outros, que supostamente não proporcionariam a mesma repercussão na divulgação de seus resultados.

Justamente por ser um tema negligenciado nos estudos urbanos brasileiros, resolvemos eleger a mobilidade residencial como tema de nossa pesquisa.

A mobilidade intra-urbana será estudada visando aos seguintes objetivos:

- i- Identificar os movimentos de mobilidade residencial que os moradores realizam na cidade de Manaus, contribuindo para o seu entendimento. Interessamos a compreensão dos padrões espaciais, bem como da natureza social dos agentes que participaram desses deslocamentos;
- ii- Analisar os motivos que levam as pessoas a se mudarem de moradia no âmbito do espaço urbano.

Analisou-se sistematicamente um conjunto de temas referentes à mobilidade residencial em Manaus. Tal análise viabilizou-se através da aplicação de um questionário entre os duzentos e vinte moradores das quatro áreas selecionadas de pesquisa. O propósito foi coletar os dados e informações sobre as características populacionais, habitacionais e sócio-econômicas das

peças entrevistadas. Posteriormente, objetivando uma melhor organização de tais dados, elaborou-se uma matriz analítica.

O presente estudo foi estruturado em quatro capítulos. O primeiro discute a teoria sobre a mobilidade residencial. Nele, procura-se analisar os vários modelos e estudos que contemplam os objetivos e questionamentos da pesquisa.

O segundo capítulo se propõe a analisar as transformações urbanas e demográficas pelas quais Manaus passou nas suas várias fases sócio-econômicas, com ênfase para o momento atual da Zona Franca. Estabelece também os critérios de seleção e as características das áreas de estudo.

O terceiro capítulo trata do processo de pesquisa. A escolha dos temas, os questionamentos e a descrição dos procedimentos operacionais em suas várias etapas.

No quarto capítulo são apresentados e analisados os resultados da pesquisa. Nele é abordada separadamente a mobilidade residencial entre os naturais e os migrantes e, depois, é traçada uma comparação entre os mesmos.

Finalmente, são apresentadas as considerações finais. Os resultados são avaliados segundo o referencial teórico e a partir das questões colocadas anteriormente. Adicionalmente, são suscitados novos questionamentos para posterior investigação.

I. DISCUTINDO A TEMÁTICA

A análise da mobilidade residencial tem sido realizada por vários autores, através de pesquisas empíricas em diferentes realidades. Particularmente para os Estados Unidos e países da América Latina.

Na primeira parte deste estudo, tentaremos abordar as teorias que tratam a mobilidade residencial em suas especificidades buscando, sobretudo, apreender alguns elementos importantes para esta pesquisa.

1. Mobilidade Residencial: Quem? Por Quê? Para Onde?

Os motivos que levam as pessoas a mudarem de domicílio dentro da própria cidade são os mais amplos e complexos possíveis. Não obstante, é possível enumerar alguns deles que a princípio dizem respeito às necessidades e valores da família e, a seguir, às características do ambiente que envolve a casa, o bairro, a vizinhança e as condições de demanda e oferta de imóveis.

Simmons¹ desenvolveu um quadro de referência teórica para a mobilidade residencial baseada na realidade da população norte-americana, a partir de três perguntas-chaves: “Who moves?”; “Why do they move?” e, “Where they move?”. Tais questões se relacionam sobretudo a três variáveis que contribuem para a análise dos movimentos intra-urbanos. A primeira refere-se ao ciclo de vida, incluindo as características demográficas e estilos de vida, a segunda é relativa ao status econômico, combinando medidas de renda, ocupação e educação e a terceira é concernente a segregação, identificando as origens raciais.

“Who moves?” Esta questão está relacionada às características dos agentes da mobilidade. De acordo com Simmons, há uma tendência maior de mobilidade em certas faixas etárias do que em outras. No caso dos Estados Unidos, quem mais muda pertence à faixa etária dos 25 aos 34 anos².

Ainda dentro dessa questão Simmons aponta que em uma área metropolitana, há uma variação espacial do grau de mobilidade residencial, nas quais as áreas urbanas com maior potencial de variabilidade espacial são a área central e, mais recentemente, os subúrbios³.

O tamanho e a taxa de crescimento da cidade são fatores que também tendem a aumentar os índices de deslocamentos intra-urbanos. As cidades grandes estabelecem maiores oportunidades de mudança do que as pequenas, ou seja, o grau de mobilidade é tão maior quanto maiores forem as cidades e sua taxa de crescimento.

Outros aspectos importantes que interferem nos deslocamentos dentro da cidade são a estrutura ocupacional e o nível de renda. Simmons afirma que há uma tendência maior à mobilidade nos grupos de baixa renda e que não são proprietários dos imóveis que habitam.

Para Simmons, “Why do they move?” é uma questão bastante complexa assim definida por ele:

“From any point of view, however, the decision to move is complex. It is concerned, on the one hand, with the needs and values of the household, which change over time, and, on the other, with the characteristics of the environment, which encompasses home, neighborhood, and alternative locations”⁴.

As razões pelas quais as pessoas mudam de residência dentro da cidade, variam de acordo com o poder de atração do novo local ou insatisfação com a residência atual. O fator preponderante é a mudança social que altera a relação entre a família e o ambiente. Assim sendo, o autor estabeleceu três variáveis sociais que contribuem para a mobilidade: 1) a urbanização ou o ciclo de vida; 2) o status econômico e, 3) a segregação⁵.

O ciclo de vida é uma das razões mais fortes para as pessoas mudarem de suas residências. As alterações no ciclo da vida em seus diferentes estágios (nascimento, infância, adolescência, maturidade, casamento, filhos, maturidade dos filhos, aposentadoria e morte), interferem na estrutura familiar e, por isso,

espera-se que os indivíduos realizem algumas mudanças no seu período de vida, fazendo o ajuste da habitação às necessidades da família.

O status sócio-econômico inclui a renda, a ocupação e certas variáveis associadas à habitação. Quando uma família ou indivíduo muda o seu padrão de vida com relação à classe social original isto logo pode implicar no deslocamento residencial, motivado pelo anseio de uma nova área que se identifique com a sua nova posição social. Considerando que as classes sociais têm sua realização e dinâmica no espaço, verifica-se a existência da relação entre estas e sua localização nas áreas urbanas. "The economic status of a neighborhood changes as one social class replaces another; the rich buy out the poor or the poor make life uncomfortable for the rich"⁶.

A renda é também um dos aspectos que contribui para a mudança de moradia ou formação de um bairro com característica sócio-econômica semelhante. Turner⁷ e Eyre⁸ reforçam este aspecto como sinal de ascensão social, quando consideram a busca da casa própria e de outras prioridades nos deslocamentos que os imigrantes fazem dos cortiços para a periferia da cidade.

Já a segregação é identificada com os grupos étnicos e raciais e os seus movimentos intra-urbanos. Embora as trocas raciais não sejam o principal fator gerador de mobilidade, o conflito entre negros, brancos e outros grupos minoritários nos Estados Unidos tem mostrado o agravamento das diferenças sociais e os padrões desiguais de ação e oportunidades na cidade, gerando, por conseguinte, descontentamento, como se exemplifica com a explosão social em Los Angeles em 1992. Segundo Simmons⁹, a expansão gradual de uma comunidade étnica pode levar membros de outros grupos a mudarem de local. Observe-se o caso da expansão dos guetos negros em cidades norte-americanas em direção aos bairros brancos. Se os brancos se sentem ameaçados, mudam-se rapidamente.

De modo similar às análises de Simmons, o estudo que Boyce¹⁰ realizou na cidade de Seattle, entre os anos de 1962 e 1967, aponta como motivo

principal de mudança intra-urbana o descontentamento com a casa ou com a vizinhança atual. E, ao contrário de outros estudos, o autor afirma que a mudança do local de trabalho está pouco relacionada às mudanças residenciais. Isto se deve ao fato da pequena extensão dos movimentos realizados pelos moradores dentro da cidade.

O crescimento da família e a renda do chefe da família são outras razões importantes que Boyce destaca em o porquê as pessoas se movem no espaço urbano.

O “Why do they move?” também diz respeito ao comportamento individual em sua razão de mudar. Wolpert¹¹ desenvolve sua análise numa linha comportamental sobre a migração intra-urbana, cujo conceito básico é “place utility” no qual considera haver um nível individual de satisfação ou insatisfação com respeito a uma dada localização.

A “place utility” tanto interfere no início do deslocamento como determina a nova localização. Esta mudança pode ser vista como um “processo de ajustamento”, em que uma moradia ou localização pode ser substituída por outra de modo a atender às necessidades e os desejos de cada “intended migrant”¹². Desse modo, é determinado que tanto o ambiente influencia o comportamento da família, quanto pode ser influenciado por este. Por exemplo, pessoas idosas da classe trabalhadora têm baixa tendência a se mudar: apenas um fenômeno natural pode fazê-los mudar de local. Porém, o mesmo não acontece com as pessoas idosas da classe média, que podem ser atraídas por um lugar exótico. Contrariamente, os jovens requerem muito pouco incentivo para deixar suas residências.

A decisão para onde mudar (“Where they move?”), por sua vez, é influenciada fortemente pelas condições de oferta e demanda do mercado imobiliário e a sua variabilidade espacial.

A oferta de habitações leva em consideração as futuras variáveis como título de posse, número de quartos, idade do imóvel e localização. A demanda,

paralelamente, envolve características da população tais como renda, estágio no ciclo de vida, tamanho da família e lugar de trabalho¹³. A escolha da futura habitação da família envolverá um complexo processo de seleção. Contudo, Simmons postula como hipótese principal o custo do imóvel.

A variação espacial dos tipos de imóveis em diferentes partes da cidade vai depender não só das prioridades que a família determina para diferentes características da habitação, mas também do custo e da quantidade dos imóveis oferecidos em diversas áreas da cidade. Exemplos: uma mansão suntuosa em setor de amenidades; um duplex na área central ou um bangalô no subúrbio.

A distribuição dos vários tipos de habitação pode afetar ou determinar a direção do fluxo. A família pode optar pela variedade de habitação na área central ou por moradias no subúrbio. Ao escolher o centro da cidade, as pessoas têm optado pelo acesso; já quem opta pelo subúrbio tem dado mais importância ao espaço e a tranquilidade.

O melhor referencial para se perceber de para onde as pessoas mudam é a residência anterior. Simmons afirma que quase um quarto das mudanças verificam-se dentro da mesma área de pesquisa, ou seja, perto da origem¹⁴. A tendência da escolha de destinos próximos tem duas razões possíveis: uma é a manutenção da familiaridade espacial e a outra é a manutenção do acesso à cidade como um todo. Tais mudanças de curta distância estão associadas às necessidades de habitação dentro de uma mesma área social.

Famílias de classe social mais elevada tendem a mudar para locais mais distantes. Grande parte muda para fora da própria área censitária, fora da área central e, até mesmo, ultrapassam os limites da área metropolitana. Seus critérios de seleção são mais amplos e abarcam um conjunto mais complexo de ajustamento às suas necessidades e anseios.

A análise que Simmons desenvolve para os deslocamentos intra-urbanos é totalmente voltada para a realidade norte-americana e, como bem sabemos, não corresponde à realidade brasileira. No entanto, a reflexão teórica que o autor faz

sobre esta temática e principalmente os seus questionamentos (“Who moves?”, “Why do they move” e “Where they move?”) são elementos cuja aplicação mais nos interessam no desenvolvimento de nossa pesquisa. Afinal, os questionamentos são gerais, enquanto as respostas, que nos interessam, são singularizadas.

2. Mobilidade Residencial e a Dinâmica Urbana

Os deslocamentos intra-urbanos fazem parte de um processo relativo à existência e reprodução dos diversos grupos sociais. “Processo este que se traduz na constante organização e reorganização destas no espaço e, por sua vez, na criação e recriação do espaço urbano”¹⁵. Portanto, estes movimentos são frutos da dinâmica social.

A mobilidade residencial apresenta ritmos e natureza diferenciados em sua ocorrência urbana, como se exemplifica com a renovação urbana da área central ou com o processo de expansão da periferia metropolitana. Tais movimentos são reflexos da dinâmica da sociedade, sujeita a constantes modificações econômicas e sociais, as quais certamente afetam a organização espacial da moradia na cidade.

A renovação urbana interessa-nos na medida em que considera a razão de as pessoas serem expulsas do seu local de moradia e não com relação à reocupação do centro da cidade. Até porque esta desempenha um papel menor no que concerne à reconstrução de residência.

As áreas deterioradas do centro, em muitos casos, constituem-se em ponto de recepção dos imigrantes de baixa renda: o cortiço é um dos exemplos. No entanto, a renovação urbana pode encerrar esta fase de transição, alterando o uso do solo nas áreas centrais renovadas, com a expansão do *core comercial* em relação às antigas moradias. A destruição do célebre “Ninho dos Corvos” na cidade de Londres, cedendo lugar à construção de ruas largas e luminosas por

onde circula o “grande mundo londrino”, é um dos exemplos relatados por Engels¹⁶. Outra exemplificação, não menos importante, é a que Castells¹⁷ fornece sobre a “Cidade do Povo”¹⁸, velho bairro parisiense, na sua maioria constituído de população operária imigrante. O antigo bairro francês apresentava características de moradia de passagem e a proximidade da área comercial em expansão propiciava as condições básicas para uma operação de “reconquista urbana” visando à mudança de forma, função e símbolo do uso do solo. Foram muitos os residentes expulsos e, após a luta pelo direito à moradia, houve o realojamento de alguns moradores em conjuntos habitacionais (HLM - Habitation à Loyer Hoderée) construídas pelo Estado, enquanto outros foram alojados de forma individual nos subúrbios.

Os projetos de renovação urbana para as áreas deterioradas em grandes metrópoles têm a tendência de agravar o problema da habitação, diminuindo o número de moradias baratas e deslocando o problema no espaço¹⁹. O caso norte-americano evidencia a questão: a) a habitação pública não segue o ritmo da demolição e b) a renda das pessoas desalojadas dos “slums” não é suficiente para custear uma nova moradia no mercado imobiliário.

Diante desses fatores perguntar-se-á: “Para onde vão as pessoas cujas casas foram demolidas?”. A este respeito, Castells diz o seguinte:

“Um estudo feito pela Universidade da Califórnia do Sul, em 1961, e versando sobre 47.252 famílias de quarenta e uma cidades, mostrava que 25,9% se mudaram para as habitações recomendadas pelas autoridades locais. Dentre elas, apenas 30% se alojaram de novo em habitações insalubres. Mas entre os 74,1% que encontraram sozinhas uma nova moradia, 90% estavam em habitações deterioradas”²⁰.

Mesmo com as verbas especiais previstas para ajudar os desalojados²¹, não foi possível evitar que grande parte das famílias desalojadas voltassem a habitar em residências deterioradas, pagando aluguéis mais altos²².

No tocante à renovação urbana nos Estados Unidos, cabe ainda ressaltar a

demolição dos “pardieiros”, na qual os alvos prioritários foram os quarteirões negros. Greer²³, aponta que “Os Negros ocupam cerca de 25% das moradias deterioradas e quase 70% das moradias visadas pelos programas de renovação urbana são ocupadas por negros”.

Ao eliminar os “pardieiros”, muda-se o uso do solo e deslocam-se os negros pobres para dar lugar aos brancos ricos. Sem dúvida alguma a renovação urbana contribuiu para reforçar a segregação residencial, ao invés de atenuá-la.

No Rio de Janeiro, a “Reforma Passos” foi um processo de renovação urbana implementado na primeira década deste século, mudando a forma urbana da área central da cidade²⁴. Para isto, foi necessário demolir quarteirões de cortiços habitados pelos operários para dar lugar ao alargamento das ruas e a abertura de novas artérias.

Uma das obras mais importantes desse período foi a construção da atual Av. Rio Branco, sendo para tal necessário destruir aproximadamente duas ou três mil casas e, na falta de construção por parte do Estado de habitações em substituição às que foram destruídas, restou como alternativa para a população pobre expulsa dos cortiços, a realocação nas favelas e no subúrbio carioca.

Em Manaus, a “Cidade Flutuante”²⁵ foi uma das remoções mais importantes, em meados da década de 60. Ao contrário do que o governo dizia, a retirada das moradias flutuantes se deu em função do aspecto paisagístico do local²⁶ que incomodava o “portal” de entrada da cidade, das dificuldades de acesso da navegação ao “Rodway” e principalmente, a implantação do Projeto da Zona Franca de Manaus.

Alguns moradores da “Cidade Flutuante” foram removidos para os conjuntos habitacionais Costa & Silva e Flores e outros para bairros periféricos, em terra firme, como Santa Luzia, São Raimundo, Morro da Liberdade, São Lázaro, Crespo, Lagoa Verde, Jardim dos Barés, São Jorge, Vitória Régia, Vila da Prata, Compensa e Alvorada²⁷. Cabe ainda dizer que o processo de realojamento ocorreu de forma autoritária e em muitos casos sem tempo hábil

para a população providenciar a mudança de seus pertences. Isto, sem contar que a maioria daqueles moradores perdeu as suas fontes de emprego e os seus estabelecimentos comerciais e de serviços.

Com relação à ocupação da periferia urbana, Corrêa²⁸ faz a seguinte diferenciação de sua urbanização com fins residenciais: a urbanização de status e a urbanização popular. Esta diferenciação associa-se a padrões distintos de mobilidade residencial.

A urbanização de status se dá em setores de amenidades físicas e/ou socialmente produzidas que absorve a demanda solvável da população de alto status, a qual cria bairros seletivos com suas mansões, seus condomínios fechados ou suas casas de luxo.

As terras da “periferia” transformadas em bairros nobres, onde residem os grupos sociais de alto status, são frutos de valorizações fundiárias que em um passado não muito distante, eram consideradas periferias urbanas²⁹. E mais, “estes bairros fisicamente periféricos não são percebidos como estando localizados na periferia urbana, pois afinal de contas os bairros de status não são socialmente periféricos!”³⁰ Desse modo, a cidade vai sempre crescendo, incorporando novas áreas e segregando os seus moradores de acordo com a estratificação social. A Barra da Tijuca no Rio de Janeiro, Boa Viagem no Recife e Alphaville em São Paulo, exemplificam esta situação.

A dinâmica espacial do grupo de alto status produz novas áreas sociais em bairros seletivos. O objetivo da mudança é atender às necessidades e os desejos de cada indivíduo com o ambiente e satisfazer seus “novos estilos de vida”.

Ao contrário da urbanização de status, a ocupação do setor periférico (no sentido de áreas mais distantes do centro) sem as características de amenidades e com o mínimo de infra-estrutura, fica relegada à população de baixa renda que sem muitas opções de adquirir ou construir suas moradias, sujeitam-se à segregação sócio-espacial e a especulação imobiliária.

Neste processo de expansão da periferia urbana popular são percebidas três formas de organização do espaço: 1) os loteamentos populares e a auto-construção; 2) os conjuntos habitacionais e, 3) as favelas³¹. Cada uma delas tem um significado distinto, mas refletem o processo de produção de moradias.

Os loteamentos populares (clandestinos ou não) aliados ao fenômeno da auto-construção, têm sido uma das alternativas utilizadas pelas famílias de baixa renda que mediante ações espontâneas, constroem suas moradias de forma rápida e improvisada com sobretrabalho e, aos poucos - com a economia dos gastos de aluguel - vão aumentando e melhorando a condição da habitação.

O Estado, através de uma política habitacional caracterizada principalmente pela construção de conjuntos habitacionais nos subúrbios, tem sido uma outra forma de produção de moradias.

Observa-se, porém, que esta ação governamental não resolveu o problema do déficit habitacional e somente modificou a “forma-aparência” da periferia urbana brasileira. E ainda, por outro lado, é um modelo desarticulador da cidade³².

A localização periférica dos conjuntos parece ter obedecido a um padrão de distanciamento do centro verificado praticamente em todos os casos. As classes trabalhadoras são as grandes vítimas desse processo. São deslocadas para áreas com carência de equipamentos coletivos, distantes do centro e dos locais de trabalho. Além do mais, em grande parte dos casos têm que arcar com o elevado valor da prestação da habitação.

E, por fim as favelas, nas suas mais diferentes formas, aparecem como uma das únicas trajetórias possíveis para a realização do sonho da casa própria da população de baixa renda e, geralmente, menos qualificada. Mesmo que seja em condições de habitação subumana. O que importa é ter um local para morar. As favelas periféricas que surgem da noite para o dia, convertem-se em grande fenômeno do crescimento urbano e primeiro local de recepção dos imigrantes de baixa renda.

Atualmente, todas as áreas residenciais de estratos sociais baixos e, em parte, médio-baixos, têm a função receptora de imigrantes. Ainda, em escala crescente, se oferece moradia de aluguel em bairros periféricos como as favelas mais antigas que, em grande parte, já estão consolidadas e, mais recentemente, bairros periféricos de moradias populares.

O ato de morar ilegalmente (ocupar e/ou invadir) em um terreno do Estado ou de um particular, leva a população a ocupar não só as áreas mais longínquas, mas também os morros íngremes, mangues, fundos de vales e margens de igarapés e rios, no intuito de “resolver” o seu problema de moradia. Este processo está em constante movimento porque o espaço urbano é mutável e a mobilidade residencial está sujeita ao ritmo e a dinâmica que a sociedade reflete na cidade.

Portanto, as diferentes formas de deslocamentos intra-urbanos da população de baixa renda na cidade contribuem de forma decisiva para a expansão da periferia popular.

3. Mobilidade Residencial e os Imigrantes: Os Padrões Espaciais

Os fluxos vinculados à mobilidade residencial podem, a partir da bibliografia, ser definidos em três padrões: 1) centro-periferia, 2) no âmbito da periferia e 3) disperso no espaço urbano.

No primeiro padrão os estudos sobre a mobilidade intra-urbana, que Mangin³³ e Turner³⁴ realizaram para a América Latina constataram que o imigrante tem, como primeiro local de moradia, as residências deterioradas da área central, em virtude de seu abandono pelas elites que ali habitavam. Esta primeira localização se deve ao fato de que o imigrante chega à cidade tendo como prioridade residir junto às fontes de oportunidades de emprego.

Nessa conjuntura, o imigrante precisa de acomodações baratas e opta por um espaço para viver no centro da cidade, próximo ao local de trabalho que o

absorve.

“(...) a young, unskilled migrant to the transitional city will be primarily concerned with getting himself a job and, through it, an urban skill and income that will enable him and his (present or future) family to live tolerably well. A very cheap bedspace or, if he has a family, a rented room in a run-down tenement would be far more appropriate than a modern standard dwelling that would absorb an impossibly high proportion of his income.”³⁵

À medida em que os imigrantes conseguem um emprego seguro e isto resulte em uma melhoria do nível de vida, deslocam-se para a periferia urbana, onde constroem suas casas próprias. Este último movimento estaria associado a uma ascensão social.

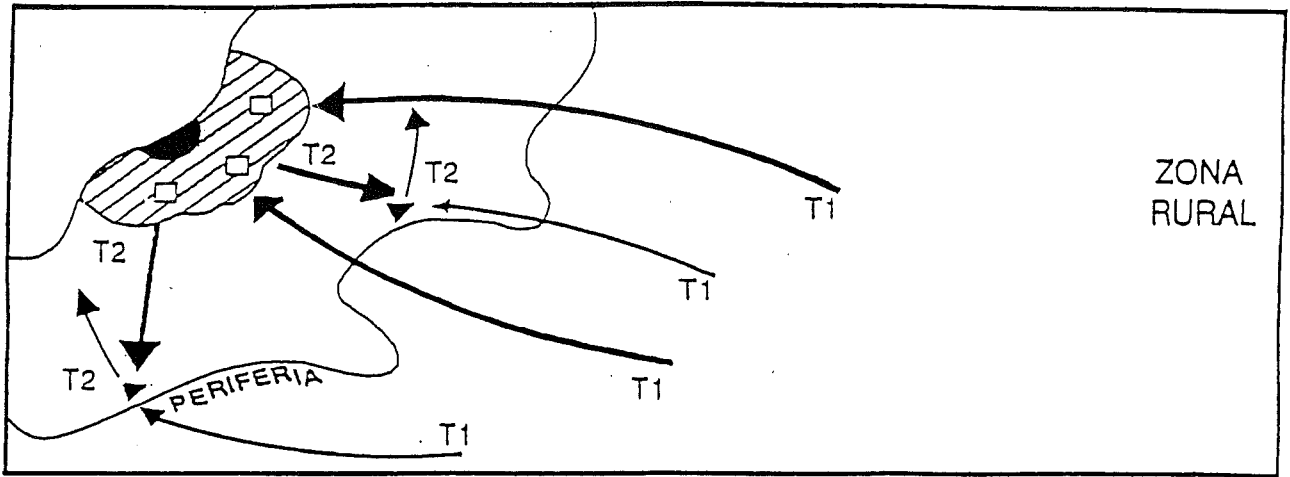
Eyre³⁶ chegou a conclusões semelhantes à proposta de Mangin-Turner com relação aos resultados obtidos no estudo da origem da população urbana de dez favelas, em Montego Bay na Jamaica. Verificou-se que os imigrantes deslocavam-se da zona rural habitando inicialmente os “slums” nas proximidades da área central; a seguir, realizavam um refluxo dos “slums” para as favelas da periferia urbana, livrando-se das altas densidades populacionais e dos aluguéis. Os demais movimentos são de menor importância (ver fig. 1A)

O segundo padrão espacial da mobilidade residencial tem no estudo de Ward³⁷ um bom exemplo. Nele, o autor analisou três áreas³⁸ na Cidade do México - Santo Domingo los Reyes, Isidro Fabela e Sector Popular - constatando um declínio da clássica “vecindad” de localização central como ponto de apoio para os imigrantes.

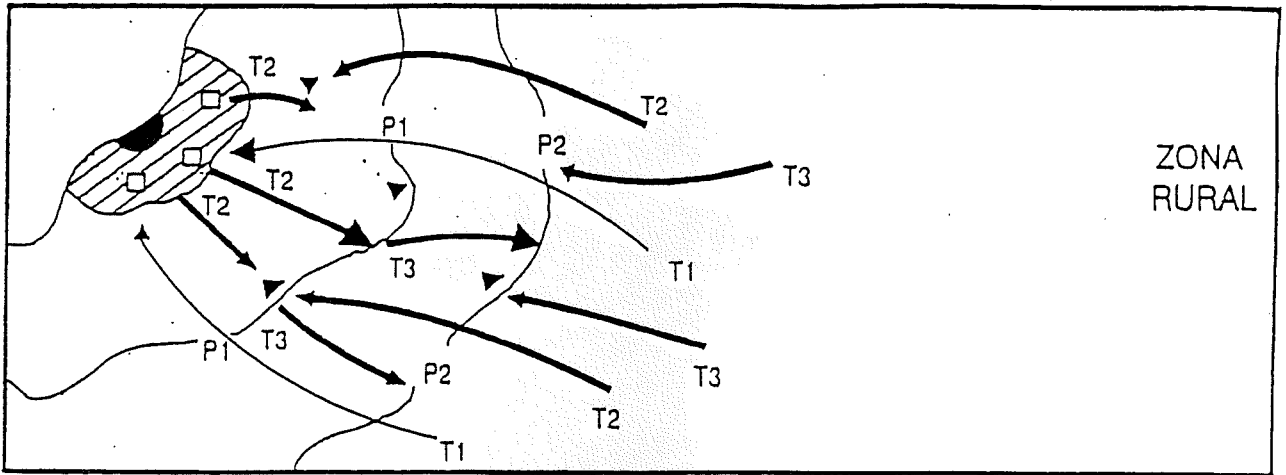
Num total, 15%, 11% e 30% dos entrevistados em Santo Domingo los Reyes, Isidro Fabela e Sector Popular, respectivamente, localizaram-se inicialmente nas clássicas “vecindades” centralmente localizadas. Demonstrando claramente o rompimento do padrão centro-periferia apontado anteriormente. No entanto, as “vecindades” continuam a representar uma alternativa importante dentro do sistema de moradia barata.

FIGURA 1 - MOBILIDADE RESIDENCIAL DO IMIGRANTE

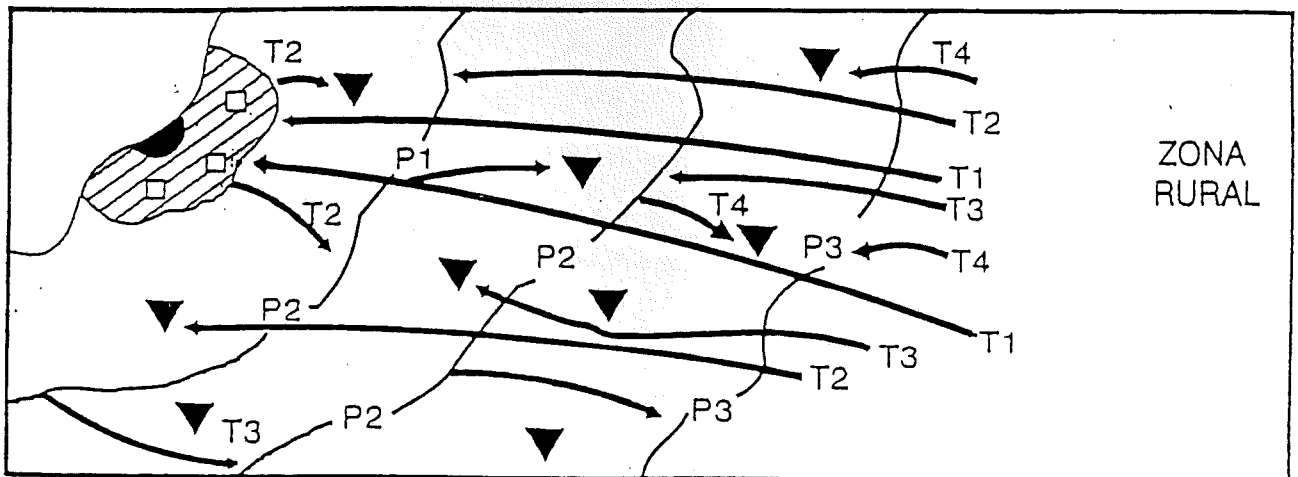
1- A Segundo Corrêa baseado em Turner (1968) - Eyre (1972)



1- B Segundo Corrêa baseado em Ward (1976) - Vernez (1974)



1- C Segundo Ribeiro Filho baseado em Vaughan, Feindt (1973) e Corrêa (1976)



- Núcleo central
 - ⊗ Zona Periférica do centro
 - Cortiços
 - ▼ Favelas
- } Área Central
- p1 Periferia Imediata
 - p2 Periferia Intermediária
 - p3 Periferia Distante

- FLUXOS
- Dominantes
 - Secundários
- T1 }
T2 }
T3 }
T4 }
- Etapas da Mobilidade

Outra contribuição importante para este estudo foi a de Vernez³⁹ quando acompanhou a trajetória do migrante na cidade de Bogotá. Os resultados mostraram que, inicialmente, a maioria dos imigrantes localiza-se na periferia e em outros setores da cidade e, não mais, nas áreas deterioradas do centro.

Tal mudança ocorre devido a vários fatores. Um deles é a pequena oferta de residências nas áreas deterioradas em relação à grande procura pelos imigrantes. Outro, associa-se ao fato de que não há mais famílias de elevado status que se deslocam para os setores mais afastados do centro, seja porque parte das residências abandonadas era habitada pela classe média ou porque os imigrantes fixaram-se nessas áreas⁴⁰. E ainda, verificou-se a expansão do setor comercial em detrimento da área residencial.

Nesse mesmo estudo Vernez destaca que a localização do imigrante na periferia deve-se ao aumento da oferta de moradias neste setor (seja através das ocupações ou do aluguel) e ressalta também que não existe mais a relação entre o primeiro local de moradia e a oportunidade de emprego. Isto ocorre devido ao menor custo e a melhoria do transporte público, além da dispersão da oferta de emprego por outras áreas da cidade.

A figura 1-B mostra-nos que há um prolongamento nas etapas da mobilidade residencial realizada pelos imigrantes. Primeiramente, um fluxo secundário da zona rural em direção aos "slums" da zona periférica do centro, depois, um fluxo dominante da zona rural ou das cidades pequenas para a periferia imediata da cidade e, finalizando esse processo, constata-se a periferização do imigrante, formando novos bairros, cada vez mais distantes, em áreas legais e ilegais, motivados pelo desejo de adquirir a casa própria.

Analisando o exemplo do Rio de Janeiro verifica-se que as favelas constituíram-se em um elemento importante na fase posterior de localização do imigrante, devido à sua expulsão das áreas centrais renovadas⁴¹. A periferia da cidade é o espaço-palco, não somente da população natural de baixo status, mas também dos imigrantes da Zona Rural e das pequenas cidades do interior e/ou

dos deslocamentos dos grupos sociais da periferia cristalizada.

O estudo que Pacheco⁴² desenvolveu no loteamento Jardim Vista Alegre, implementado na década de 70, em Queimados - na época, distrito de Nova Iguaçu - reflete a trajetória dos moradores desse loteamento na Região Metropolitana do Rio de Janeiro e confirma a grande mobilidade residencial no âmbito da periferia.

Segundo dados da pesquisa de campo realizada em janeiro de 1981, Pacheco verificou que:

“Do total dos que se deslocaram para o Jardim Vista Alegre 2,56% vieram do próprio loteamento e 78,21% procederam do entorno imediato; portanto, de uma zona que também pode ser caracterizada como longínqua e precária. Outros 11,54% vieram de localizações próximas, aqui chamadas de entorno intermediário, quer de locais da periferia intermediária situados dentro dos limites municipais da cidade do Rio de Janeiro. Somente 6,41% procederam do núcleo metropolitano e da periferia imediata”⁴³.

O desejo de obter a casa própria e ao mesmo tempo ficar livre do aluguel, foi uma das razões determinantes que fizeram com que 78,21% dos moradores deixassem a residência anterior. Embora, para atingir este objetivo, os trabalhadores de baixa renda não meçam esforços, sendo capazes de participar, como pioneiros do processo de ocupação desses novos loteamentos, enfrentando os custos e desgastes da auto-construção. No caso do Jardim Vista Alegre, o principal fator de atração foi o valor do terreno. Prestações mensais baixas levaram 41,81% dos trabalhadores a escolherem esta área como local de residência⁴⁴. Desse modo, fica evidenciado que tais deslocamentos residenciais estão condicionados à situação financeira da população de baixa renda.

Esses dados mostram que antes dos moradores chegarem ao Jardim Vista Alegre, fez-se um movimento circunscrito no espaço periférico, confirmando a hipótese de Vernez de que a obtenção da casa própria pela população de baixo status gera estabilidade residencial.

Outra contribuição que não pode deixar ser somada aos estudos até aqui mencionados, é aquela fornecida pela análise de Paviani, Campos e Farret⁴⁵, sobre Brasília-DF. Embora não possa deixar de ressaltar as especificidades do processo de urbanização ao qual a capital do país se submeteu com relação ao seu planejamento, organização espacial e distribuição geográfica dos assentamentos, para melhor compreensão do quadro sócio-espacial em que se dá as migrações intra-urbanas.

Dos 608 chefes de famílias entrevistados no Distrito Federal, os autores constataram que o “Núcleo Central” não seria a porta de entrada da maioria dos migrantes e, sim, a periferia urbana. Os dados a seguir mostram que os migrantes já chegam diretamente para a periferia do Distrito Federal: “Núcleo Central, 24,3%”; “Periferia Imediata, 24,0%”; “Periferia Intermediária, 43,4%” e “Periferia Distante, 7,3%”⁴⁶. No entanto, não se pode desprezar a importância do núcleo central como ponto de apoio da primeira residência. Também ficaram constatados como fatores determinantes na localização residencial do imigrante, os laços de parentesco.

O terceiro padrão é marcado por uma localização dispersa do imigrante no espaço urbano. O Estudo que Davies, Blood e Albaum⁴⁷ realizaram com os chefes de família que emigraram para a cidade de Guadalajara, no México, constatou que esses imigrantes localizaram-se inicialmente de forma dispersa por toda área urbana.

Os autores em questão contestam o modelo de Mangin-Turner: “In sharp contrast to the concentration of newly-arrived migrants in inner city tenement slums postulated by the Mangin and Turner model, these migrants located quite uniformly throughout the Guadalajara urban area”⁴⁸. Por outro lado, afirmam que em Guadalajara não ocorre o fenômeno da existência de residências deterioradas na área central, como na Cidade do México, Lima e outras metrópoles do mesmo tipo; o que se verifica é uma concentração da população de classe média nessa área.

O fator decisivo para a escolha do primeiro local de residência pelo imigrante, deve-se principalmente aos laços de parentesco e a ajuda que os parentes e amigos dão na procura do emprego. Como Guadalajara, há tempos, recebe correntes migratórias, os imigrantes possuem parentes e contatos espalhados por diversos setores da cidade.

Os estudos que Vaughan e Feindt⁴⁹ realizaram para a cidade de Monterrey, no México, chegaram a resultados bastante semelhantes aos de Davies, Blood e Albaum. A localização inicial dos imigrantes chegados a Monterrey procedentes das áreas rurais e de pequenas cidades, apresentou a tendência à forma dispersa por toda área urbana (vide fig. 1C): “Migrants, upon arrival in Monterrey, were dispersed throughout the metropolitan area, and were not heavily concentrated in any particular section”⁵⁰.

Um fator dos que mais contribuíram para esta dispersão dos migrantes no âmbito do espaço urbano foi o número relativamente pequeno de residências deterioradas na área central de Monterrey, mesmo que este setor ainda apresente vários edifícios velhos e altas densidades populacionais. O “Primer Cuadro”⁵¹ continua a reter a classe média baixa e os trabalhadores “blue-collar”, mais qualificados. Restringindo o acesso a habitação para a população de baixa renda, inclusive os imigrantes⁵².

O rápido crescimento industrial da economia de Monterrey entre os anos de 1920 a 1950, e a sua dispersão para além do “Primer Cuadro” fizeram também com que as oportunidades de empregos se espraiassem no espaço metropolitano, atraindo as classes trabalhadoras para essas novas localizações das atividades industriais. A expansão do setor comercial na área central foi um dos fatores que contribuíram para deslocar um grande número de residentes para outros locais da área metropolitana, reduzindo o número de moradias no “Primer Cuadro”.

Um elemento de fundamental importância para o entendimento deste padrão é a compreensão de que parentes e amigos formam uma rede que

auxilia os migrantes a se estabelecerem na cidade. Portanto, ao chegar em Monterrey, a maioria dos imigrantes já tem local para onde ir e facilidade em conseguir o trabalho devido à influência dos laços de parentesco.

Para a realidade brasileira e, em específico, o caso do Rio de Janeiro; Corrêa⁵³ - baseado nos resultados do Censo Demográfico de 1970 - elabora duas hipóteses, sendo que uma delas contempla este modelo:

“Com base nas evidências dos trabalhos de Davies, Blood e Albaum; Vaughan e Feindt, e de Vernez, hipotetiza-se que na cidade do Rio de Janeiro os imigrantes recém-chegados não se localizam majoritariamente na zona de obsolescência, mas em todo o espaço carioca.”

Os modelos apresentados ajudam na compreensão do comportamento do imigrante no espaço urbano latino-americano. Os quais, no entanto, não podem ser analisados de forma estática e distante da realidade de cada cidade, seja nos seus aspectos sócio-econômicos ou no uso do solo urbano. Principalmente porque após a Segunda Guerra Mundial, especialmente durante as décadas de 50 e 60, verificou-se um crescimento acelerado da periferia urbana dos países de Terceiro Mundo em função do grande fluxo migratório para as áreas metropolitanas, alterando de forma significativa, a estrutura habitacional desses centros urbanos.

A discussão que se seguiu é importante porque ela nos remete à cidade de Manaus, onde o processo migratório foi acelerado sobretudo a partir da década de 1970.

NOTAS REFERENTES AO CAPÍTULO I:

- (1) J. W. SIMMONS. Changing Residence in the City: A Review Intra-urban Mobility.
- (2) SIMMONS, op. cit., p. 625.
- (3) SIMMONS, op. cit., p. 626.
- (4) SIMMONS, op. cit., p. 628.
- (5) SIMMONS, op. cit., p. 629.
- (6) SIMMONS, op. cit., p. 632.
- (7) J. C. TURNER. The Barriada Movement.
- (8) L. A. EYRE. The Shantytowns of Montego Bay, Jamaica.
- (9) SIMMONS, op. cit., p. 634.
- (10) Ronald D. R. BOYCE. Residential Mobility and its Implications for Urban Spatial Change.
- (11) Julian WOLPERT. Behavioral Aspects of the Decision to Migrate.
- (12) Lawrence A. BROWN e Eric G. MOORE. The Intra-urban Migration Process: A Perspective, p. 201.
- (13) SIMMONS, op. cit., p. 637.
- (14) SIMMONS, op. cit., p. 640.
- (15) Valéria G. COSTA. A Mobilidade Residencial: Um Estudo de Caso na Favela Pau da Fome, Município do Rio de Janeiro, p. 16.
- (16) Friedrich ENGELS. A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra.
- (17) Manuel CASTELLS. A Questão Urbana.
- (18) “Cidade do Povo” é uma metáfora que o autor utilizou na sua pesquisa em uma área de Paris, no ano de 1970.
- (19) CASTELLS, op. cit., p. 353-354
- (20) CASTELLS, op. cit., p. 349-352.
- (21) Fonte: National Commission, citado por CASTELLS, op. cit., p. 349.
- (22) Chester HARTMAN. The Housing of Relocated Families.

- (23) A. de Scott GREER. *Urban Renewal and American Cities*, p. 355.
- (24) Maurício de Almeida ABREU. *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*.
- (25) A “Cidade Flutuante” era um aglomerado de casas sobre troncos de madeira, constando de aproximadamente 2.000 unidades. Localizava-se na área em torno do porto de Manaus (Zona Sul), com o seu núcleo central de frente para a praça dos Remédios. Durante a sua existência, “representou, uma forma alternativa de moradia mais barata para os que não tinham condições de habitar em terra firme”. Mas, o fator mais relevante que apresentava seus habitantes, era a sua acessibilidade às fontes de trabalho, comércio, serviços e, principalmente, ao centro da cidade. João P. SALAZAR. *O Abrigo dos Deserdados - (Estudo sobre a remoção dos moradores da Cidade Flutuante e os reflexos da Zona Franca na habitação da população de baixa renda em Manaus)*.
- (26) O complexo de palafitas que ocupava a área portuária de Manaus apresentava aspectos negativos aos visitantes que lá chegavam, tanto com relação à paisagem, bem como o ambiente em que as pessoas ali viviam. Observe as condições de habitação dos flutuantes segundo a descrição de SERRA e CRUZ:
- “As casas são pequenas; geralmente de uma ou duas peças, onde habitavam grande número de pessoas. Ambiente mal acomodados, insalubre e reduzidos... Não há um mínimo de conforto ou bem-estar que chegue a tornar suportável o ambiente.. O homem convive na mesma peça da casa com o gato, o porco e outros animais, como se pertencessem à mesma espécie... Com a água parada, os dejetos do homem e dos animais flutuam entre as casas...”. In: C. L. R. SERRA e W. R. da CRUZ. *Aspectos Econômicos e Sociais da Cidade Flutuante*, p. 38-40.
- (27) SALAZAR, op. cit., p. 93-94.
- (28) Roberto Lobato Corrêa. *O Espaço Urbano*.
- (29) CORRÊA, op. cit., p. 18.
- (30) CORRÊA, *ibidem.*, p. 18.

- (31) Roberto Lobato CORRÊA. O Espaço Metropolitano e sua Dinâmica.
- (32) Milton SANTOS. Metrópole Corporativa Fragmentada: O Caso de São Paulo.
- (33) W. MANGIN. Latin American Squatter Settlements: A Problem and Solution.
- (34) John C. TURNER. Housing Priorities, Settlement Patterns and Urban Development in Modernizing Countries.
- (35) TURNER, op. cit., p. 355.
- (36) EYRE, op. cit.
- (37) Petter M. WARD. Intra-City Migration to Squatter Settlements. In: México City.
- (38) Santo Domingo los Reyes, Isidro Fabela e o Sector Popular foram as três áreas de estudo de Ward, na cidade do México, em 1974.
- (39) Georges VERNEZ. Residential Movements of Low. Income Families: The Case of Bogota, Colombia.
- (40) VERNEZ, op. cit., p. 422.
- (41) Vera M. d'Avila C. BEZERRA e Jana M. CRUZ. Imigra o e Favelas: O caso do Rio de Janeiro em 1970, p. 362.
- (42) Suzana M. M. PACHECO. Produ o e Reprodu o de Loteamento na Periferia do Rio de Janeiro.
- (43) PACHECO, op. cit., p. 140.
- (44) PACHECO, op. cit., p. 147.
- (45) Aldo PAVIANI; N. CAMPOS e Ricardo FARRET. Mobilidade Residencial em Cidade Planejada: Brasília-DF.
- (46) PAVIANI; CAMPOS e FARRET, op. cit., p. 13-14.
- (47) Shane DAVIES; Richard BLOOD e Melvin ALBAUM. The Settlement Pattern of Newly Arrived Migrants in Guadalajara.
- (48) DAVIES; BLOOD e ALBAUM, op. cit., p. 115.

(49) Denton R. VAUGHAN e Waltraut FEINDT. Initial Settlement and Intracity Movement of Migrants in Monterrey, México.

(50) VAUGHAN e FEINDT, op. cit., p. 398.

(51) “Primer Cuadro” corresponde a área central da cidade de Monterrey.

(52) VAUGHAN e FEINDT, op. cit., p. 391.

(53) Roberto Lobato CORRÊA. Localização Inicial do Imigrante na Cidade: O Caso do Rio de Janeiro, p. 118.

II. MANAUS: A ÁREA DE ESTUDO

Manaus, enquanto metrópole da Amazônia Ocidental propicia excelente oportunidade de estudo sobre sua organização interna da cidade, sobretudo após a implantação da Zona Franca. É neste período que o espaço urbano passa por transformações profundas, seja no crescimento demográfico, seja na expansão espacial da cidade.

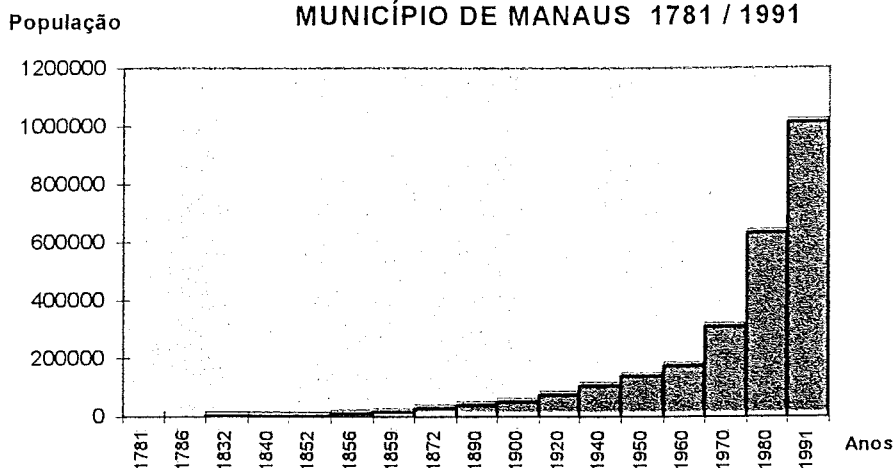
É de acordo com esta nova configuração urbana de Manaus que pretendemos compreender a mobilidade residencial. Para tal, selecionamos quatro áreas residenciais distintas no espaço urbano.

1. Crescimento Demográfico e Reestruturação Urbana

O atual retrato que Manaus apresenta é reflexo da dinâmica urbana de várias fases sócio-econômicas que acompanham o crescimento da cidade. Aqui pretendemos apenas destacar os aspectos relevantes de seu processo de urbanização que contribuem para a análise dos movimentos intra-urbanos.

Desde a sua fundação em 1669, Manaus jamais presenciou um crescimento demográfico como aquele verificado nas décadas de 70 e 80. O gráfico 1 mostra, a partir do ano de 1781, a evolução da população do município.

GRÁFICO 1 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DO
MUNICÍPIO DE MANAUS 1781 / 1991



Fonte: 1781 a 1869 - CARNEIRO FILHO, 1993.
1872 a 1991 - Censos Demográficos-IBGE.

Nos últimos 20 anos a população de Manaus teve um incremento da ordem de 224,6%¹, devido à ocorrência de um grande fluxo migratório para a capital amazonense. Esta “explosão demográfica” corresponde ao período denominado “Zona Franca”, que se inicia formalmente com a criação da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), em 1967². No entanto, sua efetivação se dá apenas no início dos anos 70, com a instalação do Distrito Industrial na Zona Leste da cidade.

A implantação da Zona Franca tinha três objetivos básicos: 1) a ocupação populacional da região; 2) o desenvolvimento econômico da região e 3) o bem-estar da população³. Posteriormente veremos que tal ação, a despeito dos objetivos, não se reverteu em desenvolvimento social para a população local. Isto porque esta estratégia era apenas o pano de fundo para o governo brasileiro inserir a Amazônia nas grandes discussões e preocupações nacionais e que a região passasse a ocupar posição-chave nos planos sócio-econômicos e geopolíticos⁴.

Em função desses objetivos a implantação da Zona Franca de Manaus gera um pólo de atração populacional de mão-de-obra barata, correspondendo este modelo a uma “alternativa” em face ao declínio da exploração extrativista e

à instabilidade dos preços das atividades econômicas tradicionais que já durava cerca de meio século (1920-1960).

Em 1920, quando o capitalismo mundial atravessa um dos seus momentos de plena atividade, a capital amazonense está em processo de letargia⁵. O Amazonas depende de uma atividade extrativista com a qual não consegue fazer concorrência aos seringais do Sudeste asiático - que dominam o mercado internacional - e não encontra um novo papel no mercado econômico nacional. Enquanto os estados do Sudeste e do Sul buscam uma inserção na economia competitiva, os amazonenses ainda sonham com a recuperação da borracha.

Desse modo, o Amazonas não consegue acompanhar as transformações do capital nos cenários internacional e interno. Sem uma burguesia industrial e financeira, com uma classe média despauverizada e o setor rural em processo de agonia econômica, o estado passa por um longo período de estagnação econômica.

Em conseqüência dessa depressão houve uma redução no crescimento demográfico e, em determinado momento, verificou-se um processo emigratório, porém isto não se concretizou em declínio absoluto da população⁶. O fator marcante dessa estagnação econômica foi o êxodo das populações interioranas de vários municípios dependentes do extrativismo da borracha. Migraram para Manaus, comprometendo ainda mais toda a infra-estrutura de serviços urbanos.

Esta crise econômica afetou profundamente a cidade de Manaus. O abandono estava por todas as partes, o mato tomava conta dos paralelepípedos importados, poucas ruas mantinham a energia elétrica, as Companhias de Óperas não se apresentavam mais no símbolo da "belle époque" - o Teatro Amazonas. Enfim, a "Paris Equatorial" era tão somente um "porto de lenha", vivendo o isolamento e a desolação da decadência econômica do extrativismo⁷. Manaus chega em 1960 com uma população de 173.703 habitantes⁸.

O fim dessa estagnação só iria se verificar na década de 60, quando se abre uma nova fase para a Amazônia com a ação do capital estrangeiro e a

intervenção do Estado através de diversas medidas, entre elas, a criação da Zona Franca e a integração regional ao Centro-Sul do país. Essas medidas reestruturaram a economia manauara e provocou um intenso revigoreamento urbano na cidade.

Contudo, este novo quadro acelerou o fluxo migratório do interior para a capital, fluxo que já vinha ocorrendo desde o período da estagnação econômica. Além do mais, atraiu migrantes de outros estados da região, com destaque para o Pará e o Acre, e de outras regiões, em especial do Nordeste, particularmente do Ceará. Tal fato verificou-se sem que houvesse uma estrutura capaz de absorver e integrar esta população aos processos econômico e social⁹.

A tabela 1 mostra que no período de 1960 a 1991 houve um crescimento maior da população manauara em relação à população do estado. Nos três períodos intercensitários: 60-70, 70-80- e 80-91, Manaus apresenta uma taxa de crescimento anual de 7,9, 10,3 e 5,4 respectivamente, enquanto o estado cresce com uma média anual de 3,5, 5,0 e 4,3. Estes dados confirmam o esvaziamento do interior e o inchaço da capital do Amazonas, evidenciando uma concentração excessiva da população em Manaus. Tanto que em 1991, Manaus já representa 48,1% da população do estado, conforme indicado na tabela 2. Não obstante, é importante observar-se que no período 70-80 tanto o município de Manaus quanto o estado do Amazonas atingem o pico máximo desse crescimento populacional.

Nesta mesma tabela não podemos deixar de nos referir aos períodos de 1872-1890 e 1890-1900. Época em que o estado do Amazonas e Manaus tiveram um grande incremento de sua população. Só que nestes dois períodos intercensitários, verificou-se o contrário do observado no período Zona Franca: foi o estado que cresceu mais em relação à capital. Fator que se deve ao “Ciclo da Borracha” que, através do sistema de aviação, dinamizou a população no interior do Amazonas.

TABELA 1

Taxa Média Aritmética de Incremento Anual da População do Estado do Amazonas e do Município de Manaus - 1872/1991

Períodos	Amazonas	Manaus
1872 -1890	8,7	1,8
1890 -1900	6,9	3,2
1900 - 1920	2,3	2,5
1920 - 1940	1,0	2,0
1940 - 1950	1,7	3,1
1950 - 1960	3,8	2,4
1960 - 1970	3,5	7,9
1970 - 1980	5,0	10,3
1980 - 1991	4,3	5,4

Fonte: Censos Demográficos de 1872 a 1991, IBGE.

Também verificamos que essa concentração populacional é mais acentuada no espaço urbano. A tabela 2 mostra que após a década de 60 há um declínio vertiginoso da população rural de Manaus em relação ao município. A representatividade da Zona Rural é tão inexpressiva que o Censo de 1991 aponta apenas 0,49 % (4.916 hab.) da população residindo na Zona Rural.

TABELA 2

Evolução da População do Estado do Amazonas e Manaus - 1960/1991

Anos	População		B/A (%)	População		D/B (%)
	Amazonas A	Manaus (T) B		Manaus (C) Urbana	Manaus (D) Rural	
1960	708.459	173.703	24,5	152.432	21.271	12,2
1970	955.235	311.622	32,6	283.685	27.937	8,9
1980	1.430.089	633.392	44,3	611.763	21.629	3,4
1991	2.103.243	1.011.501	48,1	1.006.585	4.916	0,49

Fonte: Censos Demográficos de 1960 a 1991, IBGE.

Diante destes dados percebemos dois aspectos importantes na concentração da população do Amazonas: 1) quase metade dos habitantes do estado moram na capital e 2) 95% da população do município de Manaus reside na cidade. Isto denota um duplo “vazio demográfico”: um no interior do estado e outro na Zona Rural de Manaus. A situação fica ainda mais evidente se considerarmos apenas os dados populacionais urbanos, os quais, segundo o Censo de 1991, apontam que a população urbana de Manaus representava 67,0% da população urbana do estado.

Este aumento populacional refletiu-se, de imediato, no crescimento espacial da cidade. Até 1970, Manaus tinha pouco mais de 2.500 hectares para uma população urbana de 283.685 habitantes. Hoje, porém, estes números estão completamente modificados. A área urbana cresceu para 37.737 hectares e a população para 1.338.178 habitantes (vide tabela 3).

TABELA 3

Densidades de População na Cidade de Manaus - 1970/1995

Ano	População	Hectares	Hab./ Ha.
1970	283.685	2.532	112,0
1980	611.763	11.545	53,0
1991	1.006.585	30.000*	33,5
1995	1.138.178	37.737	30,2

Fonte: Prefeitura Municipal de Manaus, IMPLAN e IBGE.

* Dado aproximado, sujeito a retificação.

Uma característica importante que podemos observar na tabela 3 é o crescimento da área urbana, proporcionalmente maior do que o crescimento da população urbana¹⁰. Em 1970 a relação era de 112 hab./ha, enquanto em 1980, cai para 53,0 hab./ha e em 1995 a proporção reduz para 30,2 hab./ha. Este declínio da relação habitante/hectare aponta para o crescente aumento da especulação fundiária, formando-se enormes “vazios demográficos” no espaço urbano de Manaus.

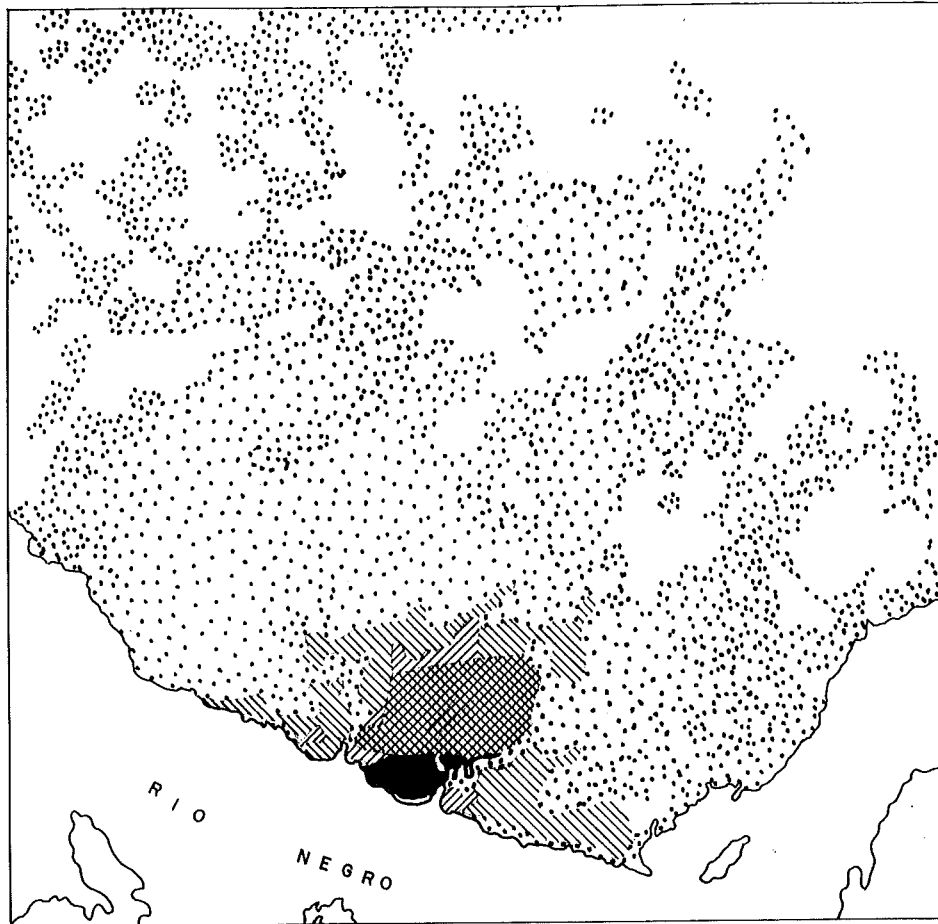
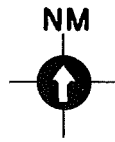
A cidade amplia sobremaneira seus domínios espaciais, expandindo-se pelas “terras-firmes” e margens de igarapés, num modelo de ocupação mista “entre as intenções planejadoras do estado e a ânsia da ocupação espontânea”¹¹. O mapa 1 mostra a expansão do espaço urbano de Manaus nos últimos cem anos.

A partir do final dos anos 60 e principalmente na década de 80, a cidade cresceu de forma acelerada e desordenada. Muitos “bairros” foram criados às custas das ocupações, sem qualquer forma de planejamento. Multiplicam-se as ocupações dos igarapés e dos interflúvios, agravando o problema ambiental e as condições de habitação da população. A cidade esparrama-se pelos extensos platôs avançando floresta adentro e, cada vez mais, distanciando-se do rio Negro.

De outra forma, são criados alguns bairros de maneira planejada, atendendo setores da classe média, empregada na indústria, comércio ou no serviço público. Alguns setores como Adrianópolis, Vieiralves, Parque das Laranjeiras e Ponta Negra são formas de urbanização deste estrato social.



Todo o fluxo migratório que se concentrou em Manaus trouxe uma série de transtornos para o uso e ocupação do solo, bem como para a estrutura sócio-econômica. Essa urbanização concentrada¹² reflete inicialmente a atuação do Estado na priorização da capital como pólo dos investimentos da Zona Franca, desprovendo o interior do estado e a Zona Rural de qualquer ação política que revertesse o processo decadente das atividades extrativistas e contivesse o fluxo migratório. Como reflexo, a capital amazonense se tornou a verdadeira “macrocidade” do estado.

MAPA 1 - MANAUS - EXPANSÃO DO ESPAÇO URBANO - 1896/1986



ESCALA (APROXIMADA)
0 1 2 Km

LEGENDA

-  ANTERIOR A 1896
-  1896
-  1940
-  1969
-  1986

FONTE : CARNEIRO FILHO, 1993.
ORG. : Vitor Ribeiro Filho.

Des.: NEIDE

A ascensão de Manaus à condição de metrópole da Amazônia Ocidental é consequência da urbanização concentrada e de seu crescimento macrocefálico. De acordo com Milton Santos a macrocefalia não se define apenas, com base na importância demográfica da cidade, mas sobretudo pela “importância econômica de uma cidade em relação à de outras cidades e à do conjunto do país”¹³

Manaus se insere como a macrocidade do estado, concentrando 48% da população, quase 100% das vagas do ensino superior¹⁴, arrecada 98% dos impostos (ICMS e IPI)¹⁵ e 90% dos veículos do Amazonas circulam nas vias de Manaus¹⁶. Em sua maior parte esse processo foi concretizado em função da implantação da Zona Franca que transformou a cidade em um aglomerado urbano com mais de 1 milhão de habitantes.

A cidade cresceu para todos os lados, o planejamento deu lugar à desordem, o estado não conseguiu conter o “crescimento” abrupto, quer seja da população, quer seja da área urbana. As coisas aconteceram de uma forma improvisada, em que tudo foi feito às pressas¹⁷. Manaus deixou de ser a “Paris Equatorial” das grandes obras do “Ciclo da Borracha” que lhe conferiam, em parte, uma fisionomia européia.

Ao contrário do que presenciamos hoje, naquele momento a cidade passou por um programa de urbanização, mesmo que tenha sido de caráter funcional¹⁸. Foram abertas diversas avenidas e ruas, aterraram-se igarapés, construíram-se pontes e praças; a cidade passou por grandes transformações urbanas.

A Manaus de agora está à procura de uma identidade, inclusive em sua paisagem urbana. Da *art nouveau* do passado para o *concrete*, sem formas, cercado pelo fumê obscuro e recoberto pelo amianto estarrecedor.

A Zona Franca teve um papel fundamental no reordenamento espacial da cidade. Incitou inicialmente o fluxo migratório para a capital e em seguida a ação dos proprietários fundiários, dos promotores imobiliários, do estado e dos

grupos sociais excluídos, no processo de (re)produção do espaço urbano.

Nas duas últimas décadas, as ações e estratégias desses agentes sociais que fazem e refazem a cidade foram as mais diversas, produzindo mudanças na paisagem urbana de Manaus. Essas ações incluem a remoção da “Cidade Flutuante”, em meados da década de 60 e a construção de grandes conjuntos habitacionais, no final dos anos 70. Na década de 80 é a Cidade Nova, na Zona Norte, que oferece-nos o exemplo mais destacado de tais mudanças. Os loteamentos populares na Zona Leste, é outra forma de urbanização daquele setor da cidade, vê-se o caso do bairro de São José e, destacadamente, as ocorrências de ocupações que surgem a cada momento, procurando acomodar os migrantes em áreas devolutas, de risco, de preservação ambiental e, na maioria das vezes, impróprias para habitação.

A construção dos órgãos militares e suas vilas na Zona Oeste, junto com a urbanização da Ponta Negra - voltada para os segmentos sociais de elevado status marcou a ocupação deste setor da cidade. Por outro lado, as elites e a classe média tiveram espaços reservados em áreas nobres da cidade, com preferência para a Zona Centro-Sul, para a construção de residências unifamiliares e/ou condomínios fechados.

É, portanto no bojo desse padrão de crescimento e da reestruturação urbana de Manaus que queremos entender a mobilidade residencial.

2. A Definição das Áreas de Estudo

2.1. Os critérios de seleção

A escolha das áreas de estudo não foi, de forma alguma, aleatória. Mas, sim, através de alguns critérios pré-estabelecidos que nos proporcionaram uma definição que atendesse aos nossos objetivos.

Optamos por quatro áreas de estudo para estabelecer uma análise sistemática da mobilidade residencial da cidade de Manaus. São áreas com características diferentes para que se entenda a complexidade e diversidade que o espaço urbano apresenta. Os critérios descritos no Quadro 1 referem-se aos principais aspectos das áreas de pesquisa, indicando suas singularidades decorrentes de processos universais que nelas tornaram-se concretos¹⁹.

QUADRO 1

Áreas Seleccionadas - Critérios

Áreas	Aparecida	D. Pedro	Nova Luz	Cidade de Deus
Localização	* Aparecida Área Central Zona Sul	* D. Pedro Zona Centro-Oeste	* Zumbi dos Palmares Zona Leste	* Cidade Nova Zona Norte
Antigüidade da ocupação	década de 1890	década de 1970	década de 1980	década de 1990
Natureza funcional	residencial e comercial	conjunto habitacional	bairro residencial	loteamento popular
Conteúdo social provável²⁰	B/C	B	C/D	D/E
Natureza habitacional	Variável inclusive palafitas	residência unifamiliar	residência mista (madeira e alvenaria)	residência com material improvisado

* Nome do bairro em que se localiza a área de estudo.

Dentre os critérios pré-estabelecidos a localização é de fundamental importância. Em nosso caso, escolhemos quatro áreas residenciais distintas no espaço urbano de Manaus, pois pretendemos analisar a mobilidade a partir de diferentes locais da cidade (vide mapa 2).

Outro indicador relevante inserido em nossa análise é o tempo de ocupação, uma vez que o desenvolvimento da cidade se dá através de um processo de contínuo movimento. Procuramos seguir esta lógica selecionando um bairro antigo, um conjunto da década de 70 (período áureo do crescimento de Manaus e das construções de vários conjuntos habitacionais), uma ocupação que surgiu em meados da década de 80 e um loteamento recente, na extrema periferia de Manaus.

MAPA 2

MANAUS : LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO

LEGENDA

ÁREAS DE ESTUDO

- ① BAIRRO DE APARECIDA
- ② CONJUNTO D. PEDRO
- ③ OCUPAÇÃO NOVA LUZ
- ④ LOTEAMENTO CIDADE DE DEUS

ASPECTOS ADICIONAIS IMPORTANTES

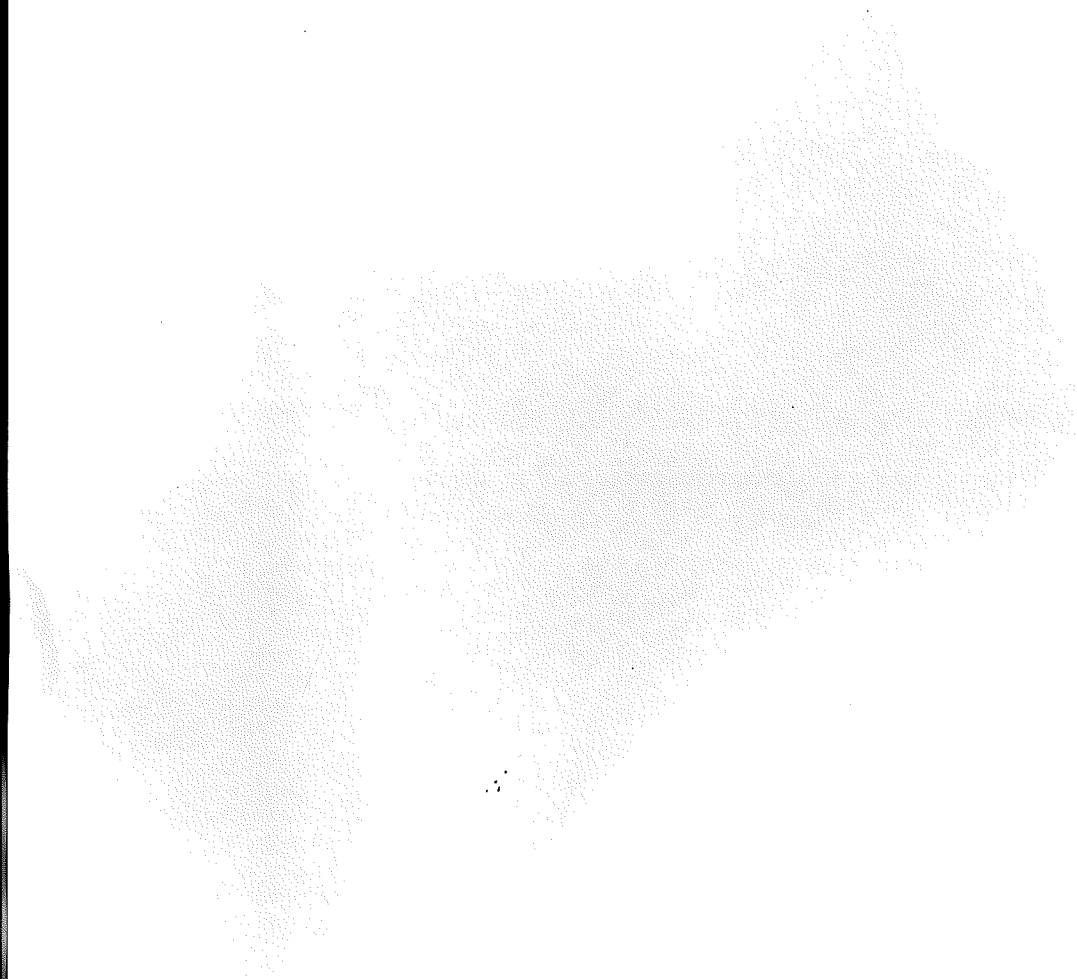
- 1 ○ PORTO FLUTUANTE
- 2 ○ IGARAPÉ DE SÃO RAIMUNDO
- 3 ○ AMAZONAS SHOPPING
- 4 ○ PONTA NEGRA
- 5 ○ IGARAPÉ DO TARUMÃ ACÚ
- 6 ○ IGARAPÉ DO TARUMÃ
- 7 ○ AEROPORTO INTERNACIONAL EDUARDO GOMES
- 8 ○ CIDADE NOVA
- 9 ○ CAMPUS UNIVERSITÁRIO
- 10 ○ CENTRO
- 11 ○ IGARAPÉ EDUCANDOS
- 12 ○ IGARAPÉ DA SERRARIA
- 13 ○ AEROPORTO AJURICABA PONTA PELADA
- 14 ○ DISTRITO INDUSTRIAL
- 15 ○ IGARAPÉ MAUZINHO
- 16 ○ REFINARIA DE PETRÓLEO
- 17 ○ CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA
- 18 ○ CEMITÉRIO PARQUE TARUMÃ

PRINCIPAIS VIAS

- V1 ESTRADA TORQUATO TAPAJÓS *ok*
- V2 AV. DJALMA BATISTA *ok*
- V3 AV. CONSTANTINO NERY *ok*
- V4 ESTRADA DO CONTORNO *ok*
- V5 AV. BURITI *ok*
- V6 AV. SETE DE SETEMBRO *ok*
- V7 ESTRADA DO ALEIXO *ok*
- V8 AV. GRANDE CIRCULAR *ok*
- V9 ESTRADA CIDADE NOVA *ok*
- V10 RUA RECIFE *ok*
- V11 EIXO NORTE-SUL *ok*
- V12 AV. PEDRO TEIXEIRA *ok*
- V13 ESTRADA DA PONTA NEGRA *ok*
- V14 ESTRADA DO TARUMÃ *ok*



Mapa 2 - Manaus: Localização das Áreas de Estudo



A natureza funcional, o conteúdo social e a natureza habitacional são características igualmente importantes para a análise sócio-econômica e da segregação social, refletindo a complexa estrutura social em classes, típica do capitalismo e que certamente interferem nos fluxos migratórios intra-urbanos. Isto demonstra, de um lado, as desigualdades sociais expressas no nível de acesso aos recursos econômicos e, de outro, as diferenças locacionais das diversas atividades que se realizam na cidade²¹.

A escolha do bairro de Aparecida está amparada no fato de representar a ocupação mais antiga e consolidada da cidade, uma localização próxima ao centro, com uma dupla natureza funcional, residencial e comercial e uma estratificação social complexa. Outro aspecto importante é a ligação fluvial que o bairro possui, mantendo o vínculo ribeirinho deste setor da cidade.

Na década de 70 e no início dos anos 80, Manaus cresceu principalmente através dos conjuntos habitacionais e das ocupações. Tanto é que a cidade nesse período ficou conhecida como a “cidade do BNH”. Por isto se justifica a escolha de um conjunto habitacional como uma das áreas de estudo.

No caso do conjunto D. Pedro a sua localização na Zona Centro-Oeste é relevante porque esta área se caracterizou pela ocupação através de conjuntos habitacionais. O que pressupõe para o setor uma boa organização espacial e uma infra-estrutura sem grandes problemas se comparada a outras áreas da cidade. A singularidade do conjunto D. Pedro é o seu conteúdo social médio e o processo de transformação social e urbanística pelo qual vem passando.

Por outro lado, quem não tinha acesso a meios para pagar o aluguel de uma habitação decente e tinha menores possibilidades ainda de comprar um imóvel, ocupava e continua ocupando as áreas periféricas, em terra firme e/ou às margens dos igarapés. É nesta forma de produção de moradia que analisaremos as outras duas áreas de estudo.

A escolha da ocupação Nova Luz teve como fatores decisivos a sua localização na Zona Leste - palco de inúmeras ocupações, caracterizando-se

como uma das áreas mais pobres da cidade - e a sua gênese, em meados da década de 80. No demais, a ocupação não difere muito das outras.

Os principais critérios que interferiram na escolha do loteamento Cidade de Deus foram o fato de ser uma área recente (a primeira etapa surgiu em 1994) e de estar localizado no limite do espaço urbano da cidade, na Zona Norte; área que compreende diversas formas de implantação de aglomerados urbanos (ocupações, loteamentos ilegais e conjuntos habitacionais). As suas características sócio-econômicas no geral são precárias e semelhantes a outros loteamentos deste padrão.

2.2. As características das áreas selecionadas

(a) o bairro de N. S. Aparecida dos Tocos

O bairro de Aparecida é um dos mais antigos da cidade existindo aproximadamente há 164 anos²². Em função de sua localização geográfica o bairro de Aparecida é um dos poucos que ainda apresentam as características de uma Manaus fluvial porque tem uma relação direta com o rio Negro (Sul) e o igarapé de São Raimundo (Oeste). E, ao mesmo tempo, está próximo ao centro (Leste - vide mapa 3), desempenhando funções simultaneamente comercial e residencial. Outrossim, possui indústrias importantes, como é o caso da cervejaria Brahma. A presença dessas fábricas remete-nos ao passado, no qual Aparecida foi o primeiro bairro industrial de Manaus. A “rua” Beco da Indústria foi o local de maior concentração das indústrias daquele momento²³.

Outra característica interessante verificada na ocupação de Aparecida é a formação dos becos, principalmente entre a rua Alexandre Amorim e o rio Negro. Por ser um bairro bastante antigo, o seu traçado lembra a estrutura urbana de uma cidade colonial²⁴.

Mapa 3 - Bairro de Aparecida

Embora de dimensão espacialmente pequena, apenas 63,94 ha, o bairro de Aparecida localiza-se na Zona Sul - área de maior densidade populacional (100,62 hab./ha - vide anexo 1) - onde também encontra-se parte do comércio e serviços na rua Alexandre Amorim e adjacências, no âmbito da área central de Manaus . Portanto, é um local que realiza diversas atividades de interação com as demais áreas da cidade.

No que diz respeito à origem de sua população, os 70 questionários aplicados em chefes de família revelam os seguintes aspectos: 29 dos chefes de família são migrantes de outras cidades, 41 são naturais de Manaus e deste universo 33 sempre moraram no bairro. Estes dados revelam a cristalização de sua população, pois há pessoas que ali nasceram, casaram-se e nunca mudaram-se de lugar. Verifica-se uma intensa relação comunitária²⁵ entre os seus moradores. Os laços de vizinhança e amizade, conferem ao local um conteúdo interacional mais estreito em relação a outros bairros recém-formados. Tal fato é exposto na dificuldade de alugar ou comprar uma residência sem uma apresentação prévia de um morador. Portanto, em Aparecida nota-se uma percepção de espaço vivido e sentido de modo similar à análise de Tuan²⁶.

A estrutura etária da população do bairro de Aparecida é bastante alta, fato que se apresenta como reflexo da antiguidade da área. Na tabela 4, observamos que 19 moradores tinham 65 anos, ou mais de idade.

As residências possuem um padrão heterogêneo, seja na arquitetura ou no tipo de construção. O padrão habitacional pode ser definido da seguinte maneira: à medida que se aproxima do rio Negro e do igarapé de São Raimundo, a maioria das residências passa a ser de madeira e em processo de deterioração. De outra forma, as casas localizadas em direção à rua Luiz Antony e próximas ao centro, têm um modelo arquitetônico mais nobre e conservado.

TABELA 4

Manaus: População, segundo a Estrutura Etária por Área de Estudo

Faixa Etária	Aparecida	D. Pedro	Nova Luz	Cidade de Deus
Até 18 anos	0	2	0	4
19 a 24 anos	3	12	4	5
25 a 34 anos	10	6	7	13
35 a 44 anos	10	15	15	8
45 a 54 anos	17	16	7	7
55 a 64 anos	11	14	4	2
65 e mais	19	5	3	1
Total de domicílios	70	70	40	40

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Com relação ao conteúdo social, o bairro apresenta um padrão heterogêneo em termos de renda. Embora haja uma pequena predominância para a faixa de 1 a 3 salários mínimos, das 70 residências consultadas, 20 estão nesta classe salarial, conforme se pode verificar na tabela 5. Analisando os dados mais detidamente, contudo, temos 28 domicílios com renda familiar igual ou superior a 5 salários mínimos.

TABELA 5

Renda Familiar por Área de Estudo

Faixa de renda	Aparecida	D. Pedro	Nova Luz	Cidade de Deus
Até 1SM	4	1	11	17
1-3SM	20	10	14	10
3-5SM	11	8	7	1
5-10SM	15	9	-	-
10-20SM	6	15	1	-
20 e mais	7	11	-	-
Não respondeu	7	16	7	12
Total de domicílios	70	70	40	40

Fonte: Pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

A instalação sanitária é o principal problema da infra-estrutura do bairro. Apenas 15 domicílios possuem ligação na rede geral, conforme indicado na tabela 6 e a maior parte das outras residências (39)²⁷ está conectada à rede pluvial.

TABELA 6

Situação da Infra-estrutura das Áreas de estudo

Infra-estrutura	Aparecida	D. Pedro	Nova Luz	Cidade de Deus
Domicílios com:				
Abastecimento de água canalizada	70	70	35*	-
Ligação elétrica legalizada	70	70	38	-
Instalação sanitária (rede geral)	15	-	-	-
Coleta de lixo	65	70	18	-
Transporte próprio	17	42	-	4
Total de domicílios	70	70	40	40

Fonte: Pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

* Canalizada do poço artesiano.

O uso dos transportes pelos moradores de Aparecida é reflexo de sua proximidade em relação ao núcleo central e da renda de sua população. As pessoas podem ir trabalhar e fazer outras atividades caminhando e apenas 17 moradores do universo pesquisado, possuem veículo próprio, conforme exposto na tabela 6.

Em relação ao nível de escolaridade, os moradores do bairro de Aparecida apresentaram melhor desempenho na conclusão do primeiro grau - com 26 moradores - o segundo grau, por sua vez, foi concluído por 23 moradores, conforme observamos na tabela 7.

TABELA 7

Nível de Escolaridade por Área de Estudo

Qualificação	Aparecida	D. Pedro	Nova Luz	Cidade de Deus
Analfabeto	5	1	5	6
Até o primário completo	7	10	16	12
Até o primeiro grau completo	26	8	15	16
Até o segundo grau completo	23	33	4	5
Superior completo	8	18	-	1
Não respondeu	1	-	-	-
Total de domicílios	70	70	40	40

Fonte: Pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Esses dados mostram que a população residente nesta área de estudo não tem um poder aquisitivo elevado, revelando assim, a antigüidade do bairro e a heterogeneidade dos seus aspectos sócio-econômicos.

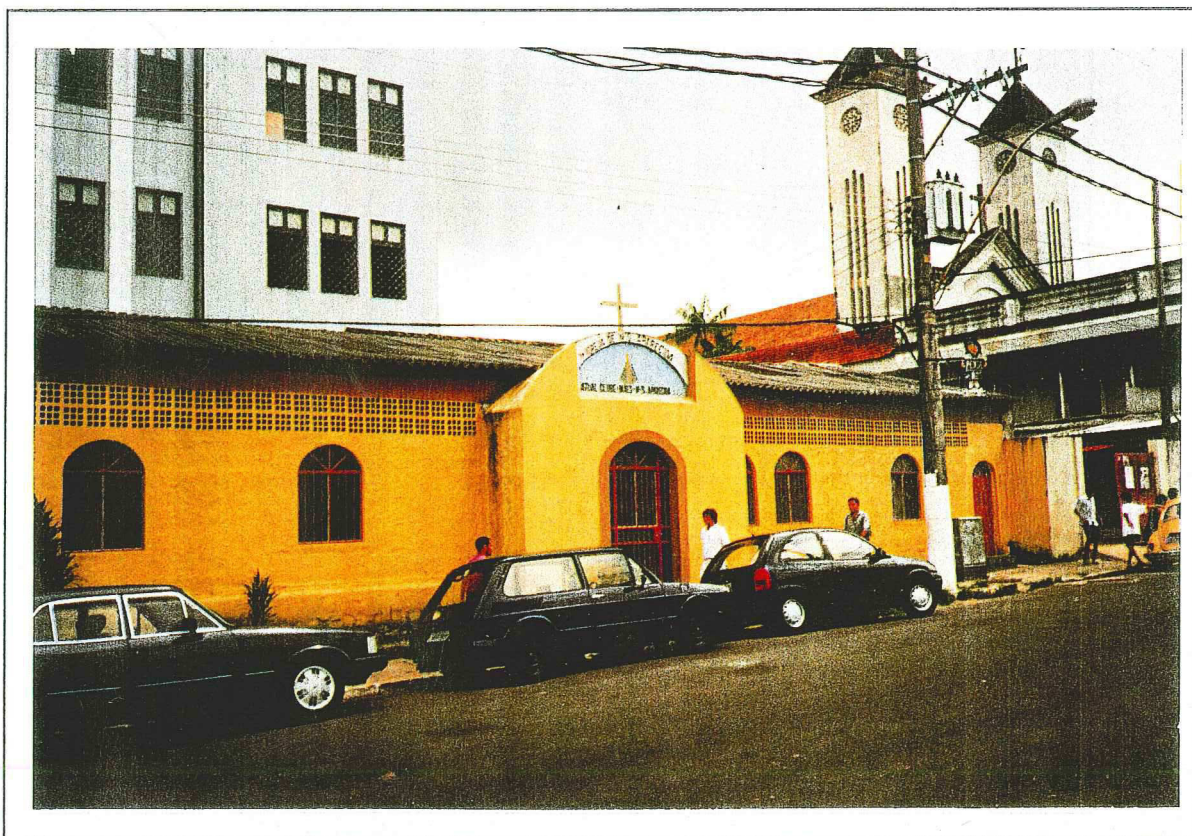


Foto 1 - Bairro de Aparecida - antiga igreja de N. S. Aparecida, construída em 1946 (atual Clube das Mães) - ao fundo, a nova igreja - Foto do autor, fevereiro de 1996.



Foto 2 - Bairro de Aparecida - Casa Dias - um dos antigos estabelecimentos comerciais na rua Alexandre Amorim com a rua Luiz Antony - Foto do autor, fevereiro de 1996.

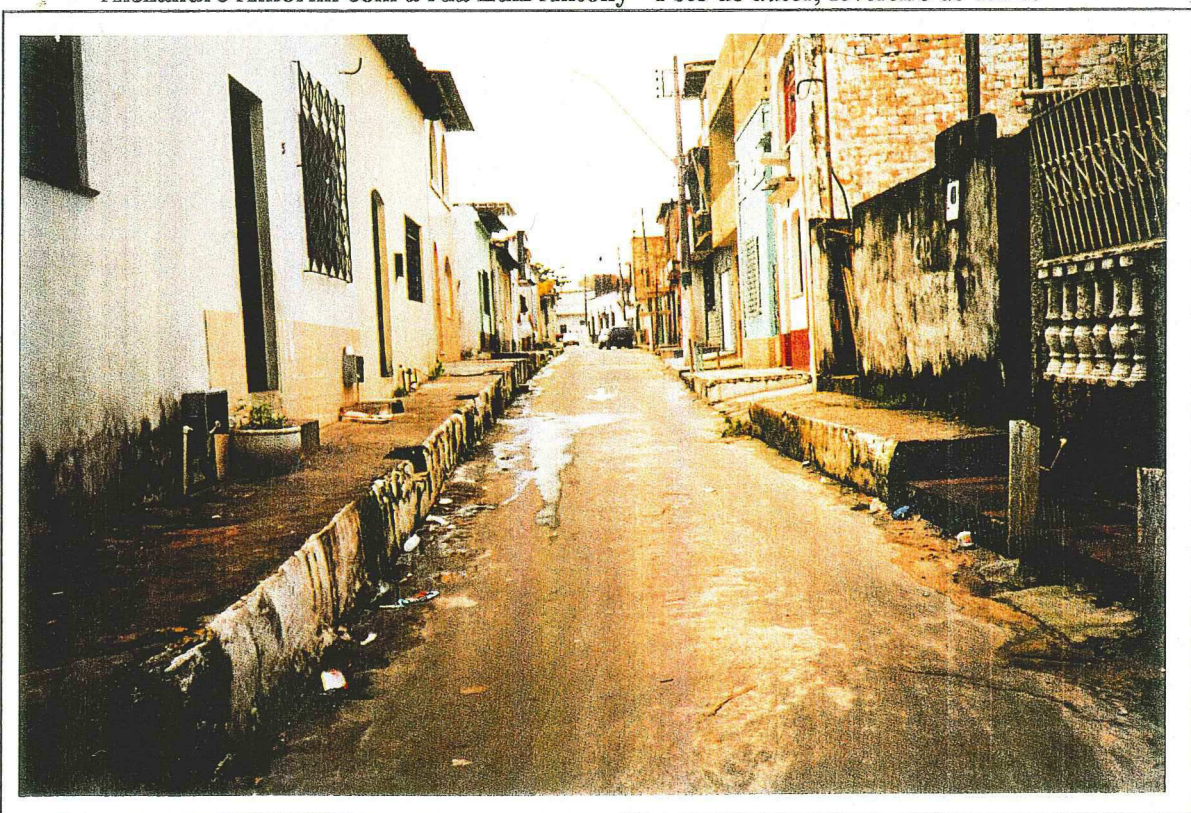


Foto 3 - Bairro de Aparecida - rua Beco da Indústria - a parte Sul do bairro próximo ao rio Negro, caracteriza-se pela formação de becos. Foto do autor, fevereiro de 1996.

(b) o conjunto D. Pedro

Localiza-se na Zona Centro-Oeste (vide mapa 2) - uma das áreas em que a população é melhor distribuída espacialmente, com 76,61 hab./ha²⁸. De acordo com a Lei nº 279/95, foi considerado uma das áreas de interesse urbanístico devido a sua boa infra-estrutura com relação aos serviços prestados na saúde (Hospital do Câncer, Hospital Tropical e Instituto de Hematologia, unidades-referências para o estado e região) e com atividades voltadas para o esporte e o lazer (Vila Olímpica, complexo esportivo de referência internacional e a Praça da Alimentação 24 horas).

O conjunto D. Pedro surgiu na década de 70, período em que Manaus dobrou a sua população e mais do que quadruplicou sua área. Foi o primeiro conjunto a ser financiado em Manaus pelo extinto Banco Nacional da Habitação. A Cooperativa Casa do Trabalhador credenciou os moradores interessados em obter a casa própria, enquanto a incorporadora Socilar Crédito e Imobiliário S.A. captou os recursos e a construtora Flávia Espírito Santo Ltda. realizou a obra.

Na época, exigiu-se uma renda mínima de dois salários mínimos para a obtenção do financiamento. Segundo a incorporadora Socilar, o perfil dos mutuários inscritos era, em sua maioria, de estrato social baixo.

A primeira etapa foi entregue em 1973, sendo 1.000 unidades residenciais, obedecendo os seguintes tipos: unidades com 3 quartos e 61m², de 2 quartos e 49m² e de 1 quarto e 36m². Todas as unidades foram construídas em terrenos com 300m² (vide foto 4). Em 1996 o valor das prestações destas residências varia de US\$25 a US\$30²⁹, sendo baixos em termos de mercado.

Ao contrário do que se imagina, a primeira etapa do conjunto não foi construída a partir da rua Pedro Teixeira (Sul), mas, sim, da rua Campos Sales (Norte). A ordem da construção não interferiu na definição da área nobre, porque de acordo com o seu planejamento, percebia-se que as proximidades da

rua Pedro Teixeira com a avenida D. Pedro seriam a área mais valorizada, ou seja, essas vias foram planejadas para serem a localização estratégica do conjunto, tanto é que deixaram espaço para a construção de um colégio e uma praça naquele local (vide mapa 4).

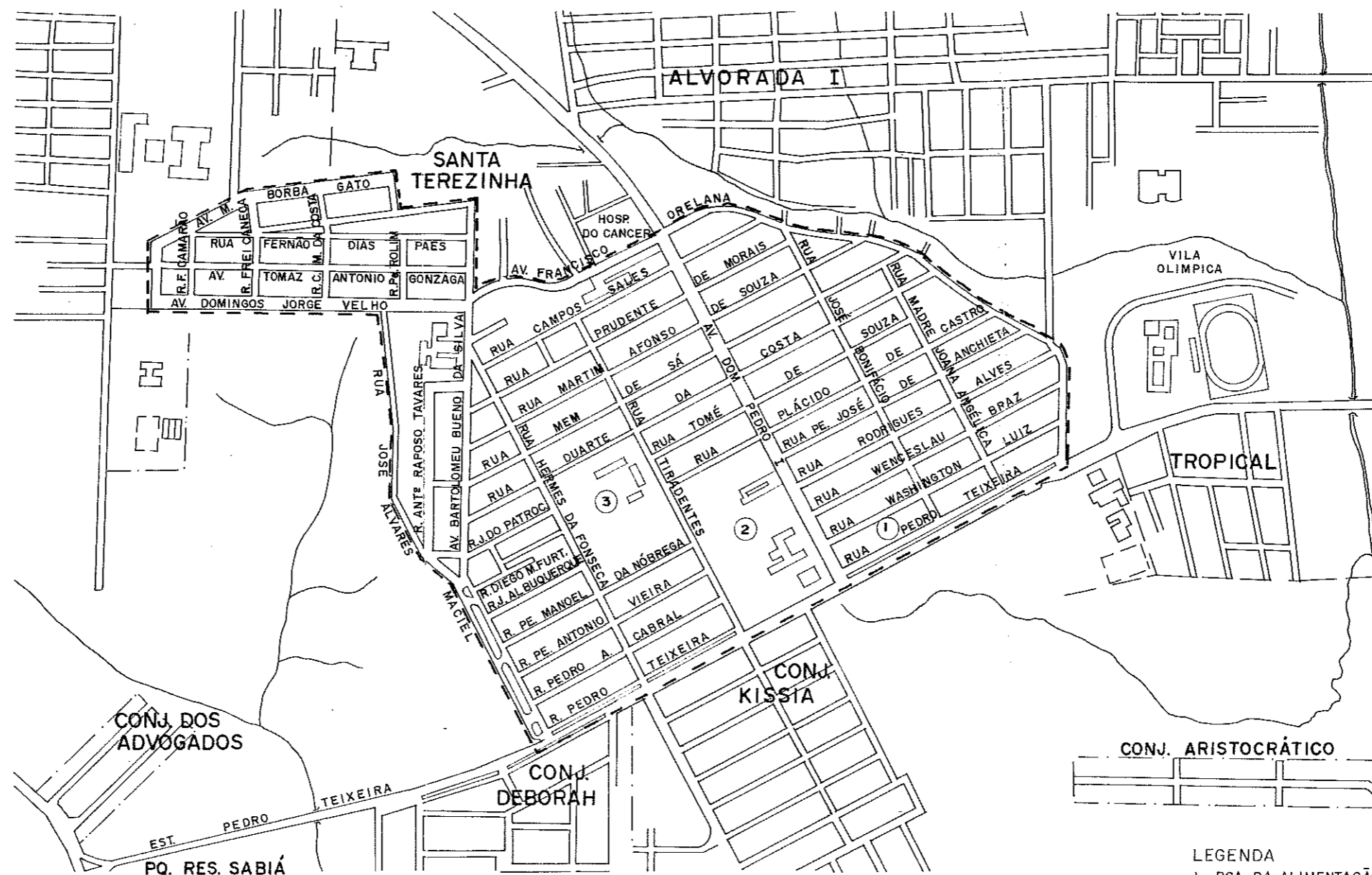
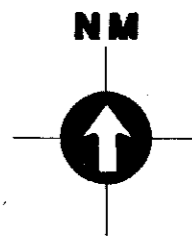
A segunda etapa foi concluída em 1978. Foram construídas 600 unidades com padrões diferentes da etapa inicial: unidades com 2 quartos e 52,6m² e de 3 quartos e 62m². Todas as unidades também foram construídas em terrenos com 300m², no entanto, o valor das prestações aumentou consideravelmente. Os mutuários pagam entre US\$70 e US\$88³⁰.

Ao término da segunda etapa o conjunto já estava mais valorizado, inclusive devido à sua ótima localização no espaço urbano de Manaus - próximo a avenida Djalma Batista, área comercial com maior potencial de expansão e valorização. Além desses, outros fatores também contribuíram para que este conjunto se transformasse em um dos bairros de preferência da classe média.

No início dos anos 80, a construção do Centro Educacional La Salle³¹, alavancou o processo de valorização do bairro. Posteriormente vieram o Hospital de Doenças Tropicais de Manaus e os outros órgãos já citados anteriormente. A ratificação desse processo se deu com a Vila Olímpica e mais recentemente com a transformação da praça D. Pedro em um Centro de Convivência 24 horas.

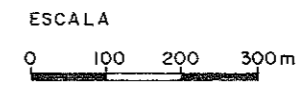
No que diz respeito ao setor comercial do bairro, está praticamente concentrado na avenida D. Pedro. As residências foram transformadas em lojas comerciais, alterando a função residencial de suas origens.

MAPA 4 - CONJUNTO D. PEDRO



- LEGENDA
- 1 - PÇA. DA ALIMENTAÇÃO 24 Hs
 - 2 - COLÉGIO LA SALLE
 - 3 - CAVALARIA DA POLÍCIA MILITAR
 - LIMITE DO CONJUNTO D. PEDRO

FONTE: IBGE - MANAUS/AM.



O conjunto foi adquirindo um novo aspecto em sua paisagem urbana, seja através da construção de autarquias e de logradouros públicos ou das modificações nas residências (vide foto 5). As reformas e ampliações das casas estão relacionadas a dois fatores relevantes: 1) a chegada dos novos moradores, com nível de renda mais elevado, os quais hoje, representam quase 50%³² dos domicílios permanentes e 2) com a melhoria no padrão de vida dos antigos moradores. A tabela 5 mostra que 35 dos 70 moradores entrevistados têm uma renda familiar igual e/ou superior a 5 salários mínimos e 42 possuem transporte próprio (vide tabela 6).

A população do conjunto D. Pedro apresentou uma estrutura etária heterogênea, segundo a faixa etária dos entrevistados. Houve, no entanto, uma pequena predominância para os moradores com idade de 45 a 54 anos, de acordo com a tabela 4.

Depois de vinte e três anos, o conjunto D. Pedro transformou-se em um bairro com um bom padrão de vida e uma boa infra-estrutura, exceto no que se refere a instalação sanitária. A tabela 6 mostra que nenhum dos domicílios está ligado à rede geral, mas que, 100% das residências estão conectadas à fossa séptica³³ e grande parte dos moradores colocam a água da pia e dos tanques de lavar roupas com saída para a rua, escorrendo ao lado das calçadas, causando mal cheiro e danificando a via pública (vide foto 6). Este problema não é característica apenas do bairro D. Pedro, o esgoto (rede geral) atende apenas a 10% da população da cidade de Manaus³⁴.

Das quatro áreas pesquisadas, o conjunto D. Pedro foi a que apresentou melhor nível de escolaridade. 33 moradores terminaram o segundo grau e 18 concluíram algum curso superior, conforme demonstrado na tabela 7. Esta análise também evidencia a melhor renda familiar dos entrevistados.



Foto 4 - Conjunto D. Pedro - residência com o seu aspecto original, rua Mém de Sá - Foto do autor, fevereiro de 1996.



Foto 5 - Conjunto D. Pedro - residência transformada, rua Washington Luiz - Foto do autor, fevereiro de 1996.



Foto 6 - Conjunto D. Pedro - esgoto doméstico correndo na via ao lado da calçada, rua Mém de Sá - Foto do autor, fevereiro de 1996.

(c) a ocupação de Nova Luz

Nova Luz surgiu da desocupação de outro local - Santo Inácio - situada na estrada do Aleixo pelas famílias que lá residiam. A população conseguiu acesso a esta nova área pelo intermédio de irmã Helena³⁵, seja atuando na organização do movimento, seja na intervenção junto aos Salesianos para a doação das terras.

Quanto aos seus limites não há uma delimitação precisa porque Nova Luz localiza-se no complexo do Zumbi dos Palmares (vide mapa 2), bairro que se caracterizou pelo assentamento de aglomerados urbanos através das ocupações. Este fato trouxe conseqüências negativas quanto ao uso e ocupação do solo porque era a própria população quem “organizava” o traçado e a identificação das ruas e como isto era feito sem nenhum critério pré-estabelecido, havia duplicidade na nomenclatura das vias públicas e confusão na definição dos limites de uma ocupação para outra.

Consultando alguns mapas da Prefeitura e moradores da ocupação, contudo, chegamos a uma proposta que consideramos ideal: Nova Luz foi incorporada ao bairro Zumbi dos Palmares, localizando-se em sua parte Sul. Este limita-se ao Sul com o bairro Armando Mendes, ao Norte com o bairro São José, a Leste com o conjunto Castanheiras e a Oeste com o bairro Coroado (vide mapa 5)³⁶.

A desordem no planejamento do uso e ocupação do solo urbano com relação aos limites dos bairros e a identificação das ruas, a exemplo do que ocorre em Nova Luz, ainda continua causando transtornos na localização das residências, porque falta se efetivar, na prática, a Lei de no 287, de 23 de maio de 1995, que delimita os bairros da cidade de Manaus. Esta ação possibilitaria à população o acesso a essas novas informações, conscientizando-se da necessidade de um padrão universal na identificação dos lugares. Até o

momento, verificamos que não há uma sincronia entre as delimitações oficiais da Prefeitura e a realidade das pessoas.

A estratégia da ocupação de Nova Luz a princípio priorizou a posse do terreno e depois preocupou-se com as outras questões ligadas à infra-estrutura. Fato que ocorreu de forma lenta e improvisada. É bom ressaltar que o processo de urbanização das ocupações, favelas e loteamentos clandestinos em Manaus é moroso e por isto vários “bairros” continuam com o aspecto de sua ocupação inicial.

Embora nenhum morador possua o título definitivo da posse do terreno, Nova Luz não pode ser caracterizada como favela, segundo a definição do IBGE³⁷. A ocupação começou de forma “organizada”, inclusive formou-se a Comissão de Solo Urbano para cadastrar as pessoas desabrigadas e fazer a divisão dos lotes, por conseguinte possui um traçado ordenado, exceto nas proximidades das margens dos igarapés.

A posse do terreno pode ser definida de duas formas: a) os primeiros moradores que ocuparam as terras devolutas e da Inspetoria Salesiana em Nova Luz; não possuem nenhum documento. Primeiro, porque os salesianos não conseguiram controlar a ocupação de parte de suas terras, depois, as outras áreas não têm proprietário definido (estado ou prefeitura) e b) quando os padres perceberam que aumentava a ocupação em suas terras, resolveram fazer um controle do assentamento da população. Por isto, grande parte dos moradores possui o título provisório fornecido pela Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia (vide anexo 2), que é a proprietária da área. Segundo as condições deste documento o morador tinha que participar da reunião do dia 10 de dezembro de 1988; participar do mutirão de limpeza dos terrenos; o terreno seria cedido e não doado, não poderia ser alugado, vendido e a sua dimensão seria de aproximadamente 300m². Até hoje, os moradores que estão de posse desta cessão de direito ainda não conseguiram o título definitivo junto à Prefeitura.

Diante desses fatores, a Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A.-ELETRONORTE - colocou a rede elétrica legalizada e a Companhia de Saneamento do Amazonas-COSAMA levou o abastecimento de água. Além disso, este ano a Prefeitura enviou aos moradores o Imposto Predial Territorial Urbano-IPTU. Hoje, Nova Luz conta com um centro de saúde (Nogueira da Mata), uma escola de primeiro grau (Prof^a M. Teixeira Goes) e uma linha de ônibus.

Quanto ao tipo de habitação, grande parte das residências mantêm seu aspecto inicial das construções de madeira, com destaque para as partes baixa da ocupação, no fundo de vale (vide foto 8). Mas, nota-se que o processo de transformação das casas com material de alvenaria, dando-lhes nova configuração ao seu modelo, é uma constante verificada com as pessoas que conseguem aumentar a sua renda e/ou economizar com o dinheiro do aluguel (vide foto 9).

Em relação à estrutura etária da ocupação de Nova Luz, a tabela 4, apresenta que 15, dos 40 moradores tinham entre 35 e 44 anos de idade, faixa etária que também predominou entre os migrantes.

Nova Luz situa-se em uma das regiões mais periféricas da cidade, seja quanto a distância seja nas suas condições sócio-econômicas. A tabela 5 mostra que dos 40 domicílios entrevistados, 11 estão na faixa salarial de até 1 salário mínimo; 14 de 1 a 3 salários mínimos; 7 de 3 a 5 salários mínimos; 1 de 10 a 20 salários mínimos e 7 não responderam. Por outro lado, é um dos setores em que a cidade mais cresce, principalmente através das ocupações e dos loteamentos populares. A ocupação possui várias nascentes de igarapés, cujas margens vêm sendo ocupadas, quando não são aterradas para cederem espaço para a construção de residências (vide foto 7).

Após uma década, Nova Luz apresenta melhoramentos em alguns aspectos de sua urbanização: as principais vias foram asfaltadas; 35 das 40 residências pesquisadas possuem abastecimento de água canalizada do poço e

38 estão ligadas à rede de energia elétrica (vide tabela 6).

Os maiores problemas de Nova Luz estão localizados em alguns setores da infra-estrutura, tais como a instalação sanitária - dos 40 domicílios visitados, nenhum está ligado à rede geral e apenas 18 possuem fossa rudimentar, a coleta de lixo é feita em 18 residências e ficou constatado que nenhum morador possui transporte próprio, conforme indicado na tabela 6. Contudo, a ocupação é servida por uma linha de transporte coletivo urbano, além de ser rota do transporte especial que transporta os trabalhadores para o Distrito Industrial. Nesta área encontramos quatro moradores que trabalham no referido Distrito.

O igarapé Nova Luz, que corta a ocupação ao meio é outro problema sério que a população enfrenta, seja por suas inundações, alagando as residências ou pelas doenças epidemiológicas às quais expõe os moradores.

O grau de instrução escolar da população não é bom. Praticamente a metade das pessoas consultadas estudou até o primário e quinze até o primeiro grau, conforme apresentado na tabela 7. Esse dado demonstra a baixa qualificação profissional dos seus moradores (doméstica, pedreiro, pintor, serviços gerais, etc.)

Nova Luz não possui um comércio independente, embora quase tudo que os moradores precisem comprar encontram no próprio bairro do Zumbi dos Palmares e, mais recentemente no Manaus Shopping - São José.

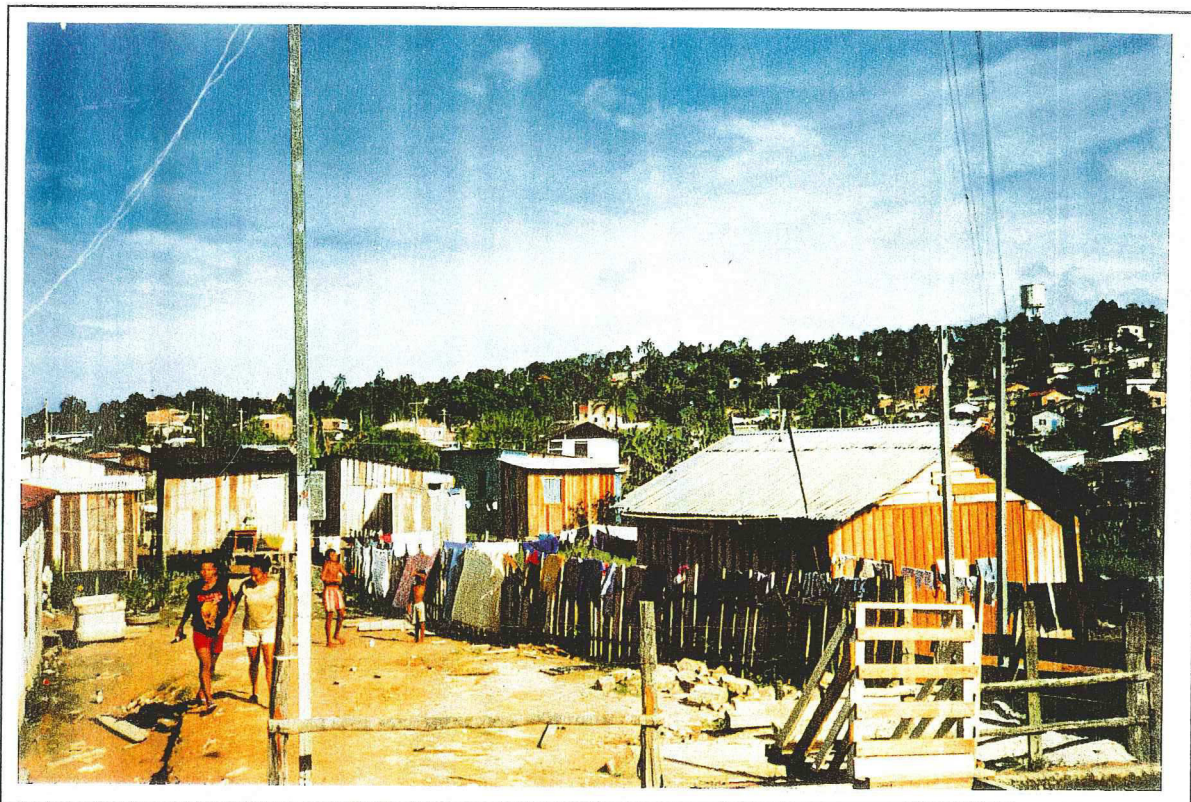


Foto 7 - Ocupação Nova Luz - casas de madeira construídas no fundo de vale, sujeitas a constantes inundações - Foto do autor, fevereiro de 1996.



Foto 8 - Ocupação Nova Luz - casa de alvenaria, rua dos Lagos - Foto do autor, fevereiro de 1996.



Foto 9 - Ocupação Nova Luz - ocupação das margens do igarapé Nova Luz - Foto do autor, fevereiro de 1996.

(d) o loteamento popular Cidade de Deus

Localizado na extrema periferia da cidade, no bairro da Cidade Nova - Zona Norte (vide mapa 2), a Cidade de Deus é uma área recente e que ainda continua em processo de expansão. Limita-se ao Norte com a Reserva Florestal Ducke do Instituto de Pesquisas da Amazônia-INPA, a Leste com a ocupação Monte Sião, a Oeste com o conjunto Canaranas e ao Sul com o loteamento N. S. de Fátima (vide mapa 6).

A área do loteamento ilegal (em fase de regularização) da Cidade de Deus, começou a ser ocupada em 1992, com a iniciativa do então candidato a vereador Raimundo Socorro³⁸ que levou várias pessoas para aquele lugar.

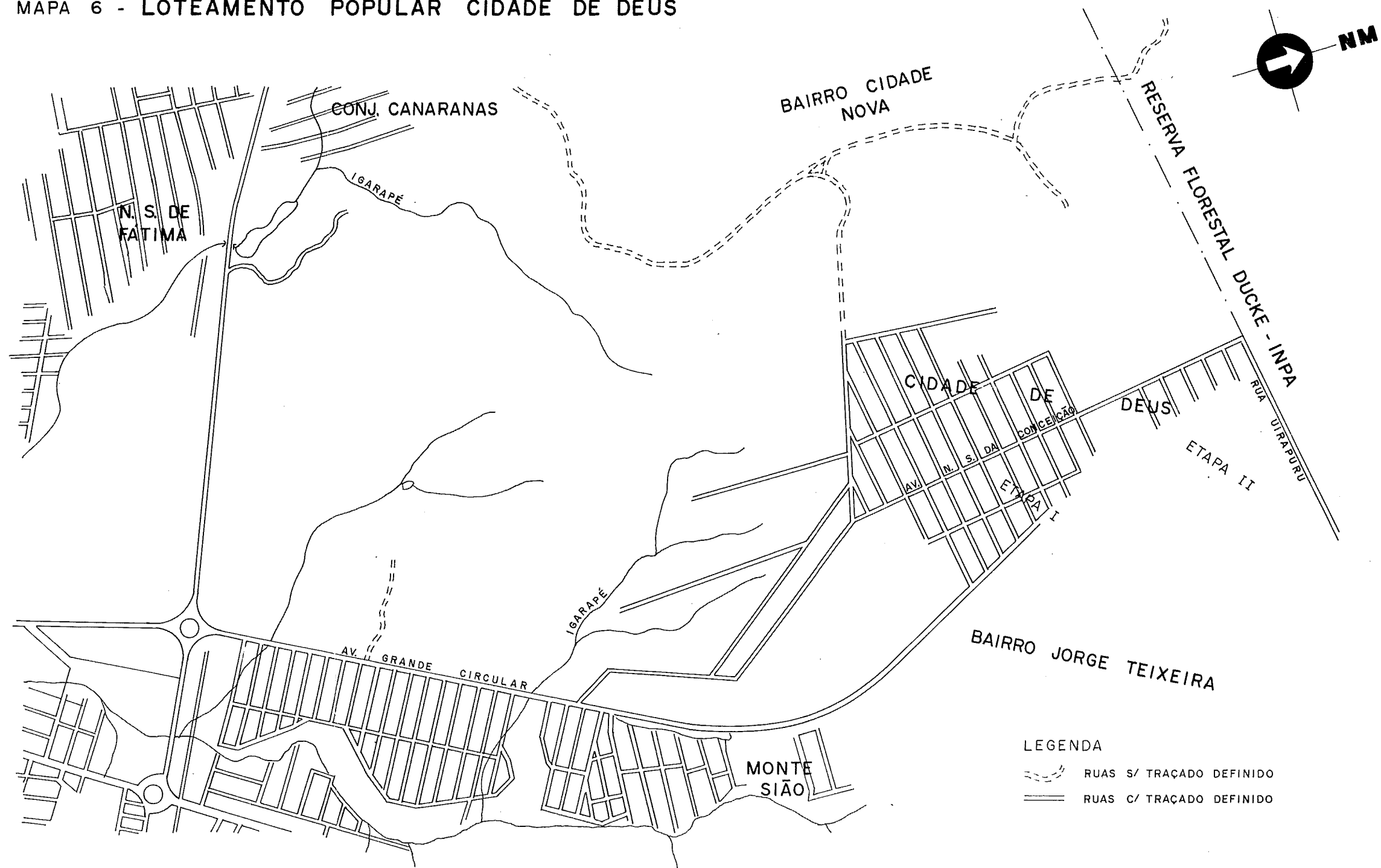
Decorridos alguns conflitos entre a Superintendência da Habitação do Amazonas-SHAM e o Paulo Farias³⁹, o loteamento foi se consolidando através da organização dos moradores do local.

A distribuição dos terrenos é feita através dos coordenadores de cada área. Estes são responsáveis pelo cadastramento dos interessados, traçam as ruas e demarcam os lotes, ou seja, são os promotores do loteamento. A condição básica exigida do "proprietário" ao receber o lote é limpar o terreno e construir o barraco num prazo de 30 a 90 dias.

Segundo D. Edina Vasques⁴⁰, coordenadora da segunda etapa de expansão do loteamento, o tamanho dos terrenos varia de 10x25m (etapa I) e 8x25m (etapa II) e não é exigido nenhum pagamento na sua aquisição. No entanto, na pesquisa de campo realizada nesta área de estudo comprovou-se que é cobrada uma taxa simbólica equivalente a US\$10 por cada terreno.

Em meados de 1995, a Secretaria Municipal de Organização Social e Fundiária - SEMOSF - passou a intervir no processo do loteamento, fazendo o recadastramento dos terrenos não ocupados e repassando-os para outros moradores, de acordo com seu padrão sócio-econômico. Além desta intervenção, a SEMOSF passou a negociar com o estado a regularização desta

MAPA 6 - LOTEAMENTO POPULAR CIDADE DE DEUS



LEGENDA
 - - - - - RUAS S/ TRACADO DEFINIDO
 = = = = = RUAS C/ TRACADO DEFINIDO

ESCALA
 0 100 200 300 400 500m

FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE MANAUS
 IMPLAN - AM.
 ORG. : Vitor Ribeiro Filho.

Des.: NEIDE

área e a emitir um contrato (vide anexo 3) de caráter provisório para o assentamento do novo promissário, que tem um prazo máximo de três meses para construir a sua residência. A não - construção implicará na revogação do Termo de Compromisso e o retorno do imóvel ao patrimônio municipal.

Os problemas do loteamento começam logo em seu acesso. As principais vias de ligação e as ruas internas não são asfaltadas. Dessa forma, quando chove essas vias transformam-se em um atoleiro (vide foto 10), devido as características do solo desta área (latossolo amarelo). Isto dificulta o trânsito de veículos e, conseqüentemente, das pessoas. Os ônibus são os principais veículos a encontrar dificuldades em chegar ao terminal da Cidade de Deus, obrigando os passageiros a andarem longas distâncias até as suas residências.

Analisando a estrutura etária da população do loteamento Cidade de Deus, constatamos que grande parte de seus moradores é jovem, predominando a faixa etária de 25 a 34 anos, conforme exposto na tabela 4.

Conforme observamos na tabela 5, nenhum morador possui renda familiar acima de 5 salários mínimos, sendo que a maioria está na classe de rendimentos salariais de até 1 salário mínimo. Estes dados revelam que há uma grande quantidade de trabalhadores subempregados ou realizando diversos tipos de “bicos” para sobreviverem. E, confrontando tais dados com os da tabela 7, confirmamos a baixa escolaridade de sua população.

A infra-estrutura é praticamente inexistente. Não encontramos domicílios com água canalizada da rede, com instalação sanitária (rede geral), com coleta de lixo e energia elétrica legalizada (vide tabela 6). Com base nos questionários aplicados, verificamos que dos 40 domicílios, 31 têm abastecimento de água do poço (cacimba, cisterna), 17 possuem energia clandestina e 31 usam a fossa rudimentar como instalação sanitária. Portanto, esta é uma área em que a miséria está presente em todas as partes.

Os poucos domicílios que possuem energia clandestina (“gatos”), estão todos localizados na primeira etapa, enquanto a segunda etapa está

completamente no escuro. A ELETRONORTE afirma que “o número de consumidores clandestinos estimados para o triênio 1995-1997 é da ordem de 33.500”⁴¹. Além do “furto” da energia a grande preocupação é a forma de como estes “gatos” são feitos: a população fica exposta constantemente ao risco de acidentes, devido a precariedade da rede improvisada que os próprios moradores instalam. O fato é que este número elevado de “gatos” é consequência da grande quantidade de ocupações, onde são predominantes. No entanto, a sua regularização passa primeiro pela legalização da posse da terra dos loteamentos e das ocupações.

Como a ocupação do loteamento é recente, o tipo de habitação predominante é o aglomerado subnormal (vide foto 11). As pessoas usam principalmente a madeira e levam pouco tempo para construir suas casas. A etapa I da Cidade de Deus é a área que apresenta a maior concentração de residências. As casas estão espalhadas nos baixos platôs, nas encostas, nos fundos de vales e areiais (vide foto 12). Na segunda etapa, o assentamento é mais rarefeito e os terrenos ainda continuam sendo distribuídos.

Em todo o loteamento encontra-se dificuldade na localização do endereço residencial porque as casas não possuem numeração. A referência para encontrar o domicílio é o vizinho ou a identificação feita pela Fundação Nacional da Saúde-FNS. A este respeito, Manaus possui muitas áreas que não apresentam informações precisas sobre endereços⁴².

O comércio é incipiente em função de ser um loteamento, verificando-se a presença maior de casas de material de construção e madeiras. Mas, os gêneros alimentícios básicos podem ser comprados nas tabernas que se encontram ao longo da avenida N. S. da Conceição (etapa I) e na rua Uirapuru (etapa II).

A Cidade de Deus passou a ser servida por transporte coletivo em meados de 1995. Até então, a população ficava praticamente isolada, com grandes dificuldades de locomoção, sendo a carona e as lotações as únicas alternativas.

Agora, mesmo com duas linhas regulares, os problemas não terminaram. O asfaltamento das vias de acesso é uma necessidade urgente para que o transporte se concretize de fato, conforme abordamos anteriormente.

Em sua maioria os loteamentos ilegais revelam o estado de miséria em que vive a população assentada. Sem acesso à infra-estrutura básica, os moradores fazem qualquer sacrifício para obter a moradia. A Cidade de Deus revela este e outros aspectos próprios do crescimento urbano, inclusive a mobilidade residencial.



Foto 10 - Loteamento Popular Cidade de Deus - carros atolados na avenida N. S. da Conceição - que faz a ligação das etapas I e II - Foto do autor, fevereiro de 1996.

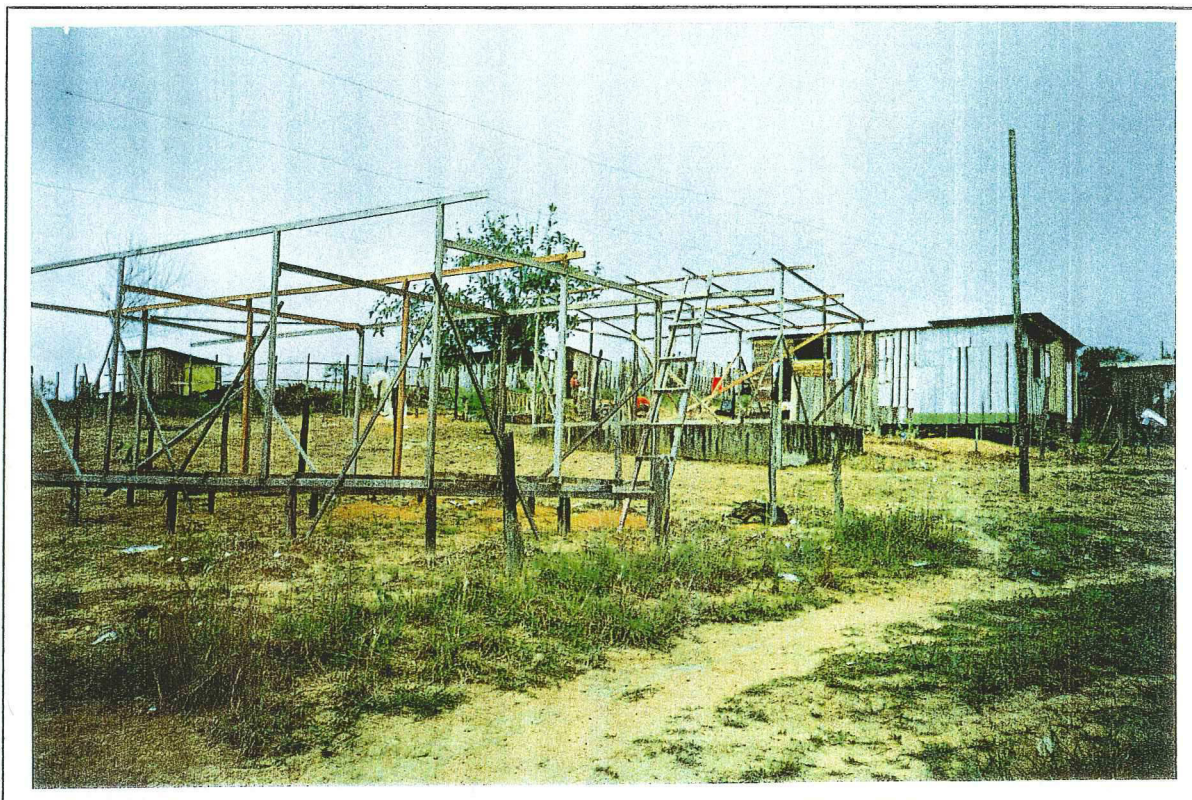


Foto 11 - Loteamento Popular Cidade de Deus - estrutura da casa de madeira - às vezes o próprio morador constrói a sua casa ou conta com a ajuda de parentes e amigos. Foto do autor, fevereiro de 1996.

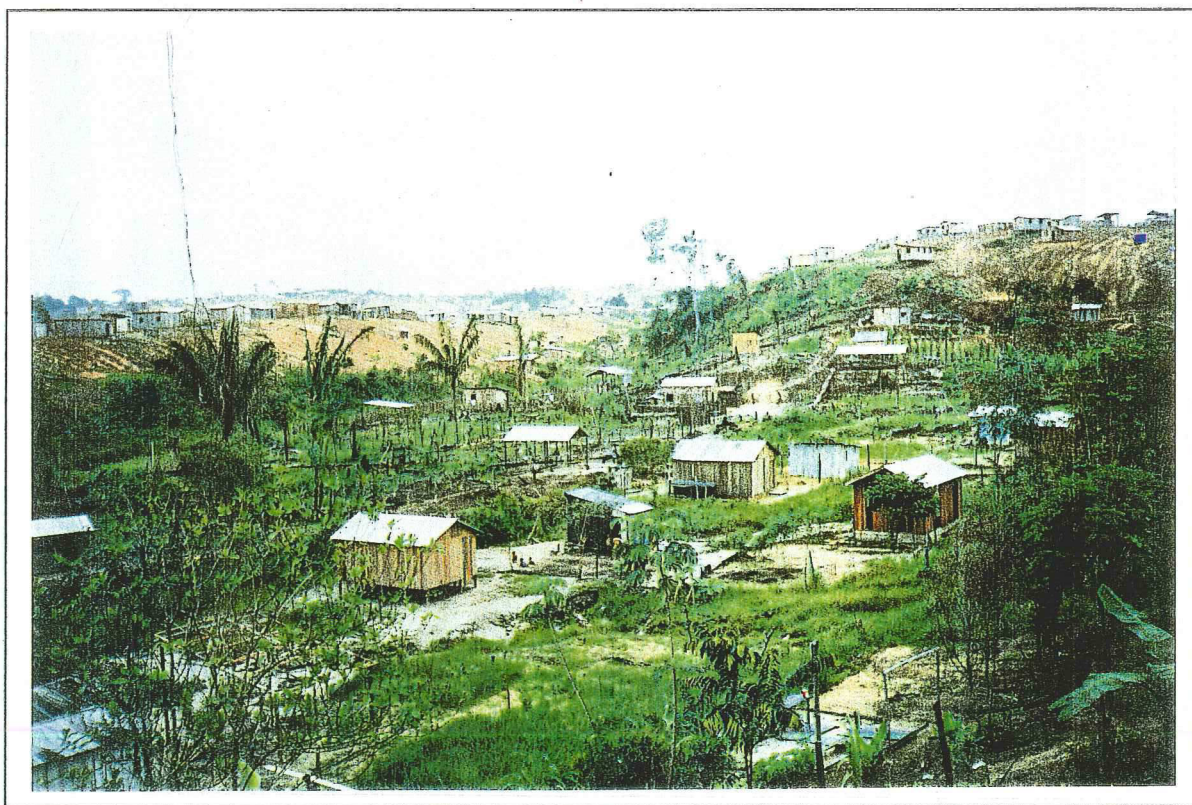


Foto - 12 Loteamento Popular Cidade de Deus - ocupação das encostas e fundo de vale. Foto do autor, fevereiro de 1996.

NOTAS REFERENTES AO CAPÍTULO II:

- (1) Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991, IBGE.
- (2) “A Zona Franca de Manaus é uma área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, estabelecida com a finalidade de criar no interior da Amazônia um centro industrial, comercial e agropecuário dotado de condições econômicas que permitam seu desenvolvimento, em face dos fatores locais e da grande distância, a que se encontram os centros consumidores de seus produtos”. In: BRASIL. Art. 1º - Decreto-Lei nº 288, de 28 de fevereiro de 1967. Diário Oficial. Brasília, fevereiro de 1967.
- (3) Ricardo Manoel NICÁCIO. O impacto da Zona Franca sobre a qualidade de vida em Manaus.
- (4) Arnaldo CARNEIRO FILHO. MANAUS: fortaleza-extrativismo-cidade, um histórico de dinâmica urbana Amazônica.
- (5) Márcio de SOUZA. A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo, p. 136.
- (6) Rosalvo Machado BENTES. Zona Franca, Desenvolvimento Regional e o Processo Migratório para Manaus, p. 227.
- (7) SOUZA, op. cit., p. 142-143.
- (8) Censo Demográfico de 1960, IBGE.
- (9) BENTES, op. cit.
- (10) Luiz Gonzaga Falcão VASCONCELLOS. Manaus: nem todos têm direito à cidade.
- (11) CARNEIRO FILHO, op. cit., p. 6.
- (12) Roberto Lobato CORRÊA. A Organização Urbana. In: Geografia do Brasil.
- (13) Milton SANTOS. Manual de Geografia Urbana, p. 157.
- (14) A Universidade do Amazonas é a única Instituição de Ensino Superior que oferece cursos regulares ou não de graduação em diversas cidades no interior do estado, ainda assim o percentual de alunos não ultrapassa 1%.

- (15) Dados, segundo a Secretaria da Fazenda do Estado do Amazonas e do Ministério da Receita Federal (Manaus) em 1994.
- (16) Fonte: DETRAN-AM.
- (17) SOUZA, op. cit., p. 25.
- (18) Em 1892, o governador Eduardo Ribeiro, deu à cidade um traçado conhecido como “Tabuleiro de Xadrez”. Este foi o primeiro plano que Manaus teve enquanto ordenamento do espaço urbano.
- (19) Segundo Cheptulin, o singular refere-se a um só objeto (fenômeno único) que é a especificação máxima do universal. O singular tem que ter a expressão do universal, sem perder a sua especificidade. As quatro áreas selecionadas contêm aspectos específicos que as condicionam como únicas, mas estão ligadas aos demais processos da cidade de Manaus.
- (20) A estratificação social foi definida através de pesquisa de campo realizada nos domicílios das quatro áreas de estudo e sua análise considerou as seguintes características sócio-econômicas: renda, infra-estrutura e nível de escolaridade. A referida estratificação foi subdividida na seguinte tipologia: *B*- classe média consolidada, *C*- classe média baixa, *D*- classe baixa e *E*- classe muito baixa.
- (21) Roberto Lobato CORRÊA. O Espaço Urbano: Notas Teórico- Metodológicas, p. 102.
- (22) Segundo Moacir Andrade, há documentos do lugar Saco do Alferes, desde 1832. In: Aparecida nasceu da Ilha de São Vicente.
- (23) MONTEIRO, op. cit.,
- (24) Oscar YUJNOVSKY. La estructura interna de la ciudad. El caso latino-americano.
- (25) Para SOUZA, o “comunitarismo”, pode ser “entendido como o exercício de convivência para a vivência de atividades lúdicas, cooperação, encontros com os vizinhos da rua e do bairro”. In: Marcelo J. L. SOUZA. O Bairro Contemporâneo: Ensaio de Abordagem Política, p. 165.
- (26) Yi-Fu TUAN. Espaço e Lugar.

- (27) Dado segundo a pesquisa de campo realizada em janeiro/fevereiro de 1996.
- (28) Fonte: Diário Oficial Estado do Amazonas - Prefeitura Municipal de Manaus. Decreto nº 2.924, de 07/08/1995. Manaus, 10/08/1995. p. 1-2.
- (29) Dados segundo a empresa Socilar Crédito e Imobiliário S.A..
- (30) Socilar, op. cit.
- (31) O Centro Educacional La Salle iniciou as suas atividades em Manaus no ano de 1982. O colégio é requisitado pela boa qualidade de ensino que oferece e hoje a escola conta com 2.600 alunos matriculados, da pré-escola ao segundo grau. São estudantes de diversos setores da cidade pertencentes à classe média.
- (32) Pesquisa de campo.
- (33) Pesquisa de campo.
- (34) Dados fornecidos pela COSAMA-Companhia de Saneamento do Amazonas.
- (35) Por muito tempo, a irmã Helena atuou junto aos movimentos sociais na organização da ocupação de diversas áreas na cidade de Manaus. Neste ano (1996), ela foi transferida para o interior do Pará.
- (36) Para esta delimitação, contei com a colaboração do geógrafo Thomé Epiphanyo Thury Ramos e da moradora Raimunda Romero.
- (37) Segundo o IBGE, para uma área ser caracterizada como favela, ela tem que ter pelo menos 50 domicílios, não existir o título da posse da terra para os moradores e o tipo de habitação ser o aglomerado subnormal.
- (38) Raimundo Socorro, foi eleito vereador em 1992.
- (39) Especulador imobiliário que se dizia proprietário da área.
- (40) Entrevista realizada com D. Edina Vasques em 07/02/96.
- (41) ELETRONORTE - ofício C.E./OMC/267/96 - 19/03/96.
- (42) Leyla LEONG. Manaus ainda não tem endereço fixo.

III. O PROCESSO DE PESQUISA

1. Os Temas da Pesquisa

A nossa preocupação principal nesta pesquisa é de analisar a mobilidade residencial através de um conjunto de temas e não fazer um estudo comparativo entre as quatro áreas pesquisadas.

Os temas selecionados visam a contribuir para sistematizar os estudos sobre os movimentos intra-urbanos, permitindo encontrar analogias e formular princípios, principalmente acerca da realidade brasileira, a qual ainda carece de análises empíricas sobre o assunto. O temário selecionado é constituído pelos seguintes tópicos:

- i. a mobilidade residencial entre os naturais, envolvendo as razões da mobilidade e seus padrões espaciais, e
- ii. a mobilidade residencial entre os imigrantes, envolvendo a sua localização inicial, as razões da mobilidade e, finalmente, os padrões espaciais.

Cabe-nos ressaltar que os temas em questão não são independentes entre si, ao contrário, há uma relação mútua entre eles. Como exemplo, as razões da mobilidade residencial entre os naturais e os imigrantes têm sua convergência na medida em que o motivo de mudança é a obtenção da casa própria.

Os tópicos aqui apresentados não exaurem as possibilidades de se selecionar outros temas para análise. Contudo, isto tornaria a pesquisa inesgotável e interminável; o importante, portanto, é iniciar o caminho e sistematizar a proposição do temário.

2. Os Questionamentos

O objetivo principal de nossa pesquisa é contribuir para a compreensão da mobilidade residencial no município de Manaus a partir de uma análise temática. Interessa-nos o entendimento da estrutura espacial, bem como da natureza social destes deslocamentos.

Conforme já abordamos anteriormente, os crescimentos demográfico e espacial da cidade de Manaus, sobretudo nas décadas de 70 e 80, fizeram com que a cidade viesse a ter uma nova configuração urbana. Este crescimento provocou o inchaço populacional e a expansão das periferias próximas e distantes da cidade. Neste contexto, os migrantes tiveram um papel fundamental na reestruturação urbana de Manaus. Isto posto, cabe-nos perguntar:

Qual a natureza social e espacial dos migrantes de Manaus?

Esta é a questão principal que norteará esta pesquisa. A natureza social, ligada às causas sócio-econômicas e a estrutura espacial, relacionada à intensidade e direção dos fluxos populacionais, são os dois elementos de fundamental importância neste estudo que pode contribuir para identificar a origem dos migrantes, caracterizando ainda a população que se muda. Esta questão será, para efeito de análise, desdobrada em duas subquestões, a partir da bibliografia consultada.

a) que razões levam as pessoas a mudarem de residência?

Os aspectos sócio-econômicos, tais como renda, aluguel, oferta e tipo de imóvel são de essencial importância nas motivações das mudanças residenciais, revelando aspectos da natureza social dos migrantes de Manaus. Contudo, existem outros fatores a serem investigados por nós, que podem ou não interferir

na realidade de Manaus quanto aos deslocamentos intra-urbanos. Dentre eles podemos destacar os estágios do ciclo de vida que, segundo Simmons¹, altera a estrutura familiar e, conseqüentemente, influencia na mobilidade residencial; também destaca-se as necessidades e os desejos de cada migrante em sua razão de mudar - fator que Wolpert² enfatiza em sua análise comportamental - além de outros aspectos intrínsecos ao crescimento urbano e seus efeitos nos fluxos migratórios intra-urbanos.

b) que padrões espaciais de mobilidade residencial podem ser detectados?

Os fluxos de deslocamentos que as pessoas realizam no espaço urbano podem ser definidos em padrões espaciais a partir, em parte, dos resultados das pesquisas realizadas por Mangin³-Turner⁴, Ward⁵-Vernez⁶, Vaughan-Feindt⁷ e Corrêa⁸, estudos estes analisados anteriormente, no primeiro capítulo.

É com base nesses referenciais teóricos que procuraremos identificar os padrões espaciais da mobilidade residencial em Manaus, para os naturais assim como entre os imigrantes.

3. Os Procedimentos Operacionais

Definidas as quatro áreas de pesquisa, passamos à etapa da coleta de dados e informações para caracterizá-las em seus aspectos populacionais, habitacionais e sócio-econômicos. Alguns destes dados tiveram que ser complementados com a análise do questionário, uma vez que as áreas de estudo da Cidade de Deus e Nova Luz tinham poucos dados sistematizados, cabendo a nós realizar tal sistematização. No caso do loteamento popular Cidade de Deus, não havia nenhum cadastro ou levantamento realizado por qualquer órgão público. Já em Nova Luz, quando o IBGE realizou o censo de 1991, a ocupação tinha cinco anos de existência e 81 domicílios permanentes. Hoje, estes números

estão completamente defasados, pois a ocupação passou por um grande processo de transformação de sua paisagem urbana e de suas características sócio-econômicas.

O bairro de Aparecida e o conjunto D. Pedro foram menos problemáticos com relação à obtenção dos dados, exceto nos seus aspectos históricos. Para melhor administrar o tempo durante a coleta dos dados, o período da manhã ficou reservado para visitar os diversos órgãos que pudessem nos fornecer informações de interesse específico à nossa pesquisa. Já na parte da tarde aplicamos os questionários e realizamos as entrevistas com os moradores mais antigos de cada área.

De posse das informações das quatro áreas de estudo e do contexto em que esta pesquisa foi realizada, passamos a apresentar os procedimentos, as etapas e algumas implicações surgidas durante o trabalho de campo.

3.1. O questionário

O questionário (vide anexo 4) foi elaborado com o objetivo de responder aos questionamentos da pesquisa e também complementar as informações que não foram obtidas nos órgãos afins, principalmente para as áreas de estudo de ocupação mais recente. Sua elaboração primou por uma flexibilidade visando ao objetivo de se condicionarem as informações dentro das questões consideradas importantes para a pesquisa. Procurou-se ainda elaborar as perguntas de forma a abranger os temas propostos, propiciando um maior aprofundamento ao estudo.

Trata-se de um questionário semi-aberto. Nele, a parte fechada destinou-se a obter as respostas específicas com relação aos aspectos sócio-econômicos e à infra-estrutura. Já a parte aberta visa a colher informações detalhadas dos agentes que realizam os movimentos intra-urbanos e que merecem um espaço

para que respondam livremente sobre algumas questões pertinentes à origem, localização, trabalho inicial e mudança de residência em Manaus.

Foram aplicados 220 questionários durante os meses de janeiro e fevereiro de 1996. Embora nesses meses haja uma grande incidência de chuvas na região, o trabalho não foi prejudicado. A escolha deste período deu-se em função do melhor momento para encontrar voluntários disponíveis a ajudar na aplicação dos questionários⁹.

Para obter uma melhor qualidade das informações e uma boa produtividade na pesquisa de campo, foi necessário analisar o melhor horário para a realização das atividades. Considerando a diferença do fuso horário¹⁰ e não trabalhando na parte da manhã¹¹, definiu-se como horário para ida às áreas de estudo, o das 14:00h às 17:30h.

Além do horário, em Nova Luz e no loteamento Cidade de Deus, a aplicação dos questionários concentrou-se no sábado e domingo, porque corríamos o risco de encontrar grande parte das residências fechadas durante a semana ou apenas com a presença das crianças¹².

Muitas das estratégias previstas para a aplicação dos questionários foram confirmadas. Outras, contudo, apontaram para direções não esperadas. Foi necessário, por isso, considerar alguns fatores locais relacionados à temática de nossa pesquisa.

O chefe de família ou, em sua ausência, o cônjuge¹³, foi a fonte básica de informação para responder ao questionário. Este critério deu-se em função da necessidade de se obter uma informação completa e que correspondesse à realidade da família.

Com relação à receptividade do informante, há que se distinguir dois momentos. O primeiro se refere às duas áreas de estudo com nível social mais elevado, Aparecida e D. Pedro. Nesses locais, e principalmente no conjunto D. Pedro, as pessoas tinham algum receio em receber o pesquisador¹⁴, tanto que muitas vezes preferíamos entrevistá-los fora do portão da casa para os deixar

menos preocupados. O segundo, por sua vez, diz respeito às áreas periféricas, com status social baixo, a ocupação Nova Luz e o loteamento Cidade de Deus. Ao contrário das outras áreas, nestas a receptividade foi muito boa em todos os domicílios visitados. Os informantes faziam questão de responder ao questionário e enumerar os problemas do bairro. Outro fato a ser destacado, é a participação das mulheres, as quais foram mais receptivas e menos desconfiadas. As informações fluíram com maior facilidade e naturalidade, nestes casos.

Em todos os casos o preenchimento do questionário foi realizado concomitantemente à entrevista pelo autor desta pesquisa ou por um de seus auxiliares. Esta estratégia justifica-se por evitar a perda de tempo e possíveis dúvidas acerca das perguntas, por parte do informante, além de eventuais distorções nas respostas em relação ao nível sócio-econômico da família. Por outro lado, quebra-se a formalidade entre o pesquisador e o informante, podendo-se conseguir informações adicionais às questões pré-estabelecidas no questionário.

No que diz respeito à amostragem, a realização de um inventário completo de cada área de estudo demanda grande consumo de tempo, boa estrutura de transportes, recursos humanos qualificados e é, sobretudo, economicamente inviável¹⁵. Dessa maneira, optamos por um processo de amostragem que permitisse a rápida coleta dos dados minimizando tempo e custos, sem perder, todavia, o índice de precisão de um levantamento completo.

Dentre os diversos processos de amostragem geográfica existentes, adotamos a metodologia que Berry e Baker denominaram de *amostra estratificada*. Nela, a área do estudo é subdividida em estratos, nos quais os pontos de amostragem podem ser escolhidos aleatoriamente¹⁶. Assim, em cada área de estudo selecionamos um determinado número de ruas. Ali aplicamos os questionários de forma aleatória, no conjunto cobriu-se espacialmente tanto a rua quanto a área de pesquisa.

Partindo deste critério estabelecemos um número fixo de questionários para cada área de pesquisa. Sendo considerado para tal, o número de domicílios, a disponibilidade de tempo para a pesquisa de campo e o número de pessoas para realizar o trabalho. Finalmente, foram aplicados 70 questionários em cada uma das áreas mais populosas, Aparecida e D. Pedro, enquanto nas menos populosas 40 questionários em cada. Totalizou-se, assim, 220 questionários aplicados nas quatro áreas de pesquisa.

3.2. As dificuldades da pesquisa de campo

As dificuldades encontradas na pesquisa de campo foram várias, destacando-se o fato de serem, as quatro áreas de estudo, localizadas em diferentes pontos da cidade.

O primeiro obstáculo que surgiu foi o transporte para as áreas distantes em relação ao centro ou ao campus universitário. Em determinados momentos nem mesmo o transporte coletivo tinha acesso à área de pesquisa (Cidade de Deus). Dependíamos, nesses casos, de um meio de transporte que oferecesse condições de alcançar os locais que tinham maior dificuldade de acesso em função dos atoleiros e da precariedade do traçado das ruas.

Outro empecilho foi o clima equatorial, quente-úmido, que em alguns momentos não contribuiu para o cumprimento da atividade planejada. O elevado índice das chuvas que incide sobre a região foi uma das dificuldades, implicando que em algumas vezes necessitamos, durante o trajeto, cancelar a ida ao campo devido às chuvas.

Além do que, conforme abordamos no tópico anterior, o fuso horário acabou por limitar-nos a um curto espaço de tempo de atuação, das 14:00h às 17:30h, obrigando-nos a um prolongamento do período de nossa estadia em Manaus.

Embora tenhamos contado com três auxiliares na aplicação dos questionários, seria interessante haver um número maior de pessoas para desenvolver a pesquisa pois, desta maneira, o tempo poderia ser melhor aproveitado pelo coordenador e autor desta pesquisa em outras atribuições, levando a uma redução do tempo da pesquisa.

Finalmente, a não oficialidade da pesquisa foi uma adversidade que enfrentamos durante o processo de aplicação dos questionários. Quando o pesquisador sai à campo com a divulgação da mídia ou com o respaldo de órgãos conhecidos como IBGE e ou IPOBE, a receptividade é maior e a desconfiança menor. Isto não significa que a Universidade do Amazonas seja desconhecida da sociedade manauara, pelo contrário, em várias oportunidades fomos bem recebidos. Todavia, ainda há um receio por parte dos informantes em receber o pesquisador quando trata-se de um tema que não é de domínio do senso comum. Desse modo, não é conveniente que o pesquisador vá sozinho realizar uma entrevista ou aplicar um questionário; dois pesquisadores juntos são a melhor opção para uma receptividade mais amena.

3.3. A elaboração dos dados

A elaboração dos dados foi realizada em duas fases. Na primeira, foi feita uma análise referente às informações do crescimento demográfico e espacial da cidade de Manaus. Momento em que foram utilizadas como fontes de informação os Censos Demográficos do IBGE, relatórios, mapas e informações da Prefeitura Municipal de Manaus e pesquisas afins que contribuíssem para o desenvolvimento da temática. A partir da análise dos dados obtidos foram elaboradas tabelas e correspondentes, mapas e gráficos como suportes ao estudo do processo da dinâmica urbana de Manaus.

Na segunda fase foram sistematizados os dados do questionário aplicado (vide anexo 4), privilegiando as informações que reportam aos questionamentos

da pesquisa. Objetivando maior organicidade na elaboração de tais dados, procedeu-se a análise em três etapas: 1) dados sócio-econômicos, 2) origem e localização inicial dos imigrantes e 3) razões das mudanças.

A primeira etapa consistiu na organização dos dados sócio-econômicos das quatro áreas de estudo. Os dados familiares, a renda, a situação da infraestrutura e a escolaridade foram os principais itens analisados com o objetivo de identificar elementos relacionados à natureza social da população que se muda.

Na segunda etapa concentrou-se nas informações referentes à origem e localização inicial dos migrantes em Manaus, a fim de estabelecer as relações de sua procedência, período em que chegaram a Manaus e os motivos que incentivaram na mudança para a capital amazonense. Igualmente foi importante analisar as informações em relação ao seu primeiro local de moradia e os laços de parentesco.

A terceira e última etapa consistiu em sistematizar os dados referentes às razões e o grau da mobilidade e seus padrões espaciais. Nesta etapa efetuamos a análise através de um conjunto de temas vinculados à mobilidade intra-urbana. No primeiro tópico, elaboramos os dados referentes à mobilidade residencial entre os naturais e posteriormente, a mobilidade residencial entre os migrantes e, por fim, estabelecemos uma comparação entre os dois grupos de população analisados.

As tabulações utilizadas nas duas primeiras etapas foram basicamente as tabelas e os gráficos apresentados nos capítulos concernentes. Já na terceira etapa, a sistematização foi mais detalhada procurando identificar os motivos e o grau da mobilidade, bem como os fluxos de deslocamentos que as pessoas realizam no espaço urbano. Para tal, foi elaborada uma matriz analítica (vide anexo 5) como síntese dos primeiros resultados do questionário. Desta matriz foram extraídas diversas variantes e realizou-se o cruzamento dos dados obtidos. Similarmente, foram elaboradas tabelas e gráficos.

3.4. Os limites dos dados obtidos

É importante esclarecer que os dados obtidos na pesquisa de campo não são absolutos e têm contradições entre si, porém isto não compromete os seus resultados.

Após a realização das entrevistas detectamos como uma forma de limite algumas contradições nas respostas por parte de informantes. Em alguns casos, percebíamos que o padrão sócio-econômico da família não correspondia à renda apontada em seus questionário. Alguns informantes faziam questão de omitir dados ou porque possivelmente os comprometeriam ou por desejarem preservar a sua privacidade.

Outro limite que os dados nos apontam é a dificuldade que algumas pessoas tiveram em compreender as perguntas do questionário, essencialmente aqueles moradores de baixa escolaridade. Buscou-se simplificar ao máximo a terminologia mais complexa visando evitar tal problema. Mesmo assim, notou-se uma certa ambigüidade nas respostas de algumas questões. A análise destes fatores é interessante para que os dados da pesquisa não sejam vistos como incontestáveis; no entanto estamos atentos às suas potencialidade e limites.

NOTAS REFERENTES AO CAPÍTULO III:

- (1) SIMMONS, op. cit.
- (2) WOLPERT, op. cit.
- (3) MANGIN, op. cit.
- (4) TURNER, op. cit.
- (5) WARD, op. cit.
- (6) VERNEZ, op. cit.
- (7) VAUGHAN e FEINDT, op. cit.
- (8) Roberto Lobato CORRÊA. *Localização Inicial do Imigrante na Cidade: O caso do Rio de Janeiro*, op. cit.
- (9) Conteí com a ajuda de três voluntários fixos (Antônio Fábio G. Vieira, Nágyla P. Silva de Lima e Raimundo Nonato Carvalho) e outros alternados durante o processo de aplicação dos questionários. Todos são ex-alunos do curso de Geografia da Universidade do Amazonas.
- (10) Em 1996, o estado Amazonas não participou do horário de verão estabelecido para alguns estados do país. Sendo assim, a diferença do fuso horário aumentou para duas horas a menos em relação à Brasília. Portanto, é importante considerar que a programação das principais redes de televisão, localizadas nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, não tinham uma programação sedimentada com o horário local. Um dos exemplos é o caso do *Jornal Nacional*, da rede Globo, que iniciava aproximadamente às 18:00h em Manaus. Nestas condições, a atenção dispensada ao pesquisador não era a mesma de outros horários.
- (11) Não é aconselhável realizar entrevista ou aplicar questionário no período matutino, porque grande parte dos chefes de família não estão em casa e as donas-de-casas estão preocupadas com a administração do lar e a preparação do almoço.

(12) Em reunião com as líderes comunitárias, fomos aconselhados a aplicar os questionários durante o final de semana, uma vez que a maioria dos chefes de família, seja do sexo masculino ou feminino, trabalha durante o dia.

(13) Em muitos domicílios encontramos como chefe de família, o cônjuge feminino. Na ausência deste, escolhemos o filho mais velho que tivesse informação suficiente das características da família.

(14) Com o aumento da violência e outros fatores sociais, a população de alto status encastela-se em suas residências, constrói muralhas e instala sistema eletrônico para aumentar a segurança da família e dificultar o acesso de pessoas estranhas, inclusive a do pesquisador. O interfone passa ser a forma mais fácil de dizer não.

(15) Brian J. L. BERRY e Alan M. BAKER. Análise Espacial.

(16) BERRY e BAKER, op. cit., p. 3.

IV. MOBILIDADE RESIDENCIAL EM MANAUS

São várias as razões pelas quais as pessoas mudam de residência na cidade. As mais imediatas dizem respeito aos motivos ligados ao ciclo de vida, além de motivos estruturais associados aos fatores sócio-econômicos. A partir do momento em que essas pessoas deslocam-se de uma moradia para outra, realizam fluxos de maior ou menor intensidade em direção a outras áreas ou dentro das mesmas, determinando os padrões espaciais da mobilidade residencial.

Neste estudo separamos a análise dos naturais, nascidos em Manaus, e dos migrantes, provenientes de outros municípios para melhor caracterizar os movimentos intra-urbanos dos dois tipos de agentes e, em seguida, estabelecer uma comparação entre os mesmos. Sem que isto resulte em perda na análise sistemática dos temas apresentados no processo da pesquisa.

1. Características Gerais

Embora nosso objetivo maior seja analisar a mobilidade residencial através de um estudo sistemático, é igualmente importante que apresentemos as características gerais dos movimentos intra-urbanos das quatro áreas de estudo, bem como dos agentes realizadores de tais deslocamentos.

1.1 Segundo as áreas

O grau da mobilidade residencial apresenta resultados diferentes entre si, de acordo com as áreas selecionadas. Ao confrontarmos o número de mudanças com os questionários aplicados em cada área de pesquisa, conforme observamos na tabela 8, obtemos os seguintes índices de mobilidade residencial: Aparecida,

1,07; D. Pedro, 1,34; Nova Luz, 2,17; Cidade de Deus, 1,72, segundo a média geral igual a 1,47.

TABELA 8

Manaus: Mudanças por Áreas de Estudo

Áreas	Questionários Aplicados	Naturais	Migrantes	Mudanças
Aparecida	70	41	29	75
D. Pedro	70	34	36	94
Nova Luz	40	8	32	87
Cidade de Deus	40	13	27	69
Total	220	96	124	325

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996

Nas áreas periféricas de Nova Luz e Cidade de Deus verificamos que o grau da mobilidade residencial está acima da média (1,47). No caso de Nova Luz, ocupação que ainda se encontra em processo de cristalização, chega a ocorrer mais de duas mudanças por domicílio. Fator de fundamental importância para a análise destes dados é o maior percentual de migrantes em relação aos naturais destas áreas. Assim, de acordo com a tabela 8, os migrantes representam 80% dos entrevistados de Nova Luz e 67,5% da Cidade de Deus.

Ao contrário, o bairro de Aparecida e o conjunto D. Pedro, apresentam um índice menor de mobilidade e, igualmente, de migrantes em relação às duas outras áreas. Na mesma tabela 8 observamos que em Aparecida, dos 70 questionários aplicados constataram-se apenas 75 mudanças, ou seja, aproximadamente uma mudança por domicílio; por outro lado, 41% dos entrevistados são naturais da cidade de Manaus. Para o conjunto D. Pedro, os índices não são muito diferentes.

Os principais motivos que levaram as pessoas a se mudarem para cada área de estudo, estão ligados ao acesso à residência própria e, com uma menor incidência, ao aluguel.

Os dados do Quadro 2 mostram-nos que 10% dos entrevistados de Aparecida - 7 moradores - mudaram em função do aluguel e que 33 deles sempre moraram no bairro. Estes números confirmam baixa mobilidade e grande fixação dos moradores nesta área. Já no conjunto D. Pedro, 21 moradores mudaram-se em busca da casa própria, 8 em função do casamento e 15 sempre moraram no local. Destes 60% são jovens que nasceram no conjunto. Outro dado relevante a ser considerado é que dos 70 entrevistados 52,8% são os primeiros a habitarem as suas residências.

QUADRO 2

Manaus: Motivos das Mudanças para as Áreas de Estudo

Motivos \ Áreas	Aparecida	D. Pedro	Nova Luz	Cidade de Deus
Aquisição da casa própria	2	21	6	6
Aquisição do terreno	-	-	18	15
Aluguel	7	4	1	1
Casamento	2	8	2	1
Trabalho	2	1	-	1
Distância	1	3	-	-
Família	3	1	2	2
Separação	-	-	2	3
Adaptação ao lugar	1	2	-	1
Melhor moradia	4	3	-	-
Venda da casa	-	1	-	1
Tamanho da casa	2	1	-	-
Reforma	-	-	-	-
Enchente	-	1	-	-
Outros	4	4	3	4
Não respondeu/sabe	9	5	2	-
Sempre morou na área	33	15	4	5
Total	70	70	40	40

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

A aquisição do terreno foi o fator fomentador de mudança tanto para a ocupação de Nova Luz (52,5%), quanto para o loteamento Cidade de Deus (37,5%). Com relação aos quatro moradores que sempre residiram em Nova Luz e os cinco na Cidade de Deus, são migrantes que chegaram direto para estas áreas.

Analisando o total dos deslocamentos para cada área de estudo, ficou constatado que houve uma pequena quantidade de mudanças dentro das mesmas. Em Aparecida, foram realizadas oito mudanças; quatro no conjunto D. Pedro; duas em Nova Luz e uma no recente loteamento da Cidade de Deus. Este pequeno movimento local indica que não há uma relação entre os deslocamentos e a satisfação com o bairro ou com a preservação da espacialidade familiar¹.

1.2 Segundo naturais e migrantes

A idade, ocupação, renda e educação, são as melhores características a descrever a população que se muda. Aqui não pretendemos relacionar tais aspectos ao número de mudanças, pois isto será feito posteriormente. As características gerais dos naturais e migrantes foram obtidas em todos os questionários aplicados, incluindo as pessoas que não realizaram nenhuma mudança.

TABELA 9

Manaus: População, segundo a Estrutura Etária entre os Naturais e os Migrantes

Faixa Etária	Naturais (%)	Migrantes (%)
Até 18 anos	2,1	3,2
19 a 24 anos	16,7	6,5
25 a 34 anos	16,7	16,1
35 a 44 anos	15,6	26,6
45 a 54 anos	23,9	19,4
55 a 64 anos	11,5	16,1
65 e mais	13,5	12,1
Total	100	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

A tabela 9 indica uma pequena predominância (23,9%) na população de naturais na faixa etária de 45 a 54 anos, e de 26,6% para os migrantes entre 35 a 44 anos. Esses números indicam que os migrantes realizam deslocamentos intra-urbanos em fase anterior do ciclo de vida àquela dos naturais. Nota-se, porém, uma equivalência de aproximadamente 16% entre as duas situações na faixa etária de 25 a 34 anos, ou seja, os jovens, nascidos ou não em Manaus, estão sempre dispostos a mudarem-se na mesma proporção.

A condição de ocupação em que encontram-se os moradores pesquisados revela-nos duas características básicas, conforme apresentado na tabela 10. A primeira, é que 93,7% dos naturais residiam, segundo a condição de ocupação, em casa própria e 5,2%, habitavam em moradia alugada. A segunda, é que tais posições não alteram para os migrantes. No entanto, os índices são menos favoráveis a suas condições de habitação, com 81,5% para a casa própria e 8,9% para a moradia alugada. Observamos ainda, nesta tabela, que os laços de parentesco e outros tipos de ocupações são mais expressivas entre os migrantes.

TABELA 10

Manaus: Condição de Ocupação Atual entre os Naturais e os Migrantes

Ocupação	Naturais (%)	Migrantes (%)
Própria	93,7	81,5
Alugada	5,2	8,9
Ocupada	-	-
Cedida	1,1	4,0
Posse	-	-
Amigos	-	-
Parentes	-	3,2
Outros	-	2,4
Total	100	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

A renda é um dos melhores indicadores para definir o status sócio-econômico e possivelmente é um fator decisivo na escolha do tipo de habitação; principalmente na situação da moradia alugada, na qual o custo da habitação representará um aspecto importante no orçamento familiar. Nesse contexto, escolhemos a renda familiar porque esta representa melhor a realidade do domicílio pesquisado.

Os números da tabela 11 evidenciam uma predominância da renda familiar na mesma faixa de 1 a 3 salários mínimos, com uma pequena vantagem para os naturais. O aspecto mais importante que verificamos nesta amostra é que a partir da faixa de 3 a 5 salários mínimos os percentuais vão diminuindo tanto para os naturais, quanto para os migrantes. Verifica-se, porém, uma redução maior no último caso, ou seja, à medida em que aumenta a faixa salarial os migrantes diminuem mais a sua renda.

TABELA 11

Manaus: Renda Familiar entre os Naturais e os Migrantes

Renda	Naturais (%)	Migrantes (%)
Até 1 salário mínimo	11,4	17,7
1 a 3 salários mínimos	28,1	23,4
3 a 5 salários mínimos	14,6	12,1
5 a 10 salários mínimos	14,6	10,5
10 a 20 salários mínimos	12,5	7,2
20 e mais salários mínimos	9,4	8,1
Não respondeu	9,4	21,0
Total	100	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Cabe ainda ressaltar que 21,0% dos migrantes não quiseram informar sua renda familiar, talvez por medo de que esta pesquisa pudesse trazer implicações negativas para si a posteriori.

A escolaridade é um elemento importante na confirmação da qualificação, seja da população que nasceu em Manaus, seja daqueles que vieram de outras localidades.

Ao observarmos a tabela 12, constatamos que o número de analfabetos é maior entre os migrantes do que em relação aos naturais. Levando em consideração o ensino fundamental, os migrantes tiveram um desempenho melhor (60,5%). Já os naturais, obtiveram um percentual maior da população com o segundo grau concluído (39,5%).

TABELA 12

Manaus: Nível de Escolaridade entre os Naturais e os Migrantes

Qualificação	Naturais (%)	Migrantes (%)
Analfabeto	4,2	10,5
Até o primário completo	29,2	40,3
Até o primeiro grau completo	19,8	20,2
Até o segundo grau completo	39,5	16,9
Superior completo	7,3	11,3
Não respondeu	-	0,8
Total	100	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Constatamos também que 11,3% dos migrantes concluíram o curso superior, contra 7,3% dos naturais. Isto explica-se devido ao fluxo de uma parte da mão-de-obra qualificada dos migrantes para atender à demanda de empresas privadas bem como do setor público.

2. Mobilidade Residencial entre os Naturais

Na tentativa de analisar as razões pelas quais as pessoas mudam de residência e identificar os padrões espaciais da mobilidade residencial em Manaus, procuramos, para efeito da análise que se segue, primeiramente caracterizar de forma geral os principais motivos citados pelos entrevistados. Os padrões espaciais de mobilidade dos naturais foram, a seguir, considerado.

2.1. As razões da mobilidade

Os motivos pelos quais as pessoas mudam de residência no espaço urbano é uma questão complexa que envolve fatores sociais e psicológicos. Na realidade não podemos atribuir uma única causa isolada, seja a estrutura sócio-econômica, seja o comportamento.

Os motivos, portanto, podem ser de caráter subjetivo, envolvendo causas individuais - explícitas ou não - e oriundos dos motivos estruturais, que estão relacionados aos fatores sociais e econômicos sobretudo, cuja manifestação é mais perceptível.

Na presente pesquisa consideramos os motivos explícitos apontados pelos informantes como causa principal de mudança. Eles nos propiciam melhores condições de sistematização da pesquisa, constituindo uma fonte empírica eficaz na organização das informações.

Nas entrevistas realizadas ao perguntarmos aos informantes qual a causa principal da mudança, nem sempre obtivemos respostas claras e concisas. As pessoas muitas vezes respondiam de forma bastante vaga, a exemplo, "porque quis mudar", "vontade de mudar" e "motivos pessoais". Em outros momentos, não se lembravam dos motivos pelos quais mudaram.

O caráter vago das respostas por parte da população entrevistada demonstra a não-compreensão dos fatores que interferiram em suas mudanças,

ou seja, as causas são mais complexas do que os motivos revelados². A omissão diz respeito à preservação da privacidade do informante.

A decisão de mudar não é um ato tão simples conforme podemos imaginar. Ao contrário, envolve os mais diversos fatores sociais, econômicos, biológicos e comportamentais que provocam significativas alterações na estrutura familiar e no ciclo de vida do indivíduo.

A aquisição da casa própria e do terreno foram as principais razões de mudança das pessoas que nasceram em Manaus, representando 36,8% do total dos deslocamentos intra-urbanos, conforme exposto na tabela 13.

TABELA 13

Manaus: Motivos de Mudanças entre os Naturais

Motivos	Ocorrência	%
Aquisição da casa própria	23	24,2
Aquisição do terreno	12	12,6
Casamento	11	11,6
Em função da família	10	10,5
Adaptação ao lugar	5	5,3
Reforma da casa	4	4,2
Aluguel	3	3,1
Trabalho	3	3,1
Venda da casa	3	3,1
Distância	2	2,2
Melhor moradia	2	2,2
Tamanho da casa	1	1,0
Enchente	-	-
Separação	-	-
Outros	7	7,4
Não respondeu/sabe	9	9,5
Total	95	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

A aquisição da casa própria ainda é o desejo de grande parte da população entrevistada e, com este objetivo realizado, influi decisivamente nas mudanças das pessoas.

Hoje, as pessoas utilizam diferentes formas para obter a moradia própria, seja através do Sistema Financeiro de Habitação, seja da compra da residência de outro morador em bairro de alto status, de urbanização popular e nas ocupações³ localizadas em vários setores da cidade. No caso da população de baixo status, o importante é ter o seu “cantinho” para morar e fugir do aluguel. Em outra situação, a população de estratos sociais alto e médio alto, têm na casa própria outros objetivos e interesses como o de satisfazer a suas necessidades com o ambiente e o status social.

A aquisição do terreno foi o segundo motivo mais importante encontrado entre os entrevistados, com incidência total nas duas áreas periféricas de estudo. As pessoas de baixa renda que não conseguem acesso à casa própria pelo sistema oficial de habitação, viabilizam outras alternativas como os loteamentos legais e ilegais⁴ mediante ações espontâneas ou não. Criam-se novas áreas periféricas provenientes dos movimentos intra-urbanos com a intenção de construir a sua moradia.

Ressalta-se que, inclusive, não só fazem parte destas mudanças os migrantes, mas também as pessoas que nasceram em Manaus e são pertencentes ao mesmo estrato social. Todavia, para realizar este sonho, moram provisoriamente em habitações precárias e, em várias etapas, vão melhorando a residência de acordo com o orçamento familiar.

O casamento, a mudança em função da família e a adaptação ao lugar, respectivamente, estão entre os cinco motivos mais importantes e representam 27,4% dos deslocamentos intra-urbanos das pessoas que nasceram em Manaus. Estes três fatores confirmam que o ciclo de vida⁵ e o comportamento⁶ interferem de forma significativa nas mudanças dos informantes.

O casamento⁷, com 11,6%, é um fator que merece atenção dentre os demais. Demonstra que as pessoas evitam, segundo as possibilidades, em morar junto aos familiares e, na medida do possível, querem ter seu espaço próprio e independente após o casamento. As pessoas que tiveram o casamento como causa principal da mudança, em sua maioria estão localizadas no conjunto D. Pedro, mas não podemos deixar de ressaltar que nas áreas periféricas e no bairro de Aparecida também foram encontrados moradores que declararam este motivo.

A mudança em função da família, que representou 10,5% dos deslocamentos, é uma decisão importante que envolve todos os seus membros e a participação destes no processo, inclusive desde a tomada da decisão de se mudar.

Os dados da tabela 13 despertam-nos para os 5,3% dos entrevistados que se mudaram em função da adaptação ao lugar, tanto é que este percentual de mobilidade residencial foi superior, por exemplo, ao aluguel, 3,1%, trabalho, 3,1%, melhor moradia, 2,2%, distância, 2,2% e outros. O descontentamento com a casa, vizinhança e com o ambiente em geral acabam gerando esta motivação para mudança⁸.

O baixo percentual do aluguel, 3,1%, explica-se pelo fato de 93,7% dos naturais residirem em condição de habitação própria. Em relação ao trabalho e à distância, os dados desta tabela vão ao encontro do resultado que Paviani, Campos e Farret⁹ encontraram no estudo realizado em Brasília. Segundo os autores a distância entre o local de moradia e o trabalho não têm sido motivos determinantes para se mudar, devido principalmente a que “o endurecimento dos mecanismos de controle do uso do solo resultou em alterações na distribuição espacial das oportunidades de moradia ...”¹⁰.

A reforma da casa, com 4,2%, a procura de uma melhor moradia, com 2,2%, e o tamanho da casa, com apenas 1,0%, são motivos estruturais de mudanças encontrados, principalmente no bairro de Aparecida e no conjunto D.

Pedro - entre os moradores com melhor renda familiar. Os motivos que apareceram em um número de vezes igual ou inferior a dois ou que também não registraram ocorrência entre os migrantes, foram considerados como outros motivos, representando 7,4% das mudanças dos naturais . 9,5% não informaram o motivo da mudança.

A seguir analisaremos a mobilidade residencial entre os naturais, segundo o número de vezes que se mudaram, com base nos questionários aplicados nas quatro áreas de estudo, onde registraram-se até cinco mudanças anteriores a sua situação à época da entrevista. A definição desse número de mudanças deu-se em função da amostragem da pesquisa de campo que apontou uma quantidade insignificante de moradores que realizaram mais do que cinco deslocamentos. Além do que, as pessoas que se mudaram entre três e cinco vezes não representaram um percentual expressivo do total da mobilidade residencial em Manaus.

O acesso à casa própria foi o principal motivo de deslocamento intra-urbano entre os naturais que mudaram uma e de três a cinco vezes. Contudo, neste grupo 15,1% mudaram em função da família, conforme mostra-nos a tabela 14. Já para quem realizou duas mudanças, o casamento foi o fator decisivo.

TABELA 14

Manaus: Motivos de Mudanças entre os Naturais segundo o número de vezes em que se mudaram

Número de vezes	Motivos	%
1 vez	Casa própria	31,8
2 vezes	Casamento	22,2
de 3 a 5 vezes	Casa própria	18,2
	Em função da família	15,1

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Durante o processo de mudança dos naturais no espaço urbano de Manaus, constatou-se a predominância da condição de ocupação própria em todos os seus deslocamentos, conforme exposto na tabela 15. Diante destes dados podemos afirmar que aproximadamente 50% dessa população mudou-se, segundo o número de vezes, de casa própria para casa própria.

TABELA 15

Manaus: Condição de Ocupação entre os Naturais segundo o número de vezes em que se mudaram

Número de vezes	Condição de Ocupação	%
1 vez	Própria	56,8
2 vezes	Própria	55,5
de 3 a 5 vezes	Própria	45,4

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

No que diz respeito à renda familiar, verificou-se um equilíbrio na faixa de 1 a 3 salários mínimos em todas as mudanças de residência (vide tabela 16), porém ressalta-se um percentual maior, de 44,4%, para quem se mudou duas vezes.

TABELA 16

Manaus: Renda Familiar entre os Naturais segundo o número de vezes em que se mudaram

Número de vezes	Renda	%
1 vez	1 a 3 salários mínimos	29,5
2 vezes	1 a 3 salários mínimos	44,4
de 3 a 5 vezes	1 a 3 salários mínimos	37,5

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Analisando a estrutura etária, segundo o número de deslocamentos, observamos que para quem mudou uma e de três a cinco vezes predominaram a mesma faixa etária, de 45 a 54 anos e que para a população que mudou duas vezes, prevaleceu a faixa etária de 25 a 34 anos, conforme indica a tabela 17. Consultando a tabela 14 e relacionando-a com a tabela 17, constata-se que os naturais adquiriram a casa própria na mesma faixa etária e segundo o mesmo número de vezes que em se mudaram. Por outro lado, para quem se mudou duas vezes, constata-se tratar de uma população mais jovem e que teve como motivo principal o casamento .

TABELA 17

Manaus: Estrutura Etária entre os Naturais segundo o número de vezes em que se mudaram

Número de vezes	Idade	%
1 vez	45 a 54 anos	29,5
2 vezes	25 a 34 anos	33,3
de 3 a 5 vezes	45 a 54 anos	37,5

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

De acordo com a tabela 18, observamos que, na medida em que aumenta o número de deslocamentos, diminui o grau de escolaridade dos naturais. Isto demonstra que a população com baixa escolaridade tem uma tendência maior à mobilidade residencial.

TABELA 18

Manaus: Escolaridade entre os Naturais segundo o número de vezes em que se mudaram

Número de vezes	Escolaridade	%
1 vez	Segundo grau completo	34,1
2 vezes	Até o primeiro grau completo	44,4
de 3 a 5 vezes	Até o primário completo	50,0

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

2.2. Os padrões espaciais

A análise dos padrões espaciais da mobilidade residencial tem sido voltada praticamente para os migrantes, deixando uma lacuna aberta para a trajetória espacial dos naturais. Pretendemos, assim, preencher este hiato e compreender os movimentos das pessoas que nasceram em Manaus.

Como foram registradas no máximo cinco mudanças anteriores em relação à moradia atual, o índice de mudança de domicílio foi grande e possibilitou diversas variáveis de análise sobre o número de vezes em que as pessoas mudaram. Por conseguinte, foi realístico examinar a primeira moradia, a última mudança - que foi a residência anterior - e a moradia atual.

Ao perguntarmos qual foi a localização da primeira moradia dos entrevistados nascidos em Manaus, o resultado foi de 19,7% na área central, 41,0% na periferia imediata, 31,1% na periferia intermediária e 8,2% na periferia distante¹¹; conforme exposto na tabela 19 e representado nos mapas 7 e 8. Considerando a moradia anterior, os índices foram de 18,0%, 34,4%, 32,8% e 14,8% para área central, periferia imediata, periferia intermediária e periferia distante, respectivamente. O fato de não se ter registrado valores para a moradia atual na área central é resultado de nenhuma das áreas de estudo ser localizada neste setor da cidade. Mas verifica-se a tendência da trajetória espacial dos naturais para a periferia intermediária e periferia distante com percentuais de 36,1% e 34,4%, respectivamente.

Nota-se também a perda de população da área central e periferia imediata para a periferia intermediária e periferia distante, conforme observamos na tabela 19 e na figura 2. Desta forma, podemos afirmar que a trajetória espacial dos naturais é realizada, em sua maioria, no âmbito da periferia urbana. Sendo assim, a casa própria a que as novas gerações terão acesso tende a ser mais distante em relação a de seus familiares.

TABELA 19

Manaus: Padrões Espaciais da Mobilidade entre os Naturais que se mudaram uma ou mais vezes

Localização \ Moradia	1ª Moradia Citada %	Moradia Anterior %	Moradia Atual %
Área central	19,7	18,0	
Periferia Imediata	41,0	34,4	29,5
Periferia Intermediária	31,1	32,8	36,1
Periferia Distante	8,2	14,8	34,4

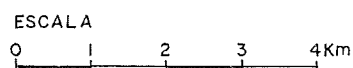
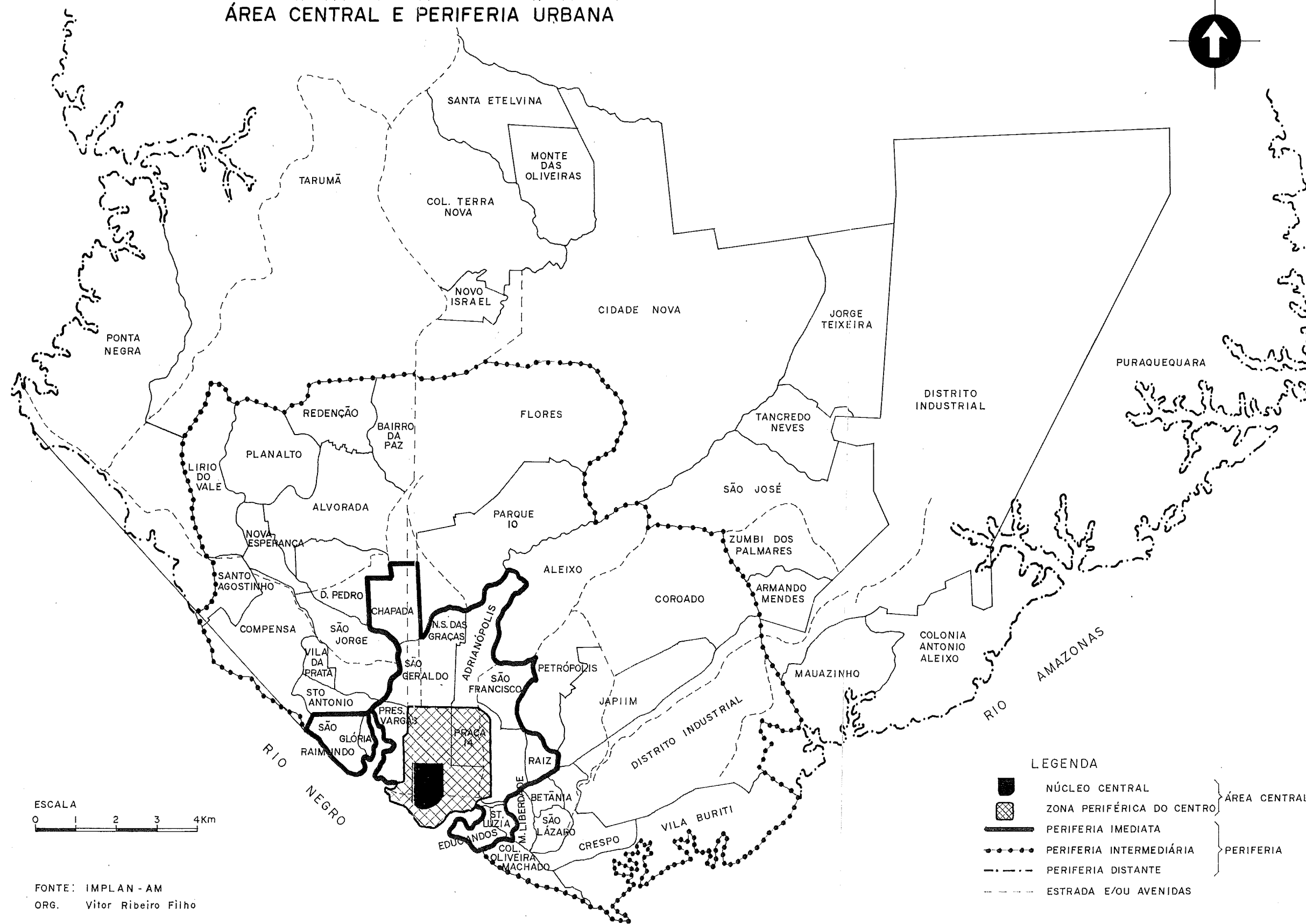
Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

As principais motivações que levaram os naturais a se mudarem para o atual local de moradia estão ligados aos fatores estruturais, como a aquisição da casa própria e do terreno e, em menor grau, aos fatores comportamentais: casamento, mudança em função da família e adaptação ao lugar, causas estas já abordadas no tópico anterior.

A oferta de habitações e a demanda do mercado imobiliário também influenciaram nas mudanças das pessoas para determinadas áreas e tipos de habitações. Mas estes fatores ficaram restritos principalmente à classe média que adquiriu a casa própria em conjuntos habitacionais. A população de baixa renda praticamente ficou excluída do mercado imobiliário formal, utilizando-se de outras alternativas como os loteamentos ilegais e as ocupações para obter o acesso à moradia própria.







MAPA 7 - ZONEAMENTO DA CIDADE DE MANAUS:
ÁREA CENTRAL E PERIFERIA URBANA

NM



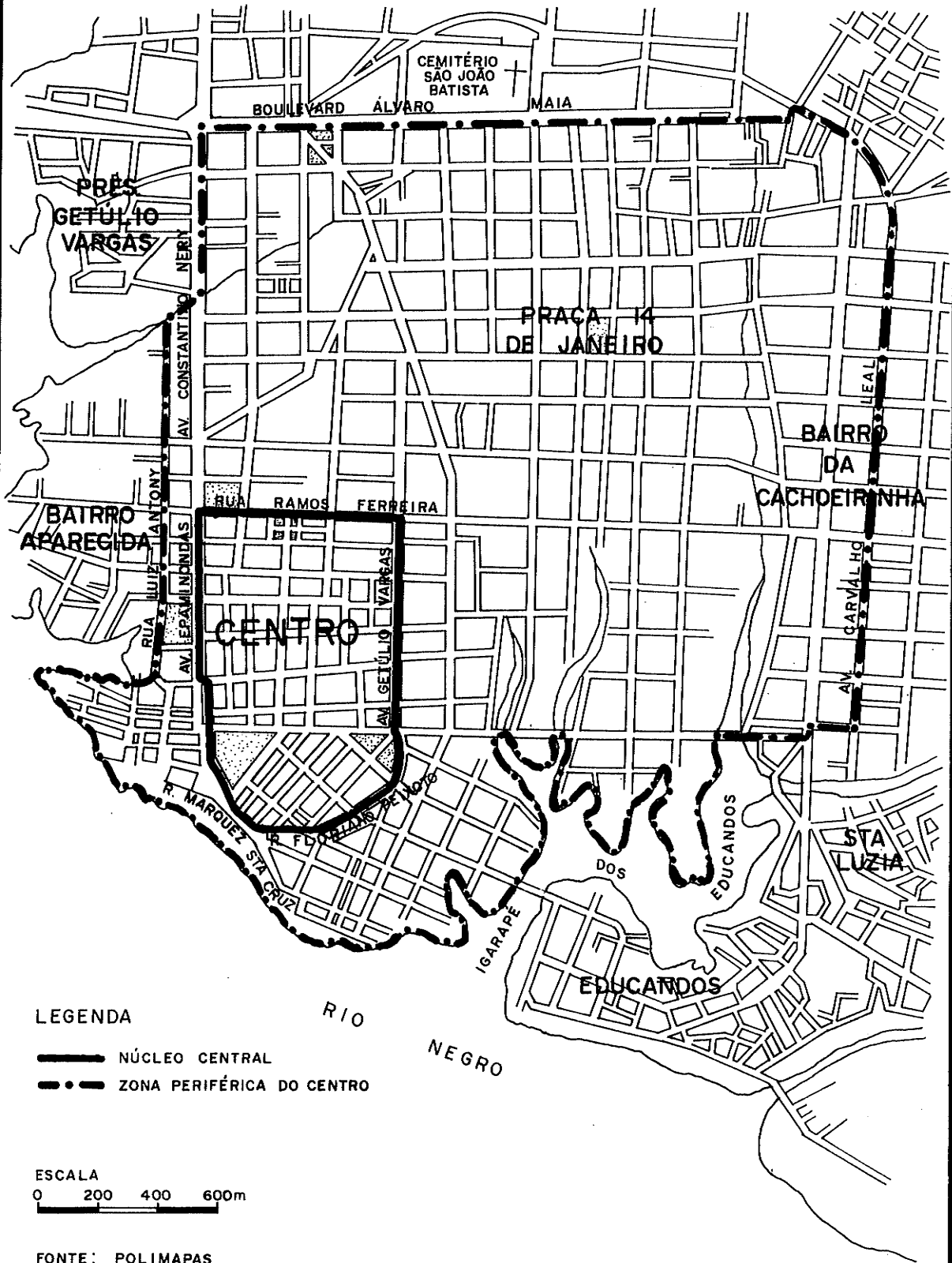
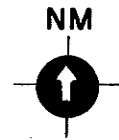
FONTE: IMPLAN - AM
ORG. Vitor Ribeiro Filho

LEGENDA

-  NÚCLEO CENTRAL
 -  ZONA PERIFÉRICA DO CENTRO
 -  PERIFERIA IMEDIATA
 -  PERIFERIA INTERMEDIÁRIA
 -  PERIFERIA DISTANTE
 -  ESTRADA E/OU AVENIDAS
- } ÁREA CENTRAL
- } PERIFERIA

**MAPA 7 -Zoneamento da Cidade de Manaus: Área Central e Periferia
Urbana**

MAPA 8 - NÚCLEO CENTRAL E ZONA PERIFÉRICA DO CENTRO DE MANAUS



LEGENDA

- NÚCLEO CENTRAL
- - - ZONA PERIFÉRICA DO CENTRO

ESCALA

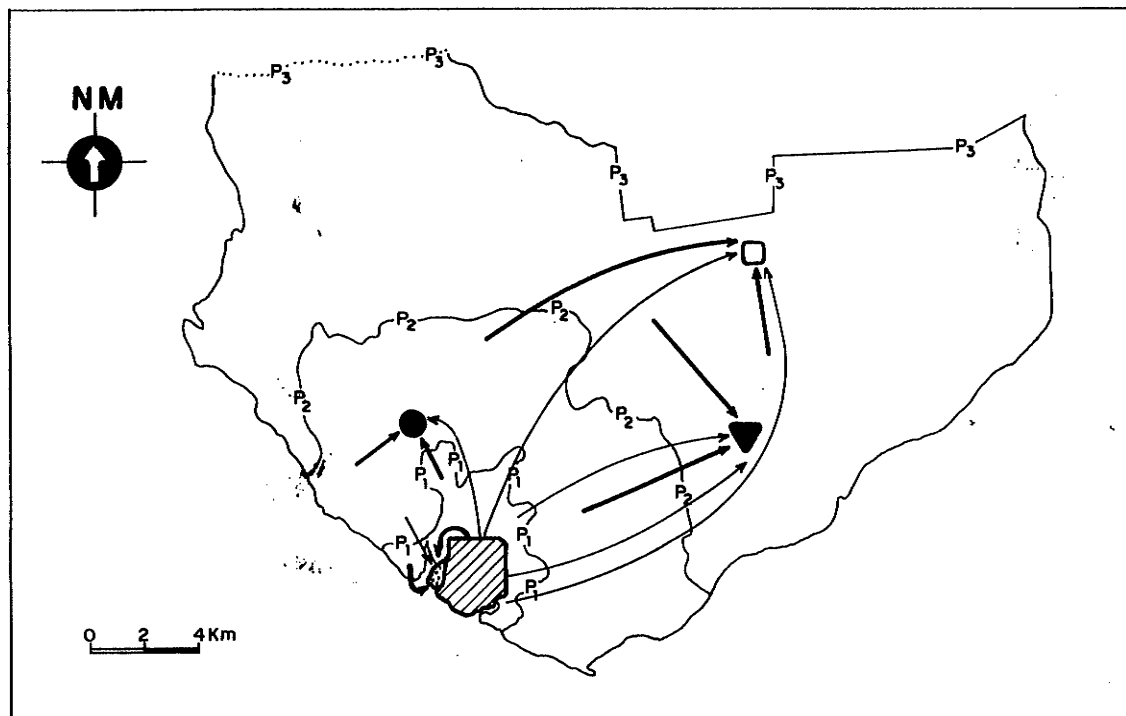
0 200 400 600m

FONTE: POLIMAPAS

ORG. Vitor Ribeiro Filho

Des.: NEIDE

FIGURA 2 - MANAUS: ESQUEMA DA MOBILIDADE RESIDENCIAL DOS NATURAIS - 1996



FLUXOS

- DOMINANTES
- SECUNDÁRIOS

FONTE: PESQUISA DE CAMPO, JANEIRO-FEVEREIRO DE 1996.

ORG. : Vitor Ribeiro Filho.

LEGENDA

- ÁREA CENTRAL
- BAIRRO ANTIGO
- CONJUNTO HABITACIONAL
- LOTEAMENTO POPULAR
- OCUPAÇÃO
- P₁ PERIFERIA IMEDIATA
- P₂ PERIFERIA INTERMEDIÁRIA
- P₃ PERIFERIA DISTANTE

Des.: NEJDE

3. Mobilidade Residencial entre os Migrantes

Ao contrário do que ocorre com os naturais, há vários estudos relativos à mobilidade residencial do migrante, sobretudo para países da América Latina. Acerca da realidade de Manaus pretendemos investigar a trajetória espacial do migrante a partir de seu ponto de entrada, identificando os padrões espaciais.

3.1. A procedência dos migrantes

Embora tenhamos encontrado uma diversidade de fluxos que determinaram a origem da população migrante das áreas selecionadas, foram aqueles procedentes dos estados amazônicos os mais significativos, especialmente os que vieram do próprio interior do Amazonas, que representaram 42,7% do total. Seguem-se aqueles procedentes do Pará, com 26,6% e do Acre com 8,1%. O Ceará e o Maranhão, ambos com 4,8% cada um, foram os estados do Nordeste que mais contribuíram com a migração. Portugal teve uma participação de 2,5%, enquanto os demais estados representaram 10,5% do total de migrantes que vieram para Manaus.

Os resultados apresentados assemelham-se ao estudo realizado por Bentes¹² sobre o processo migratório para Manaus. E confirmam a ampliação das articulações de Manaus com a sua hinterlândia e com outros municípios dos estados do Pará e do Acre.

A tabela 20 apresenta-nos a origem dos migrantes segundo os municípios do estado do Amazonas e do Pará. No Amazonas, verificamos que não há um fluxo dominante de um determinado município especificamente. A procedência dos migrantes é de diferentes lugares, implicando em um processo de desestruturação da vida social e econômica das populações ribeirinhas do estado.

TABELA 20

Manaus: Origem dos Migrantes por Município segundo, os Estados do Amazonas e Pará

Amazonas		Pará			
Município	Nº	%	Município	Nº	%
Manacapuru	5	9,4	Santarém	12	36,4
Tefé	5	9,4	Belém	6	18,2
Coari	4	7,5	Óbidos	5	15,2
Itacoatiara	4	7,5	Monte Alegre	3	9,1
Careiro	3	5,7	Oriximiná	2	6,1
Lábrea	3	5,7	Alenquer	1	3,0
Anori	2	3,8	Altamira	1	3,0
Borba	2	3,8	Bragança	1	3,0
Parintins	2	3,8	Juruti	1	3,0
Tabatinga	2	3,8	Prainha	1	3,0
Outros municípios	21	39,6	-		
Total	53	100	Total	33	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Ao analisarmos a procedência dos migrantes segundo as microrregiões geográficas (vide tabela 21), constatamos que, na ordem, Manaus, Coari e Purus são responsáveis por mais de 50,0% do fluxo de migrantes para a capital amazonense. Embora tenham grande importância no conjunto analisado não devemos perder de vista as demais microrregiões que correspondem a 47,2% e representam o diverso mundo ribeirinho, desde o Alto Solimões, 9,4% até o Rio Negro, 1,9%.

Em relação ao estado do Pará observamos que Santarém destacou-se entre os demais municípios na procedência de migrantes, com 36,4%; inclusive superou a capital, Belém, cuja participação foi de 18,2%. Isto evidencia a competição de Manaus com Belém no Médio Vale Amazônico em território paraense¹³.

TABELA 21

Manaus: Procedência dos Migrantes Amazonenses segundo as Microrregiões Geográficas

Microrregiões	N ^o	%
Manaus	13	24,5
Coari	8	15,1
Purus	7	13,2
Itacoatiara	5	9,4
Tefé	5	9,4
Alto Solimões	5	9,4
Madeira	3	5,7
Parintins	3	5,7
Boca do Acre	1	1,9
Juruá	1	1,9
Rio Negro	1	1,9
Rio Preto da Eva	1	1,9
Total	53	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Foram vários os motivos entre os migrantes que se mudaram para Manaus, conforme indicado na tabela 22. Em ordem decrescente do número de ocorrência, a mudança junto “com a família” representou 29,0% do total, enquanto “à procura de emprego” representou 21,0% e “melhores condições de vida”, 15,3%. Em seguida, o “estudo”, 6,5% a “transferência do trabalho”, 4,9% e motivos de “doença”, 4,0%; que ainda não fossem expressivos, representaram 15,4% das causas. A menor ocorrência foi daqueles que tiveram os “motivos pessoais”, 2,4% e a “enchente”, 1,6%. Outros motivos somaram 11,3%, enquanto aqueles que não informaram representaram 4,0%.

TABELA 22
Motivos da Migração para Manaus

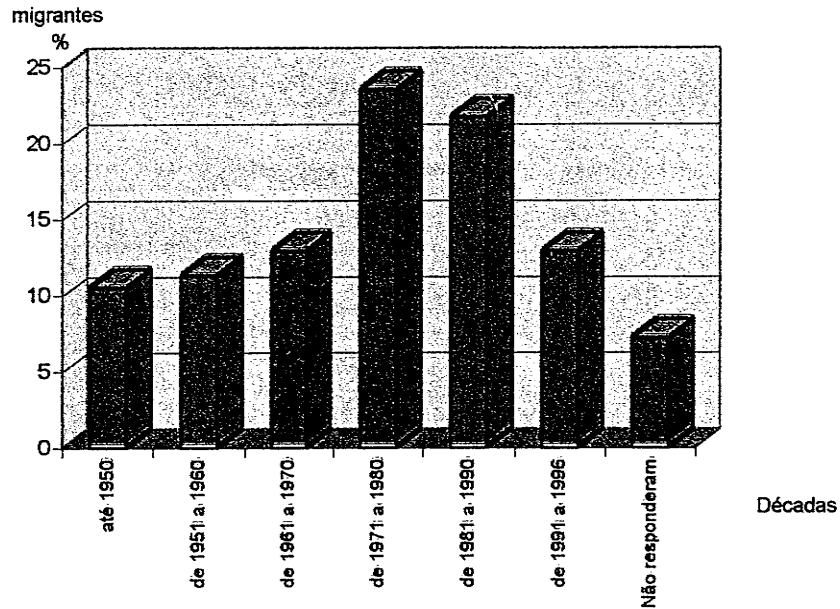
Motivos	Ocorrência	%
Com a família	36	29,0
À procura de emprego	26	21,0
Melhores condições de vida	19	15,3
Estudo	8	6,5
Transferência do trabalho	6	4,9
Doença	5	4,0
Motivos pessoais	3	2,4
Enchente	2	1,6
Outros	14	11,3
Não respondeu	5	4,0
Total	124	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

As causas da migração para Manaus estão associadas principalmente aos fatores estruturais. As pessoas ainda procuram encontrar na grande cidade a oportunidade de melhorar a situação sócio-econômica e obter ascensão social. Sobretudo considerando a realidade das cidades ribeirinhas da Amazônia, nas quais as condições de vida são precárias e a economia é frágil, dependendo quase que exclusivamente da exploração dos produtos naturais da floresta. No entanto, a maioria dessas pessoas chegam à Manaus e alojam-se na periferia urbana em condições muitas vezes piores que as de seu lugar de origem.

A chegada dos migrantes a Manaus corresponde ao “boom” industrial do modelo da Zona Franca, nas décadas de 70 e 80, conforme indicado no gráfico 2. Até a década de 1950 chegaram 10,5% dos migrantes, verificando-se o aumento da migração até os anos 70. Depois houve um pequeno recuo nos anos 80 e, até a metade da presente década, nota-se a continuidade via inércia, do processo migratório.

GRÁFICO 2 - CHEGADA DOS MIGRANTES A MANAUS POR DÉCADAS



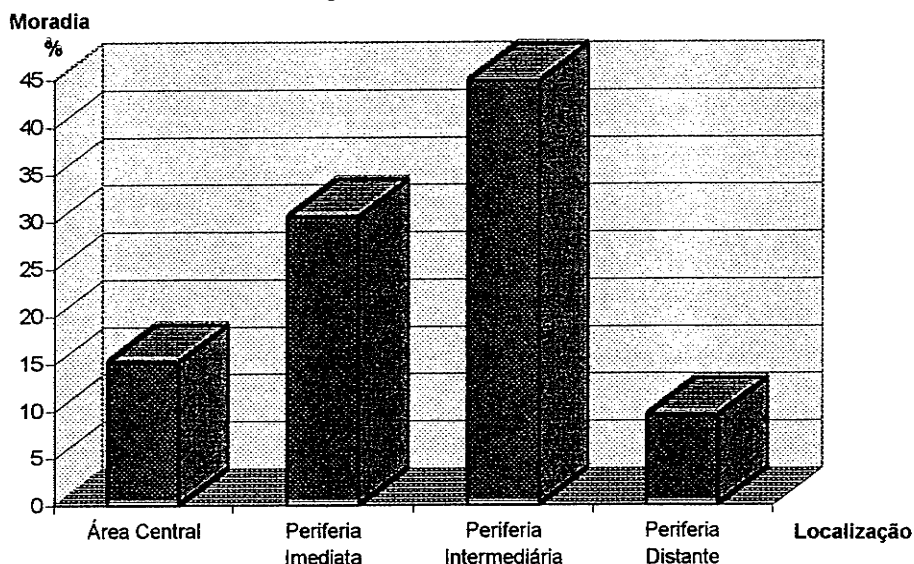
Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

3.2. A localização e trabalho inicial

A primeira localização dos migrantes em Manaus não ocorreu na área central, conforme o modelo de Mangin-Turner, nem também foi de modo uniforme no espaço urbano, segundo os estudos de Davies, Blood e Albaum e Vaughan e Feindt. Diferentemente, a periferia urbana foi o grande receptáculo dos habitantes provenientes das pequenas cidades do interior do estado e de outras regiões da Amazônia e do Brasil.

Os resultados obtidos com as quatro áreas de pesquisa, conforme indicado no gráfico 3, de certa forma aproxima-se dos estudos de Ward e Vernez, mas assemelha-se sobretudo à análise de Paviani, Campos e Farret para a cidade de Brasília. Em Manaus, a área central teve apenas 15,2% da localização inicial dos migrantes, a periferia de modo geral, recebeu 84,8%, distribuídos da seguinte forma: 30,5% na periferia imediata, 44,8% na periferia intermediária e 9,5% na periferia distante.

GRÁFICO 3 - LOCALIZAÇÃO INICIAL DO MIGRANTE EM MANAUS



Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Notável, porém, foi a periferia intermediária como ponto de apoio dos migrantes; recebeu aproximadamente 45,0%. Localização esta que também foi enfatizada no estudo de Paviani, Campos e Farret.

Diante destes dados, perguntar-se-á porque os migrantes chegaram, em sua maioria direto para a periferia urbana de Manaus? vários fatores devem ser analisados para se compreender esta questão.

A indisponibilidade de residências de baixo custo na área central é um aspecto que deve ser considerado na chegada do migrante para a periferia urbana. Primeiro, porque há uma pequena oferta de moradia nas residências deterioradas, seja em função de sua pequena quantidade ou da longa permanência dos atuais moradores. Depois, devido à cristalização das ocupações neste setor da cidade, particularmente às margens dos igarapés. Isto faz com que o migrante procure outras áreas para se alojar.

Ao mesmo tempo, a localização dos migrantes na periferia urbana se deve ao aumento da oferta de residências de baixo custo nesta área, seja através de construção de casas em ocupações dispersas por diversos locais da periferia, seja através da construção de casas em loteamentos legais, pelo sistema de auto-

construção; em loteamentos ilegais, com material de construção improvisado; através da cessão de parte do terreno pelo parente ou amigo do migrante. E, em muitos casos, ocorre de morarem juntos na mesma casa, seja através do aluguel de uma casa ou de um cômodo para a família de migrantes.

Em relação ao emprego não se verificou a associação entre a moradia e o local de trabalho. Do total dos 124 migrantes entrevistados, 54 estavam inseridos no mercado de trabalho e obtivemos a informação de que 42,6% conseguiram o primeiro emprego na área central; 16,6%, na periferia imediata; 31,5%, na periferia intermediária e 9,3%, na periferia distante. Além do que, apenas 4 moradores (7,4%) tiveram no Distrito Industrial a oportunidade do primeiro emprego. Portanto, constatamos que não há um padrão definido para a oferta de emprego, ao contrário, há uma dispersão das oportunidades de trabalho por todas as áreas da cidade mas, com uma concentração maior na área central. Contudo, não se pode ignorar que os migrantes já começam a ser absorvidos pelo mercado de trabalho nas áreas periféricas, particularmente na periferia intermediária.

A melhoria do transporte público vem confirmar a articulação entre o local de moradia, de trabalho e o núcleo central, mesmo que em muitos casos o transporte seja precário e que o migrante tenha que enfrentar horas de viagem. Igualmente, verificou-se que a acessibilidade entre a periferia, o distrito central de negócios e os subcentros comerciais tiveram significativos avanços. O loteamento popular Cidade de Deus é um exemplo, a sua primeira etapa possui duas linhas de transporte urbano e a segunda, que ainda encontra-se em processo de distribuição dos lotes, já têm uma linha de ônibus que vai até ao núcleo central de Manaus.

3.3. Os laços de parentesco

Os laços de parentesco foram observados fundamentalmente através da

moradia inicial dos migrantes. Já que nos motivos de mudanças para Manaus, os migrantes não deixaram explícito nenhum fator relacionado à referência do parentesco e da amizade.

De modo geral, as relações de parentesco não foram tão intensas, conforme observamos na tabela 23. A moradia inicial, junto aos parentes, amigos e cedida por alguém correspondeu a 30,6%, a casa própria e alugada, juntas, somaram 64,6% e outro tipo de ocupação, 4,8%.

TABELA 23

Moradia Inicial dos Migrantes em Manaus

Moradia	Ocorrência	%
Própria	40	32,3
Alugada	40	32,3
Parentes	27	21,8
Cedida	7	5,6
Amigos	4	3,2
Outros	6	4,8
Total	124	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Devemos, contudo, ter cuidado ao analisar a moradia inicial própria no que concerne à não-ligação de parentesco. Na pesquisa de campo ficou constatado que alguns moradores das áreas periféricas tiveram a indicação de uma pessoa conhecida na aquisição do terreno e, a partir daí, construíram sua casa.

3.4. As razões da mobilidade

O mais forte indutor das mudanças de residência entre os migrantes foi a aquisição da casa própria, 18,3%, conforme indicado na tabela 24. Além da realização do ideal da casa própria e, ao mesmo tempo, se ver livre do aluguel,

este fator tem outros significados como a ascensão social e aquele associado à ideologia da casa própria, principalmente entre os migrantes de baixa renda.

TABELA 24

Manaus: Motivos de Mudanças entre os Migrantes

Motivos	Ocorrência	%
Aquisição da casa própria	42	18,3
Aluguel	37	16,1
Aquisição do terreno	23	10,0
Em função da família	20	8,7
Casamento	17	7,4
Melhor moradia	9	3,9
Separação	7	3,0
Tamanho da casa	6	2,6
Adaptação ao lugar	5	2,2
Trabalho	5	2,2
Distância	4	1,7
Venda da casa	4	1,7
Enchente	3	1,3
Reforma da casa	-	-
Não respondeu/sabe	14	6,1
Outros	34	14,8
Total	230	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

O pagamento do aluguel ou a renovação do contrato interferiu em 16,6% dos deslocamentos, obrigando as pessoas a mudarem de domicílio e, na maioria das vezes, para residências mais baratas e qualitativamente inferior à anterior. O objetivo é escapar dos altos aluguéis até conseguir a casa própria.

Os 10% da população que mudou em função da aquisição do terreno, em sua totalidade, são moradores das áreas periféricas da ocupação de Nova Luz e do loteamento Cidade de Deus (ver anexo 7). A partir do terreno, os migrantes constroem suas residências com material improvisado e, aos poucos, vão

melhorando e ampliando as suas habitações através do sistema de auto-construção. Muitas dessas casas são construídas em um pequeno espaço de tempo, aumentando o número de ocupações e expandindo a periferia de Manaus.

A mudança em função da família, o casamento e a separação, juntos foram responsáveis por 19,1% da mobilidade residencial entre os migrantes. Já, a adaptação ao lugar, representou apenas 2,2% das mudanças. Estes dados da tabela demonstram uma relativa importância dos motivos ligados ao ciclo de vida e do comportamento dessa população, reforçando os achados da análise de Simmons e Wolpert¹⁴.

As condições de uma melhor habitação, 3,9%, e o desejo de uma residência maior, 2,6%, justificam as mudanças dos migrantes com melhor renda familiar e, em sua maioria, pertencentes ao bairro de Aparecida e o conjunto D. Pedro (ver anexo 7).

O trabalho e a distância também lograram baixo índice de mobilidade, aproximadamente 4% do total dos deslocamentos intra-urbanos. Este dado remete-nos ao estudo de Vernez¹⁵, o qual afirma que desaparece a associação entre a residência e o trabalho devido à melhoria do transporte público e a dispersão espacial do emprego. Isto pode ser observado no loteamento da Cidade de Deus, com linha regular de ônibus, em que os moradores conseguem algumas oportunidades de subemprego nesta área ou no seu entorno.

A venda da casa e a enchente apresentaram índices percentuais muito pequenos. No último caso esperava-se uma incidência maior, devido à grande quantidade de pessoas que vivem às margens dos igarapés e fundos de vales. A este aspecto hipotetiza-se o que se segue. Primeiro, o problema existe e a população que mora nas proximidades da área central e da periferia imediata resiste em sair das atuais habitações porque estão próximas ao local de trabalho e o centro comercial. Segundo, uma quantidade considerável de moradores não teria para onde se mudar, ficando assim sujeita aos riscos das enchentes e das doenças epidemiológicas.

Outros motivos tais como doença, atividade comercial, transporte e o fato de a ocupação não ter sido bem sucedida somaram 14,8%, enquanto 6,1% não quiseram informar porque mudaram de domicílios, conforme observado na tabela 24.

3.5. Múltiplas mudanças e características dos migrantes

Passaremos agora a analisar as mudanças dos migrantes segundo o número de vezes em que se mudaram. Os motivos de mudanças ficaram alternados entre o acesso à residência própria e o aluguel. A aquisição da casa própria foi responsável por mais de 30% dos deslocamentos para quem se mudou uma vez. As pessoas que se mudaram duas vezes alcançaram percentuais iguais de 15,4% nos fatores determinantes de suas mudanças, aquisição do terreno e aluguel. No entanto, os 19,8% que se mudaram de três a cinco vezes foram influenciados apenas pelo aluguel (vide tabela 25).

TABELA 25

Manaus: Motivos de Mudanças entre os Migrantes segundo o número de vezes em que se mudaram

Número de vezes	Motivos	%
1 vez	Casa própria	33,3
2 vezes	Aquisição do terreno	15,4
	Aluguel	15,4
de 3 a 5 vezes	Aluguel	19,8

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

A situação da condição de ocupação durante as mudanças dos migrantes ficou evidenciada pela moradia da casa alugada, exceto para quem realizou apenas uma mudança em que a ocupação da moradia própria teve percentual de 35,7%, conforme indicado na tabela 26.

TABELA 26

Manaus: Condição de Ocupação entre os Migrantes segundo o número de vezes em que se mudaram

Número de vezes	Condição de Ocupação	%
1 vez	Própria	35,7
	Alugada	35,7
2 vezes	Alugada	32,7
de 3 a 5 vezes	Alugada	44,1

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Os entrevistados que se mudaram uma e de 3 a 5 vezes apresentaram a mesma renda familiar, de 1 a 3 salários mínimos, diferenciados apenas pelo percentual entre si. Já para quem mudou duas vezes, a renda foi de no máximo, até um salário mínimo, conforme verificamos na tabela 27 .

TABELA 27

Manaus: Renda entre os Migrantes segundo o número de vezes em que se mudaram

Número de vezes	Renda	%
1 vez	1 a 3 salários mínimos	23,8
2 vezes	Até 1 salário mínimo	30,8
de 3 a 5 vezes	1 a 3 salários mínimos	24,3

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Aproximadamente 24% dos migrantes que se mudaram uma vez estavam na faixa etária de 25 a 34 anos e quem mudou duas e de três a cinco vezes, ocupava a faixa etária de 35 a 44 anos, contudo com percentuais diferentes de 38,5% e 29,7%, respectivamente conforme exposto na tabela 28.

TABELA 28**Manaus: Idade entre os Migrantes segundo o número de vezes em que se mudaram**

Número de vezes	Idade	%
1 vez	25 a 34 anos	23,8
2 vezes	35 a 44 anos	38,5
3 vezes e mais	35 a 44 anos	29,7

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

O primário completo foi o grau mínimo de escolaridade verificado entre os moradores pesquisados em todos os seus deslocamentos. Constatamos ainda, que para quem mudou de três a cinco vezes, este percentual de escolaridade foi de quase 50%, segundo a tabela 29. No geral, os migrantes não atingiram uma boa escolaridade.

TABELA 29**Manaus: Escolaridade entre os Migrantes segundo o número de vezes em que se mudaram**

Número de vezes	Escolaridade	%
1 vez	Até o primário completo	35,7
2 vezes	Até o primário completo	38,5
de 3 a 5 vezes	Até o primário completo	48,6

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

3.6. Os padrões espaciais

A trajetória espacial dos migrantes, ao contrário dos naturais, tem sido constante objeto de estudo, principalmente nas cidades da América Latina. Contudo, até o presente momento não se tem notícia de estudos sobre este tema em uma cidade amazônica. Manaus, portanto, passa ser a primeira.

Os movimentos intra-urbanos dos migrantes em Manaus foi constante e com maior grau de mobilidade nas áreas periféricas. Os dados a seguir mostram que eles já chegam diretamente para a periferia da cidade: área central, 15,2%,

periferia imediata, 30,5%, periferia intermediária, 44,8% e periferia distante, 9,5%, conforme indica a tabela 30. Em outra situação, a moradia anterior apresenta os seguintes percentuais, 11,4%, 22,9%, 41,9% e 23,8% para área central, periferia imediata, periferia intermediária e periferia distante, respectivamente. E finalmente, analisando a moradia atual, 20,0% moravam na periferia imediata, 30,5% na periferia intermediária e 49,5% na periferia distante.

TABELA 30

Manaus: Padrões Espaciais da Mobilidade entre os Migrantes que se mudaram uma ou mais vezes

Localização	Moradia Ao chegar em Manaus %	Moradia Anterior %	Moradia Atual %
Área central	15,2	11,4	
Periferia Imediata	30,5	22,9	20,0
Periferia Intermediária	44,8	41,9	30,5
Periferia Distante	9,5	23,8	49,5

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Os dados da tabela 30 mostram que desde a primeira moradia até a residência atual os migrantes localizam-se, em sua maior parte, no âmbito da periferia urbana. Este padrão também foi verificado nos estudos de Ward, para a Cidade do México, Vernez em Bogotá e Paviani, Campos e Farret na cidade de Brasília, no Distrito Federal, conforme anteriormente comentado.

A singularidade que encontramos nos deslocamentos intra-periféricos dos migrantes em Manaus está na fixação de sua moradia atual na periferia distante. Observamos que há um declínio da moradia na área central, periferia imediata e periferia intermediária e um constante aumento da moradia na periferia distante, chegando a quase 50,0% dos domicílios atuais localizados nesta área. Em Brasília¹⁶, foi constatado que 59,0% dos entrevistados tiveram sua moradia atual

localizada na periferia intermediária.

Apesar de 84,8% dos migrantes já chegarem na periferia urbana de Manaus, a sua periferização acentua na medida em que aumenta o número de mudanças, principalmente para as áreas mais distantes da cidade (vide figura 3). Portanto, quanto maior o número de mudanças dos migrantes, a tendência é de morar mais distante em relação à moradia anterior.

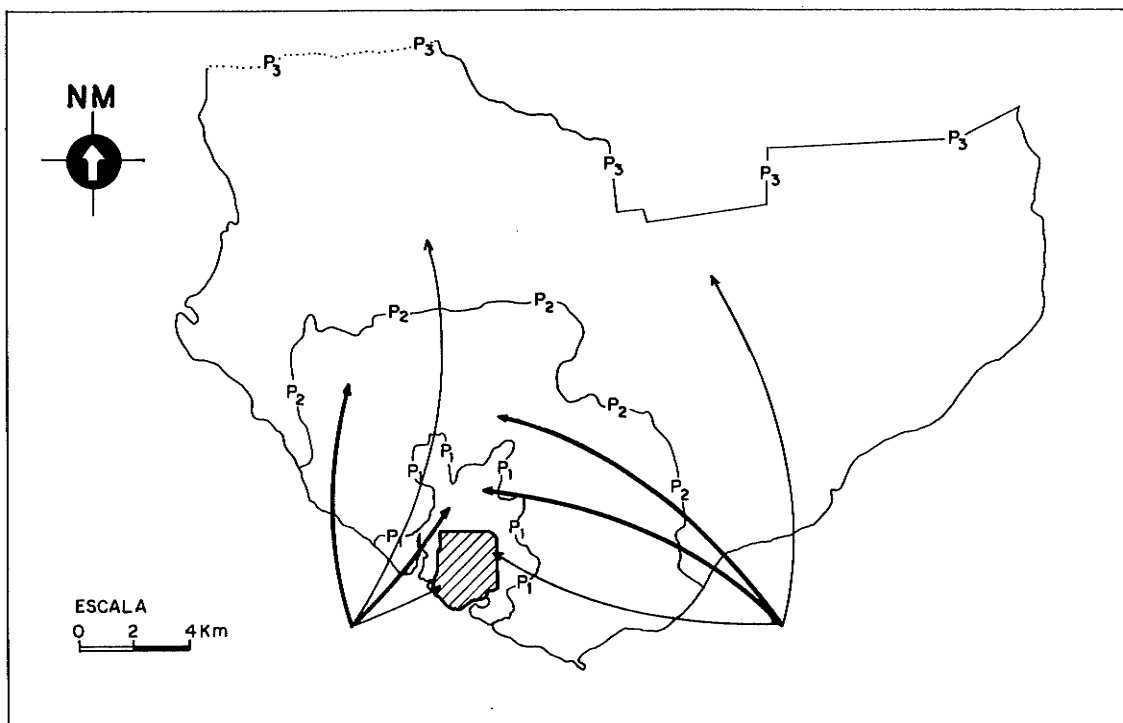
Alguns aspectos devem ser considerados sobre a periferização do migrante. As causas fundamentais foram a aquisição da casa própria, o aluguel e a aquisição do terreno. O acesso à moradia própria é alcançado basicamente em bairros, loteamentos e ocupações distantes e isto se explica devido a sua baixa renda familiar e ao alto preço da terra na periferia imediata e intermediária. Ao se mudarem para novas áreas, afastadas do núcleo central, essa população influencia no processo de transformação quanto ao uso do solo urbano, tais como a descentralização, invasão e sucessão e segregação residencial¹⁷. Em relação ao aluguel não é muito diferente, na medida em que vence o contrato as pessoas não conseguem renová-lo e mudam-se para uma casa mais barata, porém mais longe.

Outro fator importante é a melhoria do transporte público, facilitando a acessibilidade entre a moradia, o local de trabalho e o núcleo central. Outrossim, o trabalho e a distância não tiveram grande influência nas decisões dos deslocamentos e - contribuição não menos importante foi - o aumento do subemprego nas áreas periféricas além da dispersão do emprego no espaço urbano.

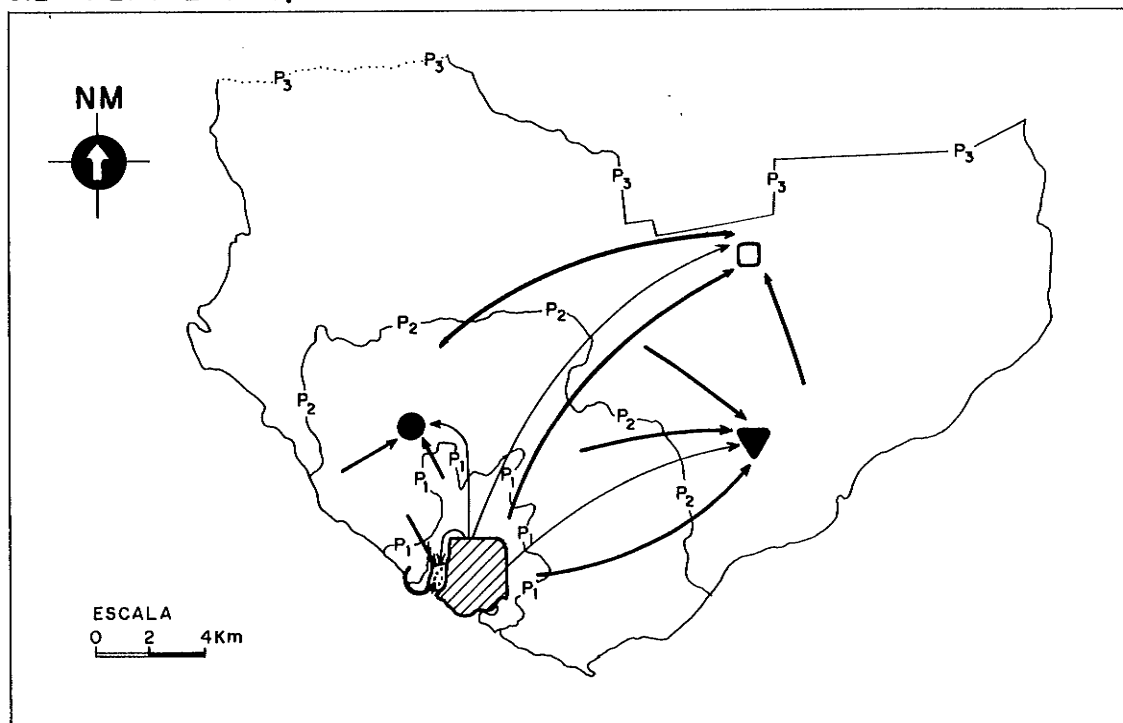
Em relação à periferia de Manaus, observamos ainda que, ao contrário do Centro-Sul do país, a “explosão” da periferia popular tem como causa a desestruturação do mundo ribeirinho-florestal na Amazônia¹⁸ em decorrência da implantação do modelo Zona Franca, no início da década de 70, e não os efeitos da modernização do campo.

FIGURA 3 - MANAUS: ESQUEMA DA MOBILIDADE RESIDENCIAL DOS MIGRANTES - 1996

3.A - PRIMEIRA MORADIA DOS MIGRANTES



3.B - PERIFERIZAÇÃO DOS MIGRANTES



FLUXOS

- DOMINANTES
- SECUNDÁRIOS

LEGENDA

- ÁREA CENTRAL
- BAIRRO ANTIGO
- CONJUNTO HABITACIONAL
- LOTEAMENTO POPULAR
- OCUPAÇÃO
- P₁ PERIFERIA IMEDIATA
- P₂ PERIFERIA INTERMEDIÁRIA
- P₃ PERIFERIA DISTANTE

FONTE: PESQUISA DE CAMPO, JANEIRO-FEVEREIRO DE 1996.

ORG. : Vitor Ribeiro Filho.

4. A Comparação entre Naturais e Migrantes quanto à Mobilidade

Analisando as características dos agentes que participaram dos movimentos intra-urbanos na cidade de Manaus, verificamos que os naturais mudaram-se, em sua maioria relativa, na faixa etária de 45 a 54 anos (26,2%) e de 25 a 34 anos (21,3%). Os migrantes apresentaram um padrão distinto, pois 28,6% mudaram-se entre os 35 a 44 anos e 20,0%, de 45 a 54 anos; conforme indicado na tabela 31.

TABELA 31

Manaus: Naturais e Migrantes - Estrutura Etária entre aqueles que se mudaram uma ou mais vezes

Faixa Etária	Naturais %	Migrantes %
Até 18 anos	1,7	2,8
19 a 24 anos	13,1	5,7
25 a 34 anos	21,3	16,2
35 a 44 anos	16,4	28,6
45 a 54 anos	26,2	20,0
55 a 64 anos	13,1	16,2
65 e mais	8,2	10,5
Totais	100	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

De acordo com os informantes que se mudaram uma ou mais vezes, podemos dizer que os naturais estavam em melhores condições de ocupação no momento que foi realizada a pesquisa. Os dados a seguir mostram que 91,8% dos naturais moravam em residência própria e 8,2% na condição alugada; para os migrantes, a situação era de 79,0% e 9,5%, respectivamente. Constatamos ainda que 8,6% dos migrantes residiam com parentes e amigos e 2,9% habitavam em outro tipo de ocupação.

Em relação à renda familiar, constatamos que 18,0% dos naturais e 16,2% dos migrantes ganhavam até um salário mínimo e que a faixa salarial que concentrou a maior parte dos entrevistados foi de 1 a 3 salários mínimos, com 32,8% para os naturais e 20,9% para os migrantes (vide tabela 32). De 3 a 5 salários, houve praticamente uma equivalência entre os informantes. Nas três faixas salariais subseqüentes, verificou-se uma pequena vantagem para os migrantes, confirmando a sua melhor qualificação na escolaridade, item que abordaremos a seguir.

TABELA 32

Manaus: Naturais e Migrantes - Renda Familiar entre aqueles que se mudaram uma ou mais vezes

Renda Familiar	Naturais %	Migrantes %
Até 1 salário mínimo	18,0	16,2
1 a 3 salários mínimos	32,8	20,9
3 a 5 salários mínimos	11,5	12,4
5 a 10 salários mínimos	9,8	11,4
10 a 20 salários mínimos	9,8	9,6
20 e mais salários mínimos	6,6	8,6
Não respondeu	11,5	20,9
Totais	100	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Embora os migrantes tenham tido melhor desempenho no término do primário, primeiro grau e nível superiores, a diferença não foi expressiva em relação aos naturais. Por outro lado, os que nasceram em Manaus alcançaram percentuais bastante superiores aos migrantes na conclusão do segundo grau, segundo a tabela 33. Além do que, estes apresentaram um percentual menor de analfabetos. Cabe ressaltar que a melhor qualificação dos migrantes em relação ao nível superior, confirma a sua maior renda familiar, acima de cinco salários mínimos.

TABELA 33

Manaus: Naturais e Migrantes - Escolaridade entre aqueles que se mudaram uma ou mais vezes

Escolaridade	Naturais %	Migrantes %
Analfabeto	6,5	10,5
Até o primário completo	36,1	41,0
Até o primeiro grau completo	13,1	16,2
Até o segundo grau completo	34,4	19,0
Superior completo	8,2	11,4
Não respondeu	1,7	1,9
Totais	100	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

Considerando as causas mais importantes de mudanças entre os entrevistados, constatamos que os fatores estruturais tiveram uma motivação maior entre os migrantes, pois a aquisição da casa própria, do terreno e o aluguel, juntos representaram 44,4% do total das mudanças. Em seguida, destacaram-se os motivos comportamentais - da mudança em função da família, 8,7% e do casamento, 7,4%, segundo indicado na da tabela 34.

Embora haja uma predominância das duas primeiras causas de mudanças associadas aos fatores sócio-econômicos, houve uma diversificação dos principais motivos mencionados pelos naturais, quando comparados aos migrantes, conforme observado na tabela 34. Tanto é que a aquisição da casa própria e do terreno foram responsáveis por 36,8% dos deslocamentos e o casamento, a mudança em função da família e a adaptação ao lugar representaram 27,4% das mudanças. Verificamos ainda que os fatores relacionados ao ciclo de vida incidem mais entre os naturais do que em relação aos migrantes.

Um fato comum observado entre os dois grupos de população, foi a pequena ocorrência de fatores como a distância e o trabalho. Isto denota uma

nova avaliação da mobilidade residencial e a expansão dos centros urbanos nas duas últimas décadas.

TABELA 34

Manaus: Principais Motivos de Mudanças entre os Naturais e Migrantes

Motivos	Naturais (%)	Migrantes (%)
Aquisição da casa própria	24,2	18,3
Aquisição do terreno	12,6	10,0
Aluguel	3,1	16,1
Em função da família	10,5	8,7
Casamento	11,6	7,4
Adaptação ao lugar	5,3	2,2
Melhor moradia	2,2	3,9
Trabalho	3,1	2,2
Venda da casa	3,1	1,7
Reforma da casa	4,2	-
Distância	2,2	1,7
Tamanho da casa	1,0	2,6
Separação	-	3,0
Enchente	-	1,3
Outros	7,4	14,8
Não respondeu	9,5	6,1
Total	100	100

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

A dinâmica urbana de Manaus poderia sugerir uma mobilidade residencial intensa, já que o crescimento da população foi importante, nas duas últimas décadas. Isto ficou evidenciado basicamente entre os migrantes, não se verificando a mesma intensidade entre os naturais.

Do total de 220 entrevistados, o grau de mobilidade entre os naturais foi baixo, menos de uma mudança por pessoa. Por outro lado, dos 96 informantes consultados 36,5% nunca mudaram. E as mudanças ocorreram, em sua maioria, uma única vez, ou seja 45,8%, ou seja de 80,0% pouco ou nada se mudou.

Quanto aos migrantes, a mobilidade alcançou número mais expressivo, pois os 124 moradores pesquisados, realizaram 230 mudanças, ou seja, quase duas mudanças por pessoa. Ao serem indagados a respeito do número de vezes em que se mudaram, 15,3% responderam que nunca se mudaram e 33,9% mudaram-se uma vez, ou seja, cerca de 50,0%, menos que os naturais, pouco ou nada se mudaram. A metade, por outro lado, mudou-se duas ou mais vezes. Isto permite afirmarmos que os migrantes têm um grau maior de mobilidade em relação aos naturais.

A trajetória dos movimentos espaciais dos naturais e migrantes não é diferente em seu modelo, tendo como foco majoritário a periferia urbana. Há, porém, um diferencial neste padrão espacial que deve ser considerado. Enquanto a moradia dos naturais é distribuída de forma mais homogênea, 29,5% na periferia imediata, 36,1% na periferia intermediária e 34,4% na periferia distante (vide tabela 19), os migrantes, ao contrário, concentravam-se 49,5% de suas residências na periferia distante, 30,5% na intermediária e 20,0% na imediata, de acordo com a tabela 30. Portanto, nota-se uma maior periferização das pessoas que vieram de outras localidades em relação aos que nasceram na cidade de Manaus.

NOTAS REFERENTES AO CAPÍTULO IV

- (1) SIMMONS, op. cit./ver capítulo I.
- (2) COSTA., op. cit., p.88.
- (3) Os bairros e áreas que resultaram de ocupações em Manaus, estão em terras do Estado, da Prefeitura e, em alguns casos, da iniciativa privada, locais em que constroem suas moradias, geralmente de madeira e outro tipo de material. Em Manaus, elas são conhecidas como “invasões”. No entanto, suas características assemelham-se à favela brasileira, villa miséria (Argentina), callampa (Chile) e barriada (Peru).
- (4) J. BÄHR e G. MERTINS. Un modelo de la diferenciación sócio-espacial de las metrópolis da América Latina, p. 28.
- (5) SIMMONS, op. cit./ver capítulo I.
- (6) WOLPERT, op. cit./ver capítulo I.
- (7) A união matrimonial no civil, religioso e o concubinato foram considerados como casamento em função das respostas dos entrevistados.
- (8) WOLPERT e BOYCE, op. cit./ver capítulo I
- (9) PAVIANI, CAMPOS e FARRET, op. cit., pg. 15.
- (10) Ricardo FARRET. Mobilidade residencial intra-urbana e mobilidade ocupacional na população de baixa renda em Brasília.
- (11) A respeito da organização espacial da área central e da periferia urbana de Manaus, consulte os mapas 7 e 8, e o anexo 6.
- (12) BENTES, op. cit., p. 235.
- (13) Roberto Lobato CORRÊA. A Organização Urbana. In: Geografia do Brasil, p. 265.
- (14) SIMMONS e WOLPERT, op. cit./ver capítulo I.
- (15) VERNEZ, op. cit./ver capítulo I.
- (16) PAVIANI, CAMPOS e FARRET, op. cit., p. 14.
- (17) O'NEILL e NATAL. Mobilidade Residencial: Alguns comentários, p. 129.

(18) Roberto Lobato CORRÊA. O Espaço Metropolitano e sua Dinâmica, p. 62.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada vivenciamos uma realidade, em Manaus, cujos subsídios ultrapassaram o necessário para as reflexões propostas em seu início. O que deixa em aberto algumas indagações a serem investigadas posteriormente.

Com base nas questões relativas à mobilidade residencial em Manaus constatamos, durante o processo da pesquisa, que o tema é de grande profundidade e carece de análises empíricas para a cidade. Uma das dificuldades enfrentadas para o desenvolvimento deste estudo foi a falta de teorias e pesquisas referentes não só à mobilidade residencial, mas também à dinâmica do espaço urbano.

Tal fato pode ser observado na falta de teorias e modelos específicos para os naturais e na definição, por nós realizada, para a área central e a periferia urbana de Manaus. Tal definição propiciou a análise, tanto da trajetória espacial dos naturais, quanto dos migrantes.

Inicialmente, gostaríamos de ressaltar alguns aspectos intrínsecos aos movimentos intra-urbanos. No que diz respeito ao grau de mobilidade residencial, verificou-se uma intensidade maior nas áreas periféricas e entre os migrantes. Outro fato interessante é que, do total de 325 mudanças, apenas 15 ocorreram dentro da mesma área de pesquisa, ou seja, 4,6% dos deslocamentos.

Ao contrário do que Simmons constatou nos Estados Unidos, a faixa etária predominante entre os naturais que se mudaram uma ou mais vezes foi de 45 a 54 anos e, somente em seguida, observa-se com uma relativa importância para os que estão entre os 25 e 34 anos. Em relação aos migrantes, predominou a faixa etária de 35 a 44 anos.

Prosseguindo nos resultados referentes às características dos agentes participantes dos deslocamentos intra-urbanos na cidade de Manaus, constatamos que os naturais estavam em melhores condições sócio-econômicas

em relação aos migrantes no momento que foi realizada a pesquisa. Isto justifica-se em função de sua melhor renda familiar e também de seu nível de escolaridade.

A mobilidade residencial urbana deve ser apreendida em duas dimensões: 1- as razões de mudanças podem ser associadas aos fatores estruturais bem como relacionadas aos ciclo de vida e do comportamento. 2- a análise deve ser realizada a partir do modelo espacial dos naturais e dos migrantes.

Quanto aos principais motivos que levaram os naturais a mudarem de residência, as causas estão associadas aos fatores sócio-econômicos como a aquisição de casa própria ou terreno. Posteriormente, surgem os motivos secundários: casamento, mudança em função da família e adaptação ao lugar, ligados ao ciclo de vida e do comportamento.

A primeira moradia do nativo e a sua trajetória no espaço urbano caracteriza-se por um modelo intra-periférico, principalmente para a população de baixa renda. No entanto, na localização da residência atual, este padrão é espacializado por toda a periferia urbana.

Os migrantes tiveram uma relevante importância na análise deste estudo, seja na representação demográfica de 56,4% da população consultada, seja no grau de mobilidade residencial verificado.

A procedência da maioria dos migrantes é dos estados amazônicos, especialmente os que vieram do interior do próprio Amazonas e, em seguida, dos estados do Pará e do Acre. As décadas de 70 e 80 representaram o marco deste fluxo migratório, ratificando a importância do modelo Zona Franca na contribuição do crescimento demográfico e na reestrutura urbana de Manaus. Foram várias as razões da migração para Manaus, entre elas destacam-se a mudança com a família, a procura por emprego e por melhores condições de vida. São estes os fatores que expressam a busca de ascensão social das pessoas que vieram para a capital amazonense.

Quando da chegada em Manaus, o migrante teve a sua localização residencial na periferia urbana, com predominância na periferia intermediária, numa aproximação das idéias de Paviani, Campos e Farret. Nas mudanças subseqüentes nota-se a sua periferização com fixação na periferia distante.

As principais razões de mudança dos migrantes estão associadas aos fatores estruturais de acesso a residência própria e fuga do aluguel. Mas também devem ser considerados os motivos da mudança em função da família e o casamento, que tiveram uma relativa importância nos deslocamentos desses entrevistados.

Ao contrário de outros estudos, a distância e o trabalho pouco influenciaram na mobilidade residencial. A melhoria do transporte público e o aumento crescente de emprego na periferia urbana são fatores que contribuíram para este resultado. Ademais, não se constatou a associação residência-trabalho entre os migrantes entrevistados.

Considerando os grupos sociais de baixa renda que representaram a maioria dos informantes pesquisados, verificamos que, embora não haja estudos anteriores para a análise dos naturais, os nativos mudam-se pouco e, em geral, possuem melhores condições de habitação, comparando-se aos migrantes que vieram de outros municípios. Isto demonstra que possuem uma melhor estrutura sócio-econômica e conseguem acesso mais rápido à moradia própria, cujo desejo está em primeiro plano, até porque o nível de renda não permite outras prioridades neste momento.

Por outro lado, os migrantes mudam-se mais vezes para realizar o desejo da moradia própria. Geralmente conseguem este objetivo em locais mais distantes e em condições de habitação precárias. Ressalte-se ainda que para as classes sociais mais elevadas, sejam migrantes ou não, as razões de mudanças são induzidas de outra forma e a renda não seria um obstáculo na escolha da futura moradia.

Portanto, os fatores relacionados ao comportamento do indivíduo incidem em sua maioria sobre a população de alto status. Porque o processo de mudança não depende da restrição orçamentária ou da oferta de imóveis. Porém, no conjunto da população de baixa renda, o indivíduo não é “sujeito absoluto” nos seus deslocamentos, como propõe a teoria de Simmons. Mas, sim, está sujeito à estrutura sócio-econômica e o processo dinâmico do espaço urbano.

A periferização da população de baixa renda em áreas cada vez mais distantes em relação ao núcleo central está relacionada basicamente a dois fatores. O primeiro pressupõe o fato de haver o controle do uso do solo nas áreas melhor localizadas, com tendência a uma forte especulação imobiliária. O segundo, revela a escassez de habitação para a classe social de baixa renda, deixando-a à margem dos programas de habitação oferecidos tanto pelos órgãos públicos, quanto pela iniciativa privada, mas que atendem a uma clientela restrita.

Diante desses fatos, resta à população de baixo status social utilizar de instrumentos alternativos para conseguir acesso à moradia própria, entre os quais predominam as ocupações em diversas áreas da periferia urbana.

Em Manaus, as ações do Estado para ampliar a oferta de habitação para os grupos sociais de baixa renda são lentas e, ao mesmo tempo, não conseguem controlar as transformações do uso do solo nas áreas periféricas em função da grande demanda dos migrantes e também, de forma crescente, dos naturais. Contudo, cabe ressaltar o papel que o Estado desempenha junto aos incorporadores e construtores imobiliários na segregação sócio-espacial, sobretudo ao alocar novos assentamentos com infra-estrutura, destinado aos grupos sociais de elevado status social.

Algumas respostas a partir de nossos questionamentos foram obtidas e apresentadas anteriormente. Cabe-nos agora apresentar novas indagações para futuros estudos.

Vamos propor estudos relacionados à especificidade do grau de mobilidade residencial entre os naturais e os migrantes. No que diz respeito às razões de mudança, são de grande valor estudos que abarquem a incidência dos motivos estruturais e comportamentais, tanto na população nativa, quanto para os migrantes de outras localidades, sejam de alto ou baixo status social.

A importância dos deslocamentos intra-periféricos, principalmente para a população de baixa renda aponta para a necessidade da compreensão do dinamismo da organização interna da cidade de Manaus e a proliferação de suas ocupações e loteamentos ilegais.

É necessária uma análise em relação à distância e relativa ao acesso ao trabalho para se compreender a atual articulação entre o núcleo central e as áreas periféricas, bem como a oferta de emprego nestes setores.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Maurício. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1987.
- BÄHR, Jürgen e MERTINS, Günter. Un modelo de la Diferenciación Socio-espacial de las Metrópolis de América de América Latina. México, DF, IPGH, **Revista Geográfica**, (98), p. 23-29, Julio-Diciembre, 1983.
- BENTES, Rosalvo Machado. Zona Franca, Desenvolvimento Regional e o Processo Migratório para Manaus. In: ARAGÓN, Luiz E. (org.) Migrações internas na Amazônia; contribuições teóricas e metodológicas por L. E. ARAGÓN e Luc J. MONGEOT. Belém, **Cadernos do NAEA**, 8, UFPA, NAEA, CNPQ, p. 220-254, 1986 .
- BERRY, Brian J. L. e BAKER, Alan M. Análise Espacial. Tradução de Chistiano Monteiro Oiticica. Instituto Panamericano de Geografia e História - Comissão de Geografia - **Textos Básicos - 3**. Rio de Janeiro, p. 1-17.
- BEZERRA, Vera M. d'Avila C. e CRUZ, Jana M. Imigração e favelas: o caso do Rio de Janeiro em 1970. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, 44 (2), p. 357-367, 1982.
- BOYCE, Ronald D. R. Residential Mobility and its Implications for Urban Spatial Change. **Proceedings of the Association of American Geographers**, v.1, 1969.
- BROWN, Lawrence A. e Eric G. MOORE. The Intra-urban Migration Process: A Perspective. **Geografiska Annaler**, Series B, 52B (1), 1970.
- BURGUESS, E. El crecimiento de la ciudad: introducción a un proyecto de investigación. In: **Estudios de Ecología Humana**. G. A Theodorsom. coord. Barcelona, Labor, 1974, p. 69-81.
- CARNEIRO FILHO, Arnaldo. **Manaus: fortaleza-extratativismo-cidade, um histórico de dinâmica urbana Amazônica**. Manaus, INPA, Mimeo, 1993.

- CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. Tradução de Arlete Caetano. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Localização Inicial do Imigrante na Cidade: O Caso do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, IBGE, 38 (3), p. 116-121, 1976.
- _____. **O Espaço Urbano**. São Paulo, Ed. Ática, 1989.
- _____. A organização Urbana. In: **Geografia do Brasil - Região Norte** - v. 3. Fundação Instituto de Geografia e Estatística, Diretoria de Geociências. Rio de Janeiro, 1991, p. 255-271.
- _____. O Espaço Urbano: Notas Teórico- Metodológicas. **Boletim de Geografia Teórica**, 21 (42), p. 101-103, 1991.
- _____. O Espaço Metropolitano e sua Dinâmica. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, nº 20, p. 60-63, março de 1996.
- CHEPTULIN, Alexandre. **A Dialética Materialista - Categorias e Leis da Dialética**. Tradução de Leda R. C. Ferraz. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1982.
- COSTA, Valéria G. **A Mobilidade Residencial: Um estudo de caso na favela Pau da Fome, município do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996.
- DAVIES, Shane; BLOOD, Richard e Melvin ALBAUM. The Settlement Pattern of Newly Arrived Migrants in Guadalajara. **Revista Geográfica**, Rio de Janeiro, v. 77, p. 114-121, 1972.
- ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de Rosa Camargo A. e Reginaldo Forti. São Paulo, Global, 1985.
- EYRE, L. A. The Shantytowns of Montego Bay, Jamaica. **Geographical Review**, New York, 62 (3), p. 394-413, 1972.
- FARRET, Ricardo. Mobilidade residencial intra-urbana e mobilidade ocupacional na população de baixa renda em Brasília. Relatório de Pesquisa

- ao CNPQ (mimeo), 1982.
- GREER, A. de Scott. **Urban Renewal and American Cities**. The Bobbs-Merrill Co. Indianápolis, 1965.
- HARTMAN, C.. The Housing of Relocated Families. **Journal of the American Institute of Planners**, 30 (4), p. 226-286, 1964.
- HORWOOD, E. M. e BOYCE, R. Studies of the central business district and urban freeway development. **In: The North american city**. M. Yeates, Seattle, University of Washington Press, 1959.
- HOYT, H. The pattern of movement of residential rental neighborhoods. **Readings in urban geography**, H. Mayer; C. Kohn. org. Chicago. The University of Chicago Press, 1958.
- _____. Recent distortions of the classical models of urban structures. Internal structure of the city. **Readings on space and environment**. L. S. Bourne, coord. New York, Oxford University Press, 1971.
- IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Anuário Estatístico do Brasil - 1990**. Rio de Janeiro, 1990.
- _____. **Censo Demográfico - 1991**, nº 4, Amazonas. Rio de Janeiro, 1991.
- IMPLAN (Instituto Municipal de Planejamento Urbano e Informática). **Manaus: Síntese da Evolução Urbana, Situação Atual e Planejamento**. Manaus, 1995.
- LEONG, Leyla. Manaus ainda não tem endereço fixo. **Jornal A Crítica**. Manaus, 25/09/94, D1.
- MANGIN, W. Latin American Squatter Settlements: A Problem and Solution. **Latin American Research Review**, Summer, 1971.
- MARQUES, Orleane Souza et alli. **Série Bairros de Manaus**, nº 2, Aparecida. Manaus, SECOM-AM, 1985.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. Fundação de Manaus. 4ª ed. aumentada, Manaus, Editora Metro Cúbico, 1995.

- NICÁCIO, Ricardo Manoel. **O Impacto da Zona Franca sobre a Qualidade de Vida em Manaus**. Brasília, ESAF, 1982.
- O'NEILL, M. Mônica. NATAL, M. Carneiro. Mobilidade residencial: alguns comentários. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 50 (2), p. 125-131, 1988.
- PACHECO, Suzana M. M. **Produção e Reprodução de Loteamento na Periferia do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1984.
- PAVIANI, Aldo; CAMPOS, Neio e FARRET, Ricardo. Mobilidade residencial em Cidade Planejada: Brasília-DF. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 52 (2), p. 5-19, 1990.
- SALAZAR, João P. **O Abrigo dos Deserdados - (Estudo sobre a remoção dos moradores da Cidade Flutuante e os reflexos da Zona Franca na habitação da população de baixa renda em Manaus)**. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 1985.
- SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana**. 2ª ed., São Paulo, HUCITEC, 1989.
- _____. **Metrópole Corporativa Fragmentada: O Caso de São Paulo**. São Paulo, Nobel, Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- SERRA, C. L. R. e CRUZ, W. R. **Aspectos Econômicos e Sociais da Cidade Flutuante**. Manaus, Gráfica Amazonas, 1964.
- SINGER, Paul. O uso do Solo Urbano na Economia Capitalista. In: **A Produção Capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil Industrial**, org. Ermínia MARICATO, São Paulo, Alfa-Omega, 1979.
- SOUZA, Marcelo José Lopes. O bairro contemporâneo: ensaio de uma abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, 51 (2) p. 139-172, 1989.

- SOUZA, Márcio. **A Expressão Amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo**. São Paulo, Alfa-Omega, 1977.
- SIMMONS, J. W. Changing Residence in the City: a Review Intra-urban Mobility. **The Geographical Review**. New York, 58 (4), p. 622-651, october, 1968.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo, DIFEL, 1983.
- TURNER, J. C. The Barriada Movement. **Progressive Architecture**, 49, 1968.
- _____. Housing Priorities, Settlement Patterns and Urban Development in Modernizing Countries. **Journal of American Institute of Planners**, 34 (6), 1968.
- VASCONCELLOS, L. G. Falcão. Manaus: nem todos têm direito à cidade. **Cadernos de Geografia - AGB/Seção Uberlândia**, nº 1, junho de 1988.
- VAUGHAN, Denton R. e FEINDT, Waltraut. Initial Settlement and intracity Movement of Migrants in Monterrey, México. **Journal of the American Institute of Planners**, 39 (6), p. 388-401, 1973.
- VERNEZ, Georges . Residential Movements of Low-Income Families: The Case of Bogotá, Colombia. **Land Economics**, 50 (4), p.421-428,1974.
- WARD, Petter M. Intra-City Migration to Squatter Settelements. In: México City. **Geoforum**, 7 (5/6), 1976.
- WOLPERT, Julian. Behavioral Aspects of the Decision to Migrate. **Papers of the Regional Science Association**, v. 15, 1965.
- YUJNOVSKY, Oscar. **La Estructura Interna de la Ciudad. El caso latino-americano**. Buenos Aires, Ediciones SIAP, 1971.

ANEXOS

ANEXO 1**Densidade Demográfica por Zona Geográfica da Cidade de Manaus - 1995**

Zona	População	Hectare	Pop./Ha.
Norte	129.339	7.620,41	16,97
Sul	356.923	3.547,19	100,62
Leste	203.451	7.727,11	26,33
Oeste	224.163	13.250,25	16,92
Centro-Sul	94.036	3.695	25,45
Centro-Oeste	130.267	1.897,55	68,65
TOTAL	1.138.179	37.737,51	30,2

Fonte: Diário Oficial - Estado do Amazonas - Prefeitura de Manaus

Decreto nº 2.924, de 07/08/1995. Manaus, 10/08/95.

16

Prezado Sr (a), *Elza Ribeiro Souza Alves*

A INSPETORIA SALESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA, examinou o seu pedido e decidiu, após a visita de uma comissão à sua residência, ceder para o senhor (a) um lote do terreno de sua propriedade, com as seguintes condições:

- 1º - Participar da reunião do dia 10 de dezembro, trazendo fotocópias da Carteira de Identidade e o CPF.
- 2º - Participar do mutirão de limpeza dos terrenos: a data deste mutirão será decidida no dia 10 de dezembro. São depois de ser feita a limpeza de todos os terrenos é que será feito o sorteio dos terrenos e a medição.
- 3º - O terreno cedido será de aproximadamente 300m²
- 4º - O terreno será cedido e não pode nem vendido. Será cedido inicialmente por 2 (dois) anos. Após dois anos, terá a cessão definitiva.
- 5º - Nestes dois anos não é permitido vender ou alugar nem o terreno, nem a(s) casa(s) nele construída(s).
- 6º - Se o senhor (a) precisar viajar não poderá colocar outra família no seu lugar, mas terá que evolver o terreno.
- 7º - Em contrapartida pela cessão do terreno, o senhor (a) se compromete a não deixar passar ervas no terreno de propriedade da INSPETORIA SALESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA e a protegê-la contra possíveis invasores.
- 8º - Para qualquer dúvida ou esclarecimento contactar com o Pe. Diretor do Centro Vocacional Salesiano.

O não comparecimento à reunião do dia 10 de dezembro, indica que o senhor (a) não aceitou estas condições e que poderemos, portanto, ceder o seu lote para outra pessoa.

Manaus, 28 de novembro de 1988

Blácio Grovenale
Diretor do Centro Vocacional Salesiano da ISMA -



ESTADO DO AMAZONAS
 PREFEITURA MUNICIPAL DE MANAUS
 Secretaria Municipal de Organização
 Social - Fundiária - SEMOSF

CONTRATO Nº 436/95

TERMO DE COMPROMISSO QUE ENTRE SI
 FAZEM O MUNICÍPIO DE MANAUS -
 PREFEITURA MUNICIPAL - ATRAVÉS DA
 SECRETARIA MUNICIPAL DE ORGANIZA-
 ÇÃO SOCIAL FUNDIÁRIA E Eanes
Barbosa da Silva.

PELO PRESENTE INSTRUMENTO PARTICULAR, E NA MELHOR
 FORMA DO DIREITO DE UMA LADO, NA CONDIÇÃO DE PROMITENTE COMO
 DORAVANTE SERÁ DESIGNADO, O MUNICÍPIO DE MANAUS - PREFEITURA
 MUNICIPAL -, PESSOA JURÍDICA DE DIREITO PÚBLICO INTERNO, ATRAVÉS
 DA SECRETARIA MUNICIPAL DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL FUNDIÁRIA, POR SEU
 REPRESENTANTE LEGAL, SR. RENATO ARAÚJO DE QUEIROZ, PORTADOR DA
 CÉDULA DE IDENTIDADE Nº 12916/SESEG/PR, CPF(MF) Nº 021179882-68,
 CASADO, DOMICILIADO E RESIDENTE NESTA CIDADE DE MANAUS, ESTADO
 DO AMAZONAS, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS, E DO OUTRO LADO,
 NA CONDIÇÃO DE PROMISSÁRIO, COMO ORA EM DIANTE SERÁ DESIGNADO,
 O SR. EANES BARBOSA DA SILVA.
 TEM ENTRE SI, CERTOS E AJUSTADOS AS DISPOSIÇÕES DO PRESENTE
 TERMO, QUE SERÁ REGIDO MEDIANTE AS CLÁUSULAS E CONDIÇÕES
 SEGUINTE:


PRIMEIRO - DO OBJETO

CONSTITUI OBJETO DO PRIMEIRO TERMO O ASSENTAMENTO
 PROVISÓRIO, A TÍTULO PRECÁRIO, DO PROMISSÁRIO, NA POSSE DO LOTE
 DO TERRENO Nº 07, QUADRA 31, RUA SÃO PAULO,
 BAIRRO JORGE TEIXEIRA, MEDINDO 8x25 M2, LOCALIZADO
 NO LOTEAMENTO POPULAR CIDADE DE DEUS., EM ÁREA LOTEADA,
 CONFORME PROCESSO DE URBANIZAÇÃO GERIDO PELA PROMITENTE.

PARÁGRAFO ÚNICO

O ASSENTAMENTO PROVISÓRIO A QUE SE REFERE O PRESENTE
 TERMO, DECORRE DO PLANO DE ASSENTAMENTO EM LOTEAMENTO POPULAR;
 DENOMINADO DE CIDADE DE DEUS., SITUADO NESTA CIDADE,
 EM ÁREA PERTENCENTE AO PATRIMÔNIO MUNICIPAL, COM AS DIMENSÕES,
 CONFRONTAÇÕES E LOCALIZAÇÕES: 8x25 ML

Eanes Barbosa da Silva


 Renato Araújo de Queiroz
 SECRETÁRIO MUNICIPAL
 SEMOSF



SEGUNDA - DO PROCESSO DE ASSENTAMENTO

O PROMISSÁRIO DEVIDAMENTE HABILITADO MEDIANTE CADASTRO JUNTO A SEMOSF, RECEBE NESTE ATO A POSSE PROVISÓRIA, EM CARÁTER PRECÁRIO, DO IMÓVEL DE QUE TRATA A CLÁUSULA PRIMEIRA, MEDIANTE DECLARAÇÃO EXPRESSA EM DOCUMENTO ANEXO, QUE FAZ PARTE INTEGRANTE DESTES INSTRUMENTO, QUE:

- a) NÃO É PROPRIETÁRIO DE QUALQUER IMÓVEL EM QUALQUER LOGRADOURO DA CIDADE DE MANAUS;
- b) NÃO POSSUI FAMILIARES NESTA CIDADE NO CASO DE PESSOA SOLTEIRA E/OU IDOSA;
- c) RESIDE EM IMÓVEL ALUGADO, CEDIDO EM COMODATA OU POR TOLERÂNCIA.

PARÁGRAFO PRIMEIRO

A SEMOSF, ATRAVÉS DE SUA EQUIPE DE TRABALHO COMUNITÁRIO VISITARA " IN LOCO ", PARA AVERIGUAR AS CONDIÇÕES DE CARÊNCIA DO PROMISSÁRIO, NECESSÁRIAS, E PARA DETERMINAR, ATRAVÉS DE PARECER SÓCIO-ECONÔMICO, O DEFERIMENTO EM CARÁTER DEFINITIVO, O ASSENTAMENTO DO PROMISSÁRIO.

PARÁGRAFO SEGUNDO

DE POSSE DO PARECER FAVORÁVEL DA PMM, OBSERVADOS OS DEMAIS REQUISITOS EXIGIDOS, O PROMITENTE EXPEDIRÁ ATO DE CONCESSÃO DE DIREITO REAL DE USO AO PROMISSÁRIO, SOB A CONDIÇÃO EXPRESSA DE QUE O MESMO OCUPE O IMÓVEL, PARA FINS DE HABITAÇÃO E RESIDÊNCIA, NO PRAZO MÁXIMO DE (03) TRÊS MESES.

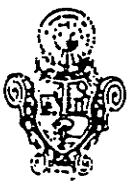
PARÁGRAFO TERCEIRO

O NÃO CUMPRIMENTO, PELO PROMISSÁRIO DA CONDIÇÃO DE DE OCUPAÇÃO RESIDENCIAL DO IMÓVEL CONCEDIDO, DENTRO DO PRAZO DE QUE TRATA O PARÁGRAFO ANTERIOR, IMPLICARÁ NA REVOGAÇÃO DE PLENO DIREITO, DA CONCESSÃO, E RETORNO DO IMÓVEL AO PATRIMÔNIO MUNICIPAL.

PARÁGRAFO QUARTO

NO ATO DE ASSENTAMENTO DEFINITIVO DO PROMISSÁRIO, NO IMÓVEL CONCEDIDO, O PROMISSÁRIO SE OBRIGARÁ, IGUALMENTE, A

Samuel Barbosa da Silva



DE DIREITOS, TRANSFERÊNCIA, LOCAÇÃO E/OU COMODATO A TERCEIROS, SEM EXPRESSO CONSENTIMENTO DO PROMITENTE, SOB PENA DE RESTITUIÇÃO DO IMÓVEL AO PATRIMÔNIO MUNICIPAL.

TERCEIRA - DAS INFRAÇÕES AO TERMO DE COMPROMISSO E CONSEQUÊNCIAS

NA HIPÓTESE DE INFRAÇÃO POR PARTE DO PROMISSÁRIO, A QUALQUER DAS CLÁUSULAS E CONDIÇÕES DO PRESENTE TERMO, ESPECIALMENTE AS RELATIVAS ÀS SUAS OBRIGAÇÕES, E DOS REQUISITOS ESSENCIAIS DO ASSENTAMENTO, O PROMITENTE PROMOVERÁ IMEDIATA REINTEGRAÇÃO DO IMÓVEL AO PATRIMÔNIO MUNICIPAL, SUJEITANDO O INFRATOR ALÉM DAS COMINAÇÕES LEGAIS APLICÁVEIS A ESPÉCIE, À DESOCUPAÇÃO IMEDIATA DO IMÓVEL, NO PRAZO DE 48 (QUARENTA E OITO) HORAS, A CONTAR DO RECEBIMENTO DA INTIMAÇÃO DA PMM POR ESCRITO.


QUARTA - DA VIGÊNCIA DO TERMO

O PRESENTE TERMO DE COMPROMISSO VIGORARÁ A PARTIR DE SUA ASSINATURA, ATÉ A DATA DA OCORRÊNCIA DO ATO DE ASSENTAMENTO DEFINITIVO COM O TÍTULO DE DOAÇÃO DO IMÓVEL OCUPADO PELO PROMISSÁRIO.

QUINTA - DO FORO

AS PARTES OBRIGAM-SE POR SI, SEUS HERDEIROS E SUCESSORES, AO FIEL E CABAL CUMPRIMENTO DO DISPOSTO NO PRESENTE TERMO, E ELEGEM O FORO DA COMARCA DE MANAUS, PARA DIRIMIR QUALQUER QUESTÕES DO MESMO ORIUNDAS.

E, FINALMENTE, POR ESTAREM DE PLENO ACORDO COM O ESTABELECIDO NO PRESENTE INSTRUMENTO AS PARTES ASSINAM-NO, EM DUAS VIAS, NA PRESENÇA DAS TESTEMUNHAS ABAIXO, PARA QUE PRODUZA OS DEVIDOS E LEGAIS EFEITOS. Manaus, 19 de dezembro de 1995.



Eanes Barbosa da Silva
PROMISSÁRIO

Testemunha:

Eanes Barbosa da Silva



ANEXO 4

QUESTIONÁRIO

ÁREA DE ESTUDO:

I. DADOS FAMILIARES

1. Morador: _____
2. Endereço: _____
3. Estado Civil: _____
4. Ano de Nascimento: _____
5. Número de Filhos: _____
6. Número de Ocupantes no Imóvel: _____

II. DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS

1. Escolaridade: _____
2. Profissão: _____
3. Emprego Atual: _____
 - A) Função: _____
 - B) Localização da Empresa: _____

4. Salário atual do Chefe (a):

- até 1SM^{*}
 de 1 a 3SM
 de 3 a 5 SM
 de 5 a 10 SM
 de 10 a 20 SM
 20 e mais
 Não respondeu

* Salários mínimos

5. Renda Familiar:

- até 1SM
 de 1 a 3 SM
 de 3 a 5SM
 de 5 a 10SM
 de 10 a 20 SM
 20 e mais
 Não respondeu

6. Número de Pessoas Economicamente Ativas: _____

III. ORIGEM

1. Naturalidade (município): _____
2. Se nasceu fora de Manaus, quando chegou à cidade? _____
3. Da Zona Rural () ou Urbana ()
4. Por que veio para Manaus? _____

IV. LOCALIZAÇÃO E TRABALHO INICIAL

1. Inicialmente, onde morou em Manaus?
 com amigos
 com parentes
 em casa alugada
 em casa própria
 outros _____
2. Qual bairro? _____
3. Primeiro trabalho - local: _____ tipo: _____
4. Como obteve? _____

V. RESIDÊNCIAS ANTERIORES EM MANAUS:

	PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA	QUARTA	QUINTA
Bairro					
Tempo de moradia em cada Residência					
Condição de Ocupação: Própria, Alugada, Ocupada, Cedida, Posse, Amigos e Parentes					
Motivo das Mudanças					
Local de Trabalho					

VI. HABITAÇÃO ATUAL

1. Condição de Ocupação:

() Própria () Alugada () Ocupada () Cedida () Posse () Amigos () Parentes

VII. INFRA-ESTRUTURA

1. Abastecimento de água:

() Canalizada da Rede

() Canalizada do Poço

() Poço

() Outra Forma _____

2. Energia elétrica:

2.1. Possui: () Sim () Não

2.2. Qual o tipo?

() ELETRONORTE () "Gato" () Outra forma _____

3. Instalação Sanitária:

3.1. Possui: Sim Não

3.2. Qual o tipo?

 Rede Geral Rede Pluvial Fossa Séptica Fossa Rudimentar Outra Forma _____

4. Destino do Lixo:

 Coletado Queimado Jogado Outra Forma _____**VIII. TRANSPORTES**1. Próprio Coletivo Outros _____

2. Custo mensal com transporte: _____

Observações:

ANEXO 5

5-a Características da Área de Estudo do bairro Aparecida

ÁREA DE ESTUDO: APARECIDA															
NÚMERO	ORIGEM	OC 1	MD1	OC 2	MD 2	OC 3	MD 3	OC 4	MD 4	OC 5	MD 5	H. A.	IDADE	RENDA	ESCOL.
1	AC	1	15	1	10							1	6	7	2
2	AM	2	7									1	7	2	2
3	MAO	1										1	5	4	4
4	MAO	1										1	7	2	3
5	MAO	1										1	7	3	3
6	MAO	1	16									1	5	4	2
7	MAO	1										1	5	2	3
8	MAO	1	7									1	6	2	4
9	MAO	1										1	7	2	3
10	MAO	1										1	5	3	3
11	MAO	1										1	5	4	2
12	AM	1	16									2	5	4	3
13	CE	1										1	5	2	3
14	CE	2	3									2	5	4	2
15	AM	1	10									1	7	2	6
16	MAO	1										1	7	2	1
17	MAO	1										1	7	6	4
18	MAO	2	10									1	5	6	5
19	PORT	1										1	7	2	3
20	MAO	1	15									1	5	6	5
21	AC	1										1	6	2	1
22	PA	1	7	2	10	2	3					1	3	5	4
23	MA	2	16									1	6	6	5
24	MAO	1										1	7	6	5
25	MAO	1										1	5	4	3
26	AM	1										1	6	2	2
27	MAO	1	12									1	7	3	1
28	AC	2	16									1	6	2	2
29	MAO	1										1	7	2	2
30	MAO	7	16									2	3	2	4
31	PA	2	3	2	3							2	4	4	5
32	AM	1										1	7	1	2
33	MAO	1	15									1	3	3	4
34	PA	1	6									2	3	4	4
35	MAO	1	5									1	4	5	4
36	MAO	1										1	6	3	4
37	AM	1	8	1	4							2	4	3	3
38	PA	1										1	7	4	3
39	MAO	2	13	2	16	2	16	8	16			1	5	4	3
40	PA	2	16	2	12	2	3	2	3	2	3	2	5	6	4

CONTINUAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO DE APARECIDA															
NÚMERO	ORIGEM	OC 1	MD1	OC 2	MD 2	OC 3	MD 3	OC 4	MD 4	OC 5	MD 5	H. A.	IDADE	RENDA	ESCOL
41	AM	2	7	1	1							1	7	7	1
42	MAO	2	1									1	6	3	1
43	PORT	7	10	7	16							1	7	7	2
44	AM	2	7	2	9	2	7	7	7			1	7	4	2
45	CE	2	12	2	1							1	5	4	5
46	MAO	2	13									1	4	3	4
47	MA	4										4	4	2	3
48	AM	2	3	2	3	2	1	1	12	2	3	2	5	6	3
49	MAO	2	3									2	3	2	2
50	MAO	1	16	1	7	1	9	1	9	2	1	1	5	7	4
51	MAO	1										1	2	2	3
52	MAO	2	5	2	11							1	7	7	4
53	AM	1	4									1	2	2	2
54	AM	7	15	6	5	2	5	2	3	2	1	1	3	5	4
55	MAO	1										1	4	6	4
56	MAO	2	1									1	7	1	2
57	MAO	1										1	7	5	4
58	MAO	1										1	3	4	4
59	RR	1										1	3	2	2
60	MAO	1	13	7	13							1	3	7	3
61	MAO	2	1									1	6	5	2
62	MAO	1										1	3	3	4
63	MAO	1										1	4	4	4
64	MAO	1										1	6	2	3
65	MAO	1										1	4	5	4
66	MAO	1										1	4	3	4
67	MAO	1										1	4	5	4
68	AC	2	16	1	1	1	10	1	10			1	6	4	4
69	AM	6	15	6	1							1	5	1	2
70	MAO	2	15									1	2	1	2

5-b Características da Área de Estudo do conjunto D. Pedro

ÁREA DE ESTUDO: D. PEDRO															
NÚMERO	ORIGEM	OC 1	MD1	OC 2	MD 2	OC 3	MD 3	OC 4	MD 4	OC 5	MD 5	H. A.	IDADE	RENDA	ESCOL
71	MAO	1										1	5	3	2
72	MAO	1	4									1	5	3	4
73	MAO	1										1	2	6	4
74	MAO	1										1	2	5	4
75	PA	7	4	2	3							1	6	4	4
76	AM	7	15	7	15							4	4	1	3
77	PA	1	15	1	14							1	7	7	2
78	MAO	1	1									1	4	2	4
79	MAO	1	1									1	3	5	4
80	MAO	1	4	2	1							1	6	6	4
81	MAO	1										1	6	4	4
82	MAO	1										1	2	5	4
83	MAO	1	7	2	1	1	6					2	2	6	4
84	MAO	7	1									1	5	2	4
85	AM	1	1									1	4	6	5
86	MAO	1										1	1	4	3
87	CE	2	12	2	16							1	6	7	2
88	PORT	2	16	2	12	2	1					1	7	5	4
89	MAO	1										1	5	4	5
90	MAO	1										1	2	4	4
91	AM	7	3	2	3	1						1	6	2	4
92	AM	1	4	2	3	2	1					1	5	4	4
93	MAO	1	4									1	5	2	4
94	MAO	2	1									1	7	2	1
95	MAO	1	10									1	6	7	2
96	MAO	1	1									1	6	5	2
97	MAO	2	1									1	5	5	4
98	AM	1	4	2	3	7	15	2	3	1	10	1	6	5	2
99	CE	7	1									1	3	6	2
100	RS	8	10	8	15							2	6	3	5
101	AM	7	15	8	15	2	4	2	1			1	7	5	4
102	RJ	2	1									1	5	6	5
103	PA	1	16	2	15	2	1					1	6	2	2
104	MAO	1	4									1	4	6	5
105	PA	1	4									7	2	7	4
106	AM	1	15									8	7	6	4
107	PA	8	15									8	1	7	3
108	MAO	1	1									1	5	3	4
109	AC	4	1									1	4	3	4
110	PE	7										7	2	7	4

CONTINUAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

D. PEDRO

NÚMERO	ORIGEM	OC 1	MD1	OC 2	MD 2	OC 3	MD 3	OC 4	MD 4	OC 5	MD 5	H. A.	IDADE	RENDA	ESCOL
111	AM	1										1	6	7	3
112	MAO	1	6									1	5	7	3
113	MAO	1	15	1	9	1	9					1	4	3	2
114	MAO	1										1	3	3	4
115	PA	8	16									1	6	7	4
116	PA	1	4									1	4	6	5
117	MAO	1	11									2	3	5	5
118	AC	1	1									1	4	5	3
119	MAO	1	4	7	7							2	2	2	3
120	RJ	1										1	3	3	5
121	MAO	4	1	15								1	4	2	4
122	SP	2	4									1	4	6	5
123	AM	2	1									1	6	5	5
124	MAO	2	16	2	1	1	5	4	1	1	4	1	6	2	4
125	MAO	1	4									1	5	4	3
126	AM	1	4	1	12							1	4	6	5
127	MAO	1	9									1	4	2	2
128	AM	2	3	7	1							1	4	7	5
129	AM	8	16	2	3	2	3					1	5	4	3
130	AM	2	3									1	3	4	4
131	MAO	8	16									1	5	4	5
132	AM	1	1									1	5	5	4
133	MAO	1										1	2	7	3
134	MAO	1										1	2	7	4
135	MAO	1										1	2	5	4
136	RN	7	3	2	4	2	1					1	5	3	5
137	PE	2	1									1	5	3	5
138	PA	7	5	6	15	7	5					8	2	7	2
139	AM	2	4	1	6							1	4	4	4
140	AM	1										1	4	7	3

5-c Características da Área de Estudo da ocupação Nova Luz

ÁREA DE ESTUDO: NOVA LUZ																
NÚMERO	ORIGEM	OC 1	MD1	OC 2	MD 2	OC 3	MD 3	OC 4	MD 4	OC 5	MD 5	H. A.	IDADE	RENDA	ESCOL	
141	MT	6	15	7	1	2	6	2	9	1	2	1	4	7	3	
142	MAO	2	2									1	4	2	2	
143	PA	7										7	5	1	2	
144	RN	2	3	6	2							1	5	1	2	
145	AM	2	3	2	1	1	4					1	4	3	3	
146	AM	2	15	1	8	2	1	1	15	1	7	1	7	5	2	
147	PA	7	7	7	15	2	1					1	4	3	3	
148	AM	6	3	2	2							1	6	1	2	
149	AM	7	1									1	2	1	2	
150	AC	7	14	1	2							1	5	1	2	
151	AM	8	7	7	1	1	4	1	2	1	11	1	4	1	2	
152	PA	2	1									1	3	1	2	
153	AM	4										4	2	2	2	
154	PA	2	3	2	2							1	3	7	1	
155	AC	1	2									1	4	3	4	
156	RR	2	7	1	1	1	11	2	2			1	4	2	2	
157	MAO	1	1									1	7	1	2	
158	CE	1	11	1	1							1	2	3	3	
159	AM	1										1	4	3	2	
160	MAO	1	1	1	2							1	4	1	2	
161	AM	1	2									1	5	2	1	
162	MAO	7	7	7	1	1	7	7	2			1	5	2	2	
163	AM	7	7	7	2							1	4	1	1	
164	MA	4	2									1	7	2	1	
165	PB	2	3	2	3	2	3					2	3	3	2	
166	MAO	2	1	1	4							1	3	2	2	
167	AM	7	15									1	4	7	1	
168	PA	7	8									1	4	2	2	
169	PA	2	15	4	2	1	14					4	5	2	2	
170	AM	1	4	1	16	7	1					1	4	2	2	
171	AM	7	7	1	15	1	8					1	5	1	2	
172	PA	2	15	2	3	7	2					1	4	7	2	
173	MAO	1	7	4	2							1	3	2	2	
174	MAO	7	16									1	2	2	2	
175	AM	6	15	6	16	8	16					1	6	2	2	
176	AC	7	1	7	1	1	15					1	6	7	2	
177	AM	2	1									1	3	2	2	
178	MAO	2	2									1	3	2	2	
179	AM	7	7	7	7	7	1	1	7			1	4	2	2	
180	AM	2	3	2	1	1	15					7	6	3	3	

5-d Características da Área de Estudo do loteamento Cidade de Deus

ÁREA DE ESTUDO: CIDADE DE DEUS															
NÚMERO	ORIGEM	OC 1	MD1	OC 2	MD 2	OC 3	MD 3	OC 4	MD 4	OC 5	MD 5	H. A.	IDADE	RENDA	ESCOL
181	PA	7	6	7	2							1	4	2	2
182	AC	4	10	4	11	4	2					1	5	7	1
183	AM	1	15									1	3	3	3
184	MA	1	9									1	4	7	4
185	MAO	7	1									1	3	1	3
186	MAO	2	1									1	5	4	4
187	AM	7	1									1	1	7	2
188	AM	1										1	7	1	1
189	MAO	2	1									1	5	2	2
190	MAO	1	2									1	3	2	2
191	MAO	1	2									1	3	7	2
192	MAO	2	7	2	1	1	4	1	15			1	4	2	2
193	PA	1										1	3	1	3
194	PA	2	1									1	3	3	2
195	PA	2	1									1	5	2	2
196	PA	2	3	15	2	3	2	2				1	4	2	3
197	PA	2										2	1	1	3
198	PA	8	15	8	4	1	8					1	3	1	1
199	AM	1	9	1	15	1	15	2	15	1	15	1	6	7	2
200	AM	1										1	1	7	2
201	PA	7	9	2	3							4	3	2	3
202	MAO	1	7	1	2							1	2	1	2
203	AM	1	7	8	7	1	7	4	1	1	2	1	4	1	4
204	MAO	2	3	2	3	7	15	7	2	1	2	1	6	1	2
205	PA	7	4	2	3	2	2					1	3	2	2
206	AM	4	2									1	5	1	1
207	MAO	1	7									1	2	1	3
208	AM	2	2	1	8							1	5	1	1
209	AM	7	1	1	15							1	4	2	3
210	RO	2	7									1	5	1	1
211	AM	4	1									1	3	1	2
212	MAO	2	2									1	1	1	3
213	MAO	2	2									1	2	7	4
214	MAO	1	4									1	2	1	2
215	MA	1	5									1	2	2	2
216	PA	7	2									1	3	7	3
217	PA	2	3	2	3	3	1	1	8			1	4	7	2
218	MAO	1	11									1	3	1	2
219	PA	2	15	7	2							1	4	1	2
220	MA	2	2									1	3	7	2

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.

5-e Características das Áreas de Estudo - Código para Interpretação

- (a) número - numeração dada ao questionário da pesquisa de campo
- (b) origem:
- i. MAO - Manaus;
 - ii. PORT. - Portugal, e
 - iii. as demais abreviaturas obedecem as siglas dos estados brasileiros.
- (C) primeira ocupação (OC1), segunda ocupação (OC2), terceira ocupação (OC3), quarta ocupação (OC4), quinta ocupação (OC5), e habitação atual (H.A):
- 1- própria
 - 2- alugada
 - 3- ocupada
 - 4- cedida
 - 5- posse
 - 6- amigos
 - 7- parentes
 - 8- outros
- (D) primeira mudança (MD1), segunda mudança (MD2), terceira mudança (MD3), quarta mudança (MD4) e quinta mudança (MD5):
- 1- aquisição da casa própria
 - 2- aquisição do terreno
 - 3- aluguel
 - 4- casamento
 - 5- trabalho
 - 6- distância
 - 7- em função da família
 - 8- separação
 - 9- adaptação ao lugar
 - 10- melhor moradia
 - 11- venda da casa
 - 12- tamanho da casa
 - 13- reforma
 - 14- enchente
 - 15- outros
 - 16- não respondeu/sabe

(e) idade

- 1- até 18 anos
- 2- 19 a 24 anos
- 3- 25 a 34 anos
- 4- 35 a 44 anos
- 5- 45 a 54 anos
- 6- 55 a 64 anos
- 7- 65 e mais

(f) renda

- 1- até 1 salário mínimo
- 2- 1 a 3 salários mínimos
- 3- 3 a 5 salários mínimos
- 4- 5 a 10 salários mínimos
- 5- 10 a 20 salários mínimos
- 6- 20 e mais salários mínimos
- 7- não respondeu

(g) escolaridade

- 1- analfabeto
- 2- até primário completo
- 3- até primeiro grau completo
- 4- até segundo grau completo
- 5- superior completo
- 6- não respondeu

ANEXO 6

Organização Espacial da Área Central e da Periferia Urbana de Manaus

6-a) Os critérios utilizados

Na ausência de definição formal das áreas central e periférica de Manaus, fomos obrigados, mesmo que preliminarmente, a definir estas áreas. E o fazemos porque esta organização espacial é uma base para o nosso estudo na identificação dos padrões espaciais da mobilidade residencial e da localização inicial do migrante.

Os critérios utilizados foram os conhecimentos teóricos e empíricos ligados a esta temática. Na definição da área central, que engloba o núcleo central e a zona periférica do centro, reportamo-nos aos estudos propostos por Burgess¹ em 1925, através de seu modelo dos anéis concêntricos a partir do Central Business District-CBD; do conceito de núcleo central (core) e zona periférica do centro (frame), de Horwood e Boyce² e do modelo em setores de Hoyt³. Além destes, os estudos que analisaram a estrutura interna da cidade latino-americana, como os de Yujnovsky⁴, Bähr e Mertins⁵ e, para a realidade brasileira, as análises de Corrêa⁶ e Abreu⁷, dentre outros.

Em geral, a definição de periferia está relacionada à distância ao centro metropolitano ou às condições de habitação da classe trabalhadora. Partiremos

¹ BURGESS, E. El crecimiento de la ciudad: introducción a un proyecto de investigación. In: Estudios de Ecología Humana. G. A. Theodorson, coord. Barcelona, Labor, 1974.

² HORWOOD, E. M.; BOYCE, R. R. Studies of the central business district and urban freeway development. In: The North American city. M. Yeates, Seattle, University of Washington Press, 1959.

³ HOYT, H. The pattern of movement of residential rental neighborhoods. Readings in urban geography, H. Mayer, C. Kohn, org. Chicago, The university of Chicago Press, 1958.

⁴ YUJNOVSKY, O. Recent distortions of the classical models of urban structures. Internal structure of the city. Readings on space and environment. L. S. Bourne, coord. New York, Oxford University Press, 1971.

⁵ BÄHR J.; MERTINS, G. La estructura interna de la ciudad: el caso latino-americano. Buenos Aires, Ediciones Siap, 1971.

⁶ BÄHR J.; MERTINS, G. Un modelo de la diferenciación socio-espacial de las metrópolis de América Latina. Revista Geográfica, México, DF, IPGH (98), 1983.

⁷ CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo, Ática, 1989.

⁷ ABREU, M. de Almeida. Evolução Urbana do Rio de Janeiro, IPLANRIO, 1987.

de quatro conceitos que são fundamentais para esta análise: a renda da terra, a distância, a segregação urbana e o conteúdo social.

Não pretendemos aqui desenvolver teoricamente os conceitos acima relacionados, mas apenas utilizá-los para a melhor compreensão da organização periférica e a sua aplicabilidade no espaço urbano de Manaus.

A renda da terra urbana interessa-nos na medida em que a renda do solo urbano, na economia capitalista, é que vai regular a ocupação do espaço, acirrando a competição entre os seus diferentes usos e acesso de utilização⁸.

O conceito de periferia não pode estar sempre associado ao fator da distância, mesmo que este ainda predomine. “Os diferenciais das formas que a ocupação urbana assume na periferia são, em relação ao uso residencial, os seguintes: urbanização de status e urbanização popular”⁹. A ação dos proprietários fundiários será efetuada de acordo com a localização de suas áreas e o potencial da forma de ocupação.

Certamente, as áreas bem localizadas e valorizadas por amenidades físicas ou socialmente produzidas, são destinadas à população de renda elevada. Surgindo, nesse sentido, os bairros de status em áreas periféricas. Cabe, porém, cabe ressaltar que tais bairros de status não são socialmente periféricos¹⁰. De modo oposto, às áreas mal localizadas e sem o mínimo de infra-estrutura, não resta outra alternativa aos proprietários fundiários senão o loteamento de suas terras para a população de baixa renda.

Desse modo, o espaço urbano passa a ser ocupado e disputado por diferentes classes sociais, configurando-se, assim, uma segregação sócio-espacial da cidade.

A segregação residencial é a “tendência à organização do espaço em zonas de forte homogeneidade social interna e de forte disparidade social entre

⁸ SINGER, Paul. “O Uso do Solo Urbano na Economia Capitalista”. In: *A Produção Capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil Industrial*, org. Ermínia MARICATO, São Paulo, Alfa-Omega, 1979.

⁹ CORRÊA, op. cit, p. 18.

¹⁰ CORRÊA, op. cit, p. 18.

elas, entendendo-se esta disparidade não só em termos de diferença, mas de hierarquia”¹¹. Esta organização espacial em diferentes níveis, determina a localização residencial no espaço urbano.

A periferia é ampla e diversa no seu espaço interno, refletindo a complexa estrutura social em classes. Abrange, unidades de áreas, setores e bairros do espaço urbano no qual grande parte de sua população é caracterizada pela baixa renda e a precariedade no atendimento dos serviços urbanos, principalmente, na denominada periferia distante. Mas, há setores ou até mesmo bairros com elevado padrão urbanístico em que uma minoria conta com certos privilégios, desfrutando de uma excelente infra-estrutura e luxuosas habitações.

O resultado deste estudo está sujeito, naturalmente, a críticas, pois esta definição da organização espacial da área central e da periferia de Manaus deve ser objeto de uma profunda análise sistemática. No entanto, as possíveis mudanças que poderão ocorrer nesta análise não alteram de forma substancial o resultado da definição elaborada.

6-b) As características gerais das áreas

As características do Distrito Central de Negócios de Manaus não diferem muito daquelas das análises que os estudiosos fizeram para essa área em outros centros urbanos. A seguir, destacaremos as características mais importantes do núcleo central. Trata-se da área da cidade de uso mais intensivo do solo, com a maior concentração das atividades econômicas. Inclusive, a Zona Franca Comercial é parte integrante desta área. Por outro lado, é o centro de decisões e serviços, com a presença dos escritórios centrais das principais empresas que atuam na cidade, bem como das agências bancárias.

O Estado tem muitas de suas instituições aí representadas, o poder judiciário, as secretarias, as delegacias fiscais e outros órgãos públicos

¹¹ CASTELLS, M. A Questão Urbana. Tradução de Arlete Caetano. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

importantes. Estão presentes também no núcleo central, a Catedral, na Praça da Matriz e outros templos religiosos; assim como o principal símbolo do Ciclo da Borracha e atrativo turístico e cultural da cidade, o Teatro Amazonas.

É a área em que trafega o maior número de veículos; segundo a Secretaria Municipal de Transportes Urbanos, aproximadamente 80% da frota do transporte urbano vai até o “terminal” da Praça da Matriz.

Ao contrário do que ocorre em outros centros urbanos, o processo de verticalização não se concentra de forma hegemônica no núcleo central de Manaus e, sim, na área central e, com maior acentuação, na periferia imediata. A concentração da população nesse setor ocorre no período diurno, durante o expediente comercial; à noite esta área fica praticamente deserta, mesmo contando com algumas residências.

No Distrito Central de Negócios estão também localizados os pequenos estabelecimentos como papelarias, restaurantes, lanchonetes, gráficas e outros negócios que estão associados as atividades comerciais principais e das quais são dependentes. E, simultaneamente, representa as contradições da concentração do capital, tais como os camelôs, os catadores de papel, os meninos e meninas de rua, os mendigos, pedintes e outros agentes que representam a economia informal, o trabalho infantil e a miséria dos excluídos da sociedade.

A expansão da zona periférica do centro de Manaus ocorre principalmente nas direções Leste e Norte do Distrito Central de Negócios, ocupando praticamente todo o traçado planejado por Eduardo Ribeiro em 1892 (vide mapa 8).

Observamos que entre a rua Floriano Peixoto, o rio Negro e o igarapé dos Educandos, encontram-se depósitos atacadistas, hotéis e pensões de baixa categoria, residências deterioradas e multifamiliares. Já, a partir da rua Marquez de Santa Cruz e Barão de São Domingos situa-se a área portuária, onde se encontra o porto flutuante. Em função de sua localização geográfica, entre os

principais rios da bacia Amazônica, o porto de Manaus tem uma importância fundamental para a cidade e região, seja como terminal de passageiros seja de cargas, ligando Manaus às cidades do interior do estado e demais regiões da Amazônia por via fluvial. Nessa área também localiza-se o mercado municipal e o setor de comércio varejista, especializado em artigos direcionados às populações ribeirinhas.

Iniciando na rua Frei José dos Inocentes e contornando a praça Osvaldo Cruz até o limite com o rio, esse setor da zona periférica do centro é caracterizado pela localização de grande parte dos órgãos públicos, a exemplo da Assembléia Legislativa, Prefeitura Municipal, Câmara Municipal, Instituto Nacional da Previdência Social, Centrais Elétricas do Amazonas e outros. De outra forma, nota-se a presença de antigos prédios e residências em processo de deterioração.

A rua Luiz Antony, no bairro de Aparecida, é outro setor que pode ser incorporado à zona de obsolescência do centro, pois possui um comércio varejista pulverizado e com fortes relações espaciais com o núcleo central.

A unidade de área situada entre as avenidas Leonardo Malcher, Constantino Nery, boulevard Álvaro Maia e a rua Joaquim Nabuco é caracterizada por um comércio bastante diversificado e pela prestação de serviços, estando intrinsecamente ligada ao núcleo central. Verifica-se ainda nesse setor, a presença de algumas instituições como a Empresa Amazonense de Turismo - EMANTUR- SESI-SENAI e outras.

A área central expande-se até aos bairros da Praça Quatorze de Janeiro e da Cachoeirinha. Constata-se que o uso do solo nesta área dá-se de forma semi-intensiva com extensa escala horizontal. A Praça Quatorze de Janeiro caracteriza-se por uma forte concentração de atividades econômicas no setor de autopeças, formando uma área de coesão e aglomerando um grande número de oficinas mecânicas. O bairro da Cachoeirinha não pode ser todo incluído na zona periférica do centro porque a maior parte de seu comércio e serviços está

localizada nas avenidas Carvalho Leal e Presidente Castelo Branco, além do terminal de transporte urbano que se encontra nessas proximidades. Fora desses limites, é um bairro residencial sem maiores vinculações com a zona de obsolescência do centro.

A periferia imediata, que se assemelha ao modelo de Hoyt, é formada por bairros caracterizados pela descontinuidade espacial, formando setores ao longo da área central, conforme indicado no mapa 7. Não há um padrão homogêneo em sua forma de ocupação, notam-se desde a presença de palafitas, construídas às margens do igarapé em Educandos, até as mansões suntuosas em Adrianópolis.

Essa área possui uma estratificação social heterogênea, destacando-se a concentração da classe média consolidada em alguns de seus setores, como exemplo, o Vieiralves. A população é distribuída espacialmente de forma variada, com densidades demográficas altas em alguns bairros como Santa Luzia, Glória e Educandos e densidades médias em outros, a exemplo da Cachoeirinha.

Encontram-se nessa área periférica os núcleos secundários de comércio e serviços em forma de eixos. As avenidas Djalma Batista, na Chapada, e Leopoldo Peres, em Educandos, são exemplos destes subcentros espontâneos.

A inclusão dos bairros de São Raimundo e da Glória a esta área, deve-se às fortes relações que estes mantêm com a área central, as quais começaram a consolidar-se após a construção da ponte Fábio Lucena, facilitando o acesso ao bairro de Aparecida e, conseqüentemente, ao núcleo central.

A definição da periferia intermediária exigiu critérios mais rigorosos em função de seu caráter de transição entre a periferia imediata e a periferia distante e, conjuntamente ao fato de ser uma das áreas periféricas mais complexas e diversas internamente, seja na composição de seus bairros, abrangendo várias zonas da cidade, seja na sua estratificação social.

A distribuição espacial de sua população é caracterizada de forma irregular com altas, médias e baixas densidades demográficas, sendo que os bairros de Petrópolis, Japiim e Aleixo, respectivamente, representam esse setor.

Se, por um lado, a urbanização dos bairros do Parque Dez e do Aleixo direcionou-se para os setores médios da sociedade manauara, com uma ação estratégica dos promotores imobiliários reservando consideráveis parcelas de terras para fins de especulação imobiliária, por outro lado, há bairros que são ocupados por uma população carente e habitando em residências insalubres, como é o caso do bairro da Compensa.

O principal subcentro comercial planejado, o Amazonas Shopping Center encontra-se na periferia intermediária, entre as avenidas Djalma Batista e Darcy Vargas. Simultaneamente, nota-se a presença e o surgimento de outros subcentros comerciais espontâneos: a rua do Comércio no Parque Dez é um exemplo desta realidade.

A divisão do Distrito Industrial em duas áreas deu-se em função de sua grande extensão territorial e a ocupação rarefeita após a avenida Grande Circular na Zona Leste da cidade.

Para a melhor compreensão do arranjo espacial da periferia distante, vamos subdividi-la em três subáreas. A primeira é formada pelos bairros da Ponta Negra e Tarumã (vide mapa 7). É uma subárea que dispõe de um excelente potencial turístico e ecológico, na qual observa-se um processo de ocupação em função do lazer e de alguns setores residenciais de alto status. Recentemente, foi definida pela Lei Municipal de nº 321/95 como uma das unidades de conservação ambiental da cidade. Em função de sua ocupação urbana incipiente, possui uma das mais baixas densidade demográficas de Manaus, menos de 1 hab./ha.¹²

A segunda subárea corresponde aos bairros que compõem a zona Norte, caracterizada pela implantação de grandes conjuntos habitacionais destinados a

¹² Fonte: Instituto de Planejamento Urbano e Informática - IMPLAN.

classe baixa. A Cidade Nova foi o núcleo original desse processo. As ocupações como em Novo Israel, Monte das Oliveiras e Santa Etelvina e os loteamentos clandestinos na Cidade de Deus são exemplos de outras formas de ocupação a que a população se submete para obter moradia. Segundo estudos do IMPLAN, esta zona vem passando por um processo de expansão urbana e renovação do padrão habitacional localizado nas vias estruturais. Com relação ao estrato social, é baixo, em processo de ascensão. As longas distâncias do núcleo central e do local de trabalho associadas a um transporte urbano ineficiente, são os principais problemas que esta população enfrenta no seu cotidiano.

A terceira e última subárea da periferia distante está situada na zona Leste de Manaus, exceto o bairro do Coroado, conforme apresentado no mapa 7. Área caracterizada por uma rápida expansão urbana e palco de inúmeras ocupações ao longo das margens dos igarapés e fundo de vales. Encontra-se desprovida, em sua maior parte, de uma mínima infra-estrutura e de serviços urbanos que atendam a sua população que, em sua maioria, é de baixa renda. Resumindo, é uma zona duplamente periférica, seja nas características físicas, seja nas sociais.

6-c) Os limites espaciais

De acordo com o mapa 8, observamos que o núcleo central de Manaus inicia-se próximo ao rio Negro, nas ruas Floriano Peixoto e Marquez de Santa Cruz, estendendo-se até a rua Ramos Ferreira e, entre a avenida Epaminondas, continuando na rua da Instalação, e incluindo a avenida Getúlio Vargas.

A zona periférica do centro limita-se ao Norte com o boulevard Álvaro Maia, a Leste com a avenida Carvalho Leal, no bairro da Cachoeirinha, a Oeste, com o início da avenida Constantino Nery e a rua Luiz Antony, no bairro Aparecida, abrangendo também as adjacências da Prefeitura Municipal e da Assembléia Legislativa e finalmente ao Sul, com o rio Negro e com a margem direita da foz do igarapé dos Educandos.

A delimitação das áreas periféricas baseou-se nos critérios enumerados no primeiro item deste anexo e na delimitação dos bairros da cidade de Manaus, de acordo com a Lei Municipal nº 287/95, tendo sido realizada pelo Instituto Municipal de Planejamento Urbano e Informática - IMPLAN - conforme indicado no mapa 7, no capítulo IV.

A periferia imediata é composta pelos seguintes bairros: Educandos, Santa Luzia, Cachoeirinha - a partir da avenida Carvalho Leal - Raiz, São Francisco, Adrianópolis, Nossa Senhora das Graças, Chapada, São Geraldo, Presidente Vargas, Aparecida - a partir da rua Luiz Antony - Glória e São Raimundo.

São os seguintes bairros que compõem a periferia intermediária: Colônia Oliveira Machado, Morro da Liberdade, Betânia, São Lázaro, Crespo, Vila Buriti, Distrito Industrial - até a avenida Grande Circular - Japiim, Petrópolis, Coroado, Aleixo, Parque Dez, Flores, Bairro da Paz, D. Pedro, Alvorada, Redenção, Planalto, Nova Esperança, Lírio do Vale, Santo Agostinho, Compensa, Vila da Prata, São Jorge e Santo Antônio.

E, finalmente, a periferia distante que abrange os seguintes bairros: Mauazinho, Colônia Antônio Aleixo, Puraquequara, Distrito Industrial (Norte) - a partir da avenida Grande Circular - Armando Mendes, Zumbi dos Palmares (Bairro no qual localiza-se a ocupação Nova Luz) , São José, Tancredo Neves, Jorge Teixeira, Cidade Nova (bairro em que localiza-se o loteamento Cidade de Deus), Colônia Santo Antônio, Novo Israel, Colônia Terra Nova, Monte das Oliveiras, Santa Etelvina, Tarumã e Ponta Negra.

ANEXO 7

Manaus: Número de Mudanças, segundo os Motivos por Áreas de Estudo

Motivos \ Mudanças/Áreas	Aparecida	D. Pedro	Nova Luz	Cidade de Deus	Total
Aquisição da casa própria	10	25	19	11	65
Aluguel	12	12	9	8	41
Aquisição do terreno	-	-	18	17	35
Família	8	2	12	7	29
Casamento	2	18	4	4	28
Melhor moradia	7	3	-	1	11
Adaptação ao lugar	3	3	1	3	10
Trabalho	4	3	-	1	8
Separação	1	-	3	3	7
Tamanho da casa	4	3	-	-	7
Venda da casa	1	1	3	2	7
Distância	1	3	1	1	6
Reforma da casa	4	-	-	-	4
Enchente	-	1	3	-	3
Outros	6	14	11	11	42
Não respondeu/sabe	12	6	4	-	22
Total de Mudanças/Área	75	94	87	69	325

Fonte: Questionário - pesquisa de campo, janeiro/fevereiro de 1996.